



**Universidade Federal de Mato Grosso  
Faculdade de Comunicação e Artes  
Programa de Pós-graduação em Comunicação e Poder - PPGCOM-UFMT**

**Marcelo Almeida Duarte**

**É tarde, já vou indo: ensaio sobre a morte assistida e suas subtipologias em uma  
abordagem comunicacional pragmatista**

**Cuiabá  
2024**

**Marcelo Almeida Duarte**

**É tarde, já vou indo: ensaio sobre a morte assistida e suas subtipologias em uma abordagem comunicacional pragmatista**

Dissertação apresentada a banca como requisito necessário à obtenção do título de mestre em Comunicação e Poder.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Pinto de Oliveira

**Cuiabá  
2024**

## Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

DS12é Duarte, Marcelo Almeida.

É tarde, já vou indo [recurso eletrônico] : Ensaio sobre a morte assistida e suas subtipologias em uma abordagem comunicacional pragmatista / Marcelo Almeida Duarte. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 129 f., il. color., pdf). -- 2024.

Orientador: Pedro Pinto de Oliveira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cuiabá, 2024.

Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.

Inclui bibliografia.

1. Morte assistida. 2. Acontecimento. 3. Comunicação. 4. Subtipologias. 5. Pragmatismo. I. de Oliveira, Pedro Pinto, *orientador*. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

TÍTULO: É tarde, já vou indo: ensaio sobre a morte assistida e suas subtipologias em uma abordagem comunicacional pragmatista.

AUTOR: MESTRANDO MARCELO ALMEIDA DUARTE

Dissertação defendida e aprovada em 17 de janeiro de 2024.

**COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA**

1. Professor Doutor Pedro Pinto de Oliveira (Presidente da Banca/Orientador)  
INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso (PPGCOM/UFMT)
2. Professor Doutor Rodrigo Daniel Levoti Portari (Examinador Interno)  
INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso (PPGCOM/UFMT)
3. Professor Doutor Vítor Manuel Fernandes Oliveira de Sousa (Examinador Externo)  
INSTITUIÇÃO: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)
4. Professor Doutor Cristóvão Domingos de Almeida (Examinador Suplente)  
INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso (PPGCOM/UFMT)

**CUIABÁ, 17 DE JANEIRO DE 2024.**



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Pinto de Oliveira**, **Usuário Externo**, em 26/01/2024, às 18:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Daniel Levoti Portari**, **Usuário Externo**, em 31/01/2024, às 08:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Viitor de Sousa, Usuário Externo**, em 01/02/2024, às 17:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufmt.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6492342** e o código CRC **75931131**.

---

## Minha despedida

A minha hora chegou. E tá tudo bem, gente. Tive a oportunidade e o privilégio de me preparar pra ela. Me redescobrir e receber o melhor das pessoas. Essa é uma despedida honesta e, absolutamente, grata. A despedida de uma vida linda, cheia de sentido, de amor e das pessoas mais especiais que eu poderia ter tido o privilégio de conviver. Minha família, minhas amigas e amigos e tanta gente, que apesar da pouca intimidade, se fez tão presente, com gestos, palavras, orações, força.

Durante o tratamento, passei por muitas fases aqui dentro de mim. E, felizmente, encontrei as minhas próprias ferramentas psíquicas para lidar com o câncer e com as pessoas da minha vida. E fui sustentada pela força, o afeto, a parceria e o amor de vocês, cada um à sua maneira. E passei a tentar compreender os sentimentos e emoções das pessoas que me cercam, me atrevendo a entender e experimentar, da forma objetiva, racional, mas também, empática, o que sente o outro. Pra mim, funcionou, espero que pra vocês também. Uma certeza, **morri cheia de gratidão no coração e cercada das melhores pessoas.**

Aliás, se eu puder deixar um pedido, desmistifiquem o câncer ou outra doença grave. **Desmistifiquem a morte**, afinal, **ela é o maior clichê da nossa vida. Meu objetivo**, desde o meu diagnóstico **foi desmistificar** a doença, o processo e **o fim da vida**. Acho que funcionou, vocês entenderam e eu vivi os últimos anos com dignidade e alegria apesar do câncer. E como eu sempre repetia – com todo respeito a dor e a maneira que cada um tem de lidar com seus perrengues – é possível, sim, ser feliz com câncer. Eu fui.

Um recadinho para quem me acompanhou no trecho: sei humildemente que sentirão saudades da minha presença, das minhas patifarias, da nossa convivência, eu já estou. Mas, espero que se apeguem as nossas pequenas lembranças, nossos momentos de alegria e risadas, nossas trocas. Construam nossas memórias. Espero ter deixado material pra isso. Para carregarem um pouquinho de mim em cada um de vocês (só a parte boa!), mas com alegria, sem drama. Vocês sabem que drama nunca foi meu forte.

Carta de despedida de Juliana Carvalho Lopes, vítima de câncer no intestino

## AGRADECIMENTOS

"Laroyê, Èșù!: Mojubá! A tarefa de expressar gratidão pode parecer ingrata. Admito o desafio de mencionar todos os que merecem reconhecimento, antecipando desde já minhas sinceras desculpas por possíveis omissões. Gostaria de iniciar expressando minha gratidão aos professores do PPGCOM – UFMT e, em especial, ao coordenador do programa, Bruno Araújo, pela sua cortesia em lidar com minhas solicitações. Agradeço também ao meu orientador, Pedro Pinto de Oliveira, pelo apoio caloroso e pela liberdade que me concedeu para explorar ideias, bem como por me ensinar a ser 'tributário de onde se pensa'.

Não posso deixar de agradecer às minhas filhas, Sophya Beatriz e Ketalyn Cristina, por compreenderem e suportarem minha ausência em muitos momentos. Dedico esta dissertação à minha mãe, cujo apoio inabalável foi uma constante em meio à complexidade do cotidiano.

Aos amigos que encontrei nesta jornada e que generosamente compartilharam seu afeto, especialmente Cayron Fraga, Priscila Freitas e Julia Munhoz, expresso minha gratidão. Se um dia eu alcançar metade do sucesso acadêmico que vocês têm, considerarei isso uma grande vitória.

Gostaria de estender meus agradecimentos a três pessoas especiais que tiveram um impacto significativo em minha vida. A Augusto Bozz, agradeço pelas inúmeras horas de conversas e questionamentos; a Deyvisson Pereira da Costa, por me ensinar a importância da paciência diante dos desafios da vida; e a Eduardo Sugizaki, que, mesmo à distância, continua a ser uma fonte constante de aprendizado. Quando iniciamos nossa jornada juntos, não tínhamos ideia do que o futuro reservava, e por isso sou grato por compartilharem suas vidas comigo. São amigos que valorizam a conexão genuína e encontram na troca de experiências a possibilidade de significar a vida.

Por fim, expresso minha gratidão ao governo do presidente Lula pelo reajuste do Salário Pesquisador, popularmente conhecido como bolsa CAPES. É fundamental reconhecer e denominar adequadamente o árduo trabalho realizado na pós-graduação, uma atividade que demanda dedicação integral, sem pausas ou horários fixos, mas que proporciona uma produção constante de conhecimento. Nesse sentido, reconheço e agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo seu apoio financeiro."

## RESUMO

DUARTE, Marcelo Almeida. **É tarde, já vou indo: ensaio sobre a morte assistida e suas subtipologias em uma abordagem comunicacional pragmatista**. Cuiabá. 2024. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade Federal de Mato Grosso, 2024

A pesquisa tem como foco análise do acontecimento morte assistida em sua dimensão comunicacional. Vislumbrou-se a possibilidade da comunicação, enquanto campo de saber, a categorização dessa prática. Isso ocorreu em razão da observação da relação entre o indivíduo, aquele que deve negociar com o ambiente para produzir um resultado sobre o próprio cotidiano, e o ambiente, aquilo que afeta o indivíduo, tal como: o vício em drogas, alcoolismo, depressão, doenças autoimunes, doenças degenerativas, acidentes graves, velhice, etc. Reverberando na possibilidade de constituição de ferramentas metodológicas, de base comunicacional pragmatista, denominadas subtipologias da morte assistida, que possibilitam uma análise comunicacional da prática da morte assistida. As categorias de análise são: a) sociabilidade da morte, se ocupa dos processos de colaboração e cooperação entre os indivíduos que desejam a morte, b) morte pensada, visa compreender como os indivíduos fazem uso do pensamento reflexivo para interpelar a vida e sua manutenção, por fim, c) morte programada, se desdobra sobre a ação dos indivíduos para alcançar a morte assistida dentro de um horizonte de investigação das consequências dessa ação. Nosso movimento metodológico é o instrumentalismo *deweyano*.

Palavras-chave: Morte assistida; Acontecimento; Comunicação; Subtipologias; Pragmatismo.



## ABSTRACT

DUARTE, Marcelo Almeida. **É tarde, já vou indo: ensaio sobre a morte assistida e suas subtipologias em uma abordagem comunicacional pragmatista**. Cuiabá. 2024. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade Federal de Mato Grosso, 2024

The research focuses on analyzing the event of assisted death in its communicational dimension. We saw the possibility of communication, as a field of knowledge, to categorize this practice. This was due to the observation of the relationship between the individual, who must negotiate with the environment in order to produce a result on their own daily life, and the environment, which affects the individual, such as: drug addiction, alcoholism, depression, autoimmune diseases, degenerative diseases, serious accidents, old age, etc. This has led to the possibility of creating methodological tools, based on pragmatist communication, called subtypes of assisted death, which enable a communicational analysis of the practice of assisted death. The categories of analysis are: a) death's sociability, which deals with the processes of collaboration and cooperation between individuals who wish to die, b) thought death, which aims to understand how individuals use reflective thought to question life and its maintenance, and finally, c) programmed death, which focuses on the actions of individuals to achieve assisted death within a horizon of investigation into the consequences of this action. Our methodological movement is deweyan instrumentalism.

**Keywords:** Assisted death; Happening; Communication; Subtypes; Pragmatism.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> .....	25
<b>Figura 2</b> .....	26
<b>Figura 3</b> .....	27
<b>Figura 4</b> .....	28
<b>Figura 5</b> .....	29
<b>Figura 6</b> .....	30
<b>Figura 7</b> .....	36
<b>Figura 8</b> .....	36
<b>Figura 9</b> .....	37
<b>Figura 10</b> .....	37
<b>Figura 11</b> .....	38
<b>Figura 12</b> .....	39
<b>Figura 13</b> .....	41
<b>Figura 14</b> .....	42
<b>Figura 15</b> .....	43
<b>Figura 16</b> .....	44
<b>Figura 17</b> .....	45
<b>Figura 18</b> .....	46
<b>Figura 19</b> .....	47
<b>Figura 20</b> .....	48
<b>Figura 21</b> .....	49
<b>Figura 22</b> .....	49
<b>Figura 23</b> .....	50
<b>Figura 24</b> .....	50
<b>Figura 25</b> .....	51
<b>Figura 26</b> .....	85

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	<b>7</b>
<b>1. PRIMEIRO CAPÍTULO: DIFERENTES FORMAS DE COMUNICAR A MORTE</b>	<b>13</b>
1.1 Filosofia de Thánatos	13
1.2 Historiografia da finitude	18
1.3 Estatização do morrer: a morte como questão social	21
1.4 Representações culturais do comunicar da morte	24
1.5 Religare: a morte como um ato de fé	30
1.5.1 Cristianismo	31
1.5.2 Islamismo	32
1.5.3 Budismo	32
1.5.4 Candomblé	33
1.6 Freud explica: notas psicanalíticas e psicológicas sobre o morrer	34
1.7 A morte comunicada pelo audiovisual e pelas imagens	35
1.7.1 Sétima arte	35
1.7.2 Retratos da finitude	40
1.8 Comunicar da morte: literatura, poesia e acordes	51
1.9 Celebrização da morte: morte assistida, celebridades e figuras públicas	55
<b>2. SEGUNDO CAPÍTULO: UMA ABORDAGEM PRAGMATISTA DA COMUNICAÇÃO E DA MORTE ASSISTIDA</b>	<b>56</b>
2.1 Acontecimento na visada pragmatista	56
2.2 Acontecimento enquanto problema público: individuação	58
2.3 O enquadramento do acontecimento	60
2.4 Comunicação pragmatista	61
2.4.1 Comunicação praxiológica	63
2.4.2 Comunicação relacional	65
2.5 Experiência, Ação, Pensamento e Contexto	67
2.6 Critério de seleção do <i>corpus</i> de exemplos	70
2.7 Movimento metodológico	71
2.7.1 Instrumentalismo <i>deweyano</i>	71
2.7.2 Pesquisa bibliográfica	76
2.7.3 Pesquisa documental	76
<b>3. TERCEIRO CAPÍTULO: SUBTIPOLOGIAS DA MORTE ASSISTIDA</b>	<b>78</b>
3.1 Eutanásia e morte assistida: uma diferenciação	81
3.2 Subtipologias da morte assistida	83
3.2.1 Morte partilhada	83
3.2.2 Morte programada	91
3.2.3 Morte pensada	97
<b>4. ÚLTIMOS APONTAMENTOS</b>	<b>103</b>
<b>5. REFERÊNCIAS</b>	<b>105</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>112</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Se você está lendo isso, significa que eu morri”, foi assim que a britânica Nicky Newman<sup>1</sup> se despediu de amigos e familiares, em sua carta póstuma. Falar sobre a morte é dialogar com a nossa própria insegurança, afinal não sabemos se a encontraremos na próxima esquina ou se ela deixará que bebamos o último copo de cerveja com os amigos. Há inúmeras formas de encontrar a morte: por amor, em um acidente, devido a uma injeção desnecessária, em decorrência de uma tristeza profunda, uma morte boba que ocorre após tropeçar na rua e bater a cabeça no chão, devido a um coração que deixará de bater no próximo minuto, devido a uma vida mal vivida, por um câncer que se espalha silenciosamente pelo corpo ou ao término deste texto. A morte, que não vê nem ouve, nos acompanha diariamente, sem que saibamos como ou quando chegará o nosso momento final. No entanto, há uma forma de morte que escapa à incerteza, a morte desejada e assistida, realizada de forma consciente e planejada.

“Não desejo continuar vivendo. Desejo morrer de forma rápida e pacífica”, esse foi o pedido deixado por escrito por um holandês<sup>2</sup>, morto de forma assistida. A morte desse homem se prolongava a meses, aquele tipo de morte que parece não ter fim, machuca, morde, e vai aos poucos triturando a existência do sujeito. Entre o desejo da sua morte e a concepção do ato, levaram longos três anos. Este que teve a sua individualidade anulada, afinal, nem o seu nome lhe foi dado o direito de aparecer nos relatórios, era apenas um “homem holandês”, não sabemos quais foram suas experiências, suas histórias, seus desejos e desafetos. Há uma certa racionalidade incapaz de compreender um esgotamento vital, onde o não desejar viver parece um desvio de conduta que só pode ser justificado por uma grave enfermidade. À medida que vamos tecnizando a prática, observamos o apagamento do outro enquanto um sujeito carregado de experiências.

É de conhecimento comum que o vocábulo eutanásia<sup>3</sup> é socialmente usado para descrever o ato de morrer legalmente. O seu uso conceitual ordinário, nos termos de Batista (2006), refere-se a um procedimento cujo objetivo é encerrar a vida por intermédio do aceleração do processo de morte em doentes incuráveis, a fim de livrá-los do sofrimento.

---

<sup>1</sup> Disponível em < <https://hugogloss.uol.com.br/famosos/influenciadora/> > acesso em 01/10/2023 às 11h

<sup>2</sup> Disponível em [zorgvuldigheidscriteria.voldeden.aan | Publicatie | Regionale toetsingscommissies euthanasie \(euthanasiecommissie.nl\)](https://zorgvuldigheidscriteria.voldeden.aan.nl/publicatie/regionale-toetsingscommissies-euthanasie). Acesso em 20/09/2024 às 11h

<sup>3</sup> Alguns autores como, Luiz Flávio Gomes, que aponta diferenciação entre morte assistida e eutanásia. Sendo a primeira um sinônimo para suicídio assistido e, a segunda, remetendo a prática executada pelo médico.

Parece que, por um longo tempo, o vocábulo “eutanásia” tentou ser uma noção capaz de agrupar as variações do morrer antecipadamente, atribuindo o mesmo sentido a fenômenos distintos.<sup>4</sup> Se inclinando sobre um grupo de experiências restritas, buscando universalizar a prática sem considerar as questões culturais, sociais e o contexto dos indivíduos. Todavia, apesar do vocábulo eutanásia ser mais conhecido, optamos por utilizar o termo: morte assistida.

A opção pelo vocábulo morte assistida<sup>5</sup>, se deve ao fato de considerarmos a prática uma tipologia das possibilidades de perecimento. As variações tipológicas da morte são às partes passíveis de movimentação da própria experiência da finitude. A noção de tipologia é compreendida neste texto a partir da definição do Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (2007), um conjunto possibilitador do estabelecimento de relações ligadas por um denominador comum.

A noção de morte assistida abrange um campo mais amplo de investigação sobre a prática, considerando o contexto dos indivíduos, a experiência, a cultura e a significação sobre a prática. Dentro dessa dissertação ela é compreendida como: ato de antecipar a morte legalmente e amparada pelo dispositivo da medicina como resolução de uma problemática enfrentada pelo indivíduo no seu cotidiano. Essa compreensão nasce da abordagem comunicacional que nos serve de visada, o pragmatismo.

Para prosseguirmos é preciso dizer, preliminarmente, o que não é essa pesquisa. Não se debruçou sobre a análise da morte em capas de jornais; também evitou análise de obituários; não se ateve a descrever como os jornais noticiam a morte; e, não buscou discutir aspectos relacionados a dignidade da vida humana e da morte legalmente assistida como uma extensão do direito do cidadão, apesar de ser importante é um assunto já debatido. A dissertação, escrita de modo ensaístico, teve como objeto de análise a morte assistida enquanto prática social.

O formato ensaístico dessa pesquisa se dá em função daquilo que funda seu objetivo maior, constituir categorias teóricas-metodológicas definidas a partir de uma visada comunicacional de base pragmatista. O esforço se concentrou em constituir ferramentas metodológicas, que possibilitem pensar, descrever e definir a morte assistida, no contexto mais geral da experiência. Por conseguinte, não houve interesse em legitimar o que já se sabe sobre a

---

<sup>4</sup> É possível observar que as variações propostas, apesar de alterarem a nomenclatura, mantém o princípio de uma enfermidade incurável, como é possível ver em: <https://www.ufrgs.br/bioetica/eutantip.htm>

<sup>5</sup> Todavia, na compreensão que adotamos na dissertação, a morte assistida, não é sinônimo de suicídio assistido, mas uma ação adotada pelos sujeitos (doentes, esgotados, fadigados etc.) para sanar uma determinada questão.

morte assistida, mas mostrar a possibilidade de produzir uma diferença na compreensão e definição do ato de morrer antecipadamente pelo viés comunicacional.

Certa vez, em uma aula na graduação de Jornalismo, o professor que ministrava aula me disse “cada momento histórico tem o seu saber principal, o século XIX teve a História, nós, temos a Comunicação”. O nosso momento histórico é comunicacional e todas as relações, interações e práticas são atravessadas pela comunicação. Dessa forma, se faz necessário pensar ferramentas metodológicas comunicacionais para compreender o mundo a nossa volta, não se resumindo a um instrumental, mas uma posição de interpelação da vida. As categorias que buscamos criar nascem desse esforço de olhar para uma prática, atravessada pela comunicação.

À vista disso, apontamos que as ferramentas para pensar a morte assistida não são engessadas ou não permitem uma ampliação. Buscamos escapar de uma concepção mecânica e disciplinar do método de investigação tradicional, compreendido como um instrumental fixo dentro da pesquisa. Se a morte assistida é uma prática amarrada na cultura, o método proposto para estudá-la deve acompanhar as suas mudanças juntamente com a cultura. Quando buscamos observar a prática em um contexto mais amplo da experiência, é porque acreditamos na necessidade de colocar a comunicação enquanto campo de saber, como capaz de explicar a vida e suas incontáveis mudanças.

Apesar de buscarmos um método que escape desse engessamento não esquecemos do princípio da rigorosidade, necessário para se pensar um método de pesquisa. Por ser de aspecto qualitativo, a flexibilidade se faz indispensável uma vez que precisa lidar com a subjetividade da codificação e da interpretação dos dados, ou seja, compreender a cifragem do sujeito e se desdobrar sobre os resultados obtidos.

Para observarmos a prática social da morte assistida em sua dimensão comunicativa, foi necessário um posicionamento sobre a concepção de comunicação que arquitetaria o nosso olhar, elegendo a perspectiva comunicacional pragmatista como norteadora. Para essa corrente o interesse reside nas demandas práticas onde emergem: o pensamento, o comportamento, ação e a conduta. É a interação entre os sujeitos em diferentes contextos sociais que vai significar diferentes práticas. Para a comunicação pragmatista é na interação social que as ideias, os afetos, as emoções são transmitidos. Isto posto, é dentro da sociedade que ocorre a partilha das experiências; sem a comunicação da experiência - não há uma experiência significativa - apenas um estágio inicial, uma forma de sensibilidade. É necessário um processo relacional com o outro (França, 2018) para que as experiências comunicadas sejam significadas.

A comunicação, enquanto campo de estudo, tem produzido inúmeras reflexões sobre a morte. Em um levantamento bibliográfico, constatou-se que as pesquisas se concentram em compreender, demonstrar e explicar como a morte é comunicada pelos meios de comunicação. É o caso Portari (2013), que investigou a morte em capas de jornais do Brasil e Portugal, a partir da tríade: trágico, futebol e o erotismo. Ou Dias e do Carmo (2020), que realizaram um trabalho sobre os obituários dos jornais. No entanto, não foi encontrado trabalhos na área de comunicação que se dedicassem à morte assistida. Portanto, se justifica essa pesquisa em razão da falta de enfoques comunicacionais em relação à morte assistida; e, na perspectiva de que a comunicação enquanto campo de saber é capaz de definir uma prática; e, interpretar um conjunto de ações relacionados a essa.

Ao buscarmos estabelecer um significado para a morte assistida, equivale a determinar as possíveis consequências dessa prática no contexto mais geral da experiência. Isto posto, os significados linguísticos representam um método de ação, um modo de usar as coisas como meios para produzir situações e realidades (Calcaterra, 2015). A importância desse gesto se alicerça no uso das palavras para significar o mundo e as práticas, ao nomear o que somos, ao significar nossos pensamentos, ao intitular nossos afetos estamos mais do que atribuindo palavras, estamos dando sentido aos fenômenos ao nosso redor e conseqüentemente instaurando um campo de interpretação.

A partir da investigação da prática da morte assistida em sua dimensão comunicativa, a questão que buscamos responder foi: como se configura a prática da morte assistida no contexto sociocultural contemporâneo, em uma abordagem comunicacional pragmatista? Examinando a dimensão comunicativa do morrer assistido, vislumbrou-se a possibilidade de categorizar essa prática. Isso ocorreu em razão da observação da relação entre organismo e ambiente. Reverberando na possibilidade de constituição de categorias de análise, da morte assistida e das ações dos indivíduos, em diferentes contextos.

Buscamos escapar de uma concepção representacionista da comunicação (transmissão e representação de um mundo pré-definido). Procuramos desnaturalizar as práticas comunicacionais convocadas, em certas situações, na forma monolítica do sujeito → mensagem → receptor ou obedecendo ao esquema naturalizado e universalizante do “sujeito comunicante”. Ou seja, os processos comunicacionais não estão dados de causas a efeitos, eles estão construídos em redes de cooperação comunicacionais. Dessa forma, chegamos a três ferramentas metodológicas de análise da morte assistida, a quais denominamos de subtipologias da morte assistida, sendo elas: morte partilhada, morte pensada e a morte programada.

**Sociabilidade da morte:** permite observar o processo de colaboração e cooperação entre os indivíduos que desejam a morte. Indivíduos acometidos por enfermidades, vícios ou cansados de viver são convocados a tomar a palavra, em um processo de sociabilidade, onde passam a usar de estratégias discursivas e argumentativas para darem visibilidade a sua causa. Como o caso das manifestações ocorridas em Portugal, em 2018, pela liberação da prática.

**Morte pensada:** visualiza-se como os sujeitos utilizam do pensamento reflexivo para interpelar a vida e a sua manutenção, colocando em questão se suportar a existência como se apresenta é uma opção viável. Como o caso da campeã paralímpica Marieke Vervoort<sup>6</sup> que optou pela morte assistida, por não suportar mais a vida a base de morfina.

**Morte programada:** observa a morte assistida como a solução para escapar de um futuro que se tornou comunicável em forma de diagnóstico clínico, o sujeito é comunicado da existência de uma enfermidade degenerativa e num espaço-tempo mais ou menos calculável será acometido por uma condição de sofrimento, definhamento e morte. Como o caso de Anne Bert<sup>7</sup>, acometida pela ELA<sup>8</sup>, tinha o diagnóstico de vida de aproximadamente 2 a 4 anos pós-agravamento dos sintomas. Optou pela morte assistida para não materializar o futuro comunicado clinicamente.

O primeiro capítulo, se dedica à exploração do tema da morte, com foco especial na morte assistida como uma variação dessa prática no contexto social. O objetivo é destacar como a morte é discutida, concebida e descrita, e como a morte assistida se torna um tópico abordado sob perspectivas culturais, jurídicas, religiosas e morais. Como uma prática social, a morte assistida é influenciada por uma abordagem rigorosa por parte das autoridades, o que leva a uma complexa rede de implicações para aqueles que consideram antecipar sua própria morte. É importante notar que a escolha de pôr fim à própria vida não é uma preocupação exclusiva do nosso tempo, mas a contemporaneidade permite a análise crítica dessa prática e de suas consequências.

---

<sup>6</sup> Informação obtida em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/22/deportes/1571777795\\_278951.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/22/deportes/1571777795_278951.html) Acesso em 20/08-2023 às 15h47

<sup>7</sup> Informação obtida em [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/12/internacional/1507798467\\_568423.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/12/internacional/1507798467_568423.html) Acesso em 03/04/2023 às 15h

<sup>8</sup>ELA ou Esclerose Lateral Amiotrófica é uma doença que afeta o sistema nervoso de forma degenerativa e progressiva e acarreta paralisia motora irreversível. Pacientes com a doença sofrem paralisia gradual e morte precoce como resultado da perda de capacidades cruciais, como falar, movimentar, engolir e até mesmo respirar. O óbito, em geral, ocorre entre três e cinco anos após o diagnóstico. Informação obtida em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/e/ela>. Acesso em 08/09/2023 às 15h10



No segundo capítulo, exploramos o arcabouço teórico que fundamentou nossa pesquisa. Apresentamos conceitos norteadores, como o acontecimento pragmatista, experiência, ação, contexto, pensamento, comunicação pragmatista, comunicação praxiológica e relacional. Além disso, dedicamos atenção à explicação do nosso método de pesquisa, situando assim o leitor no contexto metodológico que adotamos e como constituímos as subtipologias da morte assistida. Movimento que se justifica para não cair no equívoco de sustentar a criação de ferramentas teóricas como algo “fantasioso” ou “mágico”, mas nos valem de um raciocínio indutivo, observando casos particulares e expandindo para o geral. Embora a abordagem metodológica permeie todo o trabalho, optamos por elaborar uma seção explicativa, instrutiva, abrangente e consolidada.

No terceiro capítulo, abordamos as categorias subtipológicas do ato de antecipar a morte assistidamente, fornecendo exemplos e definições detalhadas para cada uma delas. Além disso, explicamos o motivo pelo qual elaboramos novas categorias para analisar a conduta, ação ou prática de antecipação da morte assistida. Para cada ferramenta apontamos uma grade analítica e descrevemos quais os passos para se chegar até a grade analítica, esse movimento tem como função dar uma transparência para o método proposto. Descrevemos também aplicação de cada uma das subtipologias e suas possibilidades de inferência, dessa forma é possível visualizar como as categorias foram aplicadas no contexto da pesquisa. Ao destrincharmos os passos para operacionalização das subtipologias da morte assistida, pretendeu-se a construção de uma via clara entre os casos analisados e a nossa interpretação. A clareza dos passos adotados tem como pretensão mostrar a possibilidade de uma replicabilidade das ferramentas em diferentes contextos de morte assistida. Portanto, o terceiro capítulo representa o resultado de um conjunto de esforços destinados a aplicar e observar a operacionalidade das ferramentas propostas.

Com sensatez, nos atentamos a não cair no equívoco de tentar legislar sobre as palavras, de estabelecer uma monarquia absolutista sobre o que aqui está comunicado. A presente pesquisa é o resultado do que entendemos por ciência: a constituição de um espaço-comum onde o saber é partilhado. Convidamos o leitor a debruçar sobre esse texto em seu devido tempo, sem pressa, experimentando refletir sobre a própria condição de sujeito finito.

## 1. PRIMEIRO CAPÍTULO: DIFERENTES FORMAS DE COMUNICAR A MORTE

“Só peço descanso e lhe suplico que me dê a eutanásia, porque não suporto mais o meu corpo.”

Paula Díaz em carta para o presidente chileno

### 1.1 Filosofia de Thánatos

Este capítulo se debruça sobre a morte e sua variante enquanto prática social, a morte assistida. Um diálogo que visa evidenciar como a morte é comunicada, pensada, descrita e como a morte assistida passa a ser uma questão cultural, jurídica, religiosa e moral. Enquanto prática social, é atravessada por um regime policialesco, levando o ato de antecipar a morte por caminhos que causam constrangimento a determinados indivíduos. Sabe-se que o ato de tirar a própria vida não é uma questão exclusiva do nosso momento histórico, todavia é a contemporaneidade a possibilitadora da problematização da prática e suas reverberações.

Para os filósofos da Grécia Antiga (1100 a.C), a morte, para ser considerada boa, deveria estar atrelada a uma perfeição moral. Para o estoicismo,<sup>9</sup> morrer bem é alcançar a plenitude da excelência moral. Martinho Soares (2017), pesquisador da Universidade Católica Portuguesa, aponta que a antecipação da morte era vista pelos gregos em diferentes formas, ou seja, dependendo de quem morria, a morte ou antecipação da morte era compreendida de forma variável. Os gregos antigos não reconheciam a prática de antecipar a morte como uma questão médica, para estes, “*eutanásia* podia exprimir ainda uma morte natural, como coroa de uma vida longa e boa, um prêmio dos deuses.” (Soares, 2017, p.3). Somente com a racionalização do corpo pela linguagem médica, que a prática passa a ser concebida pelo aspecto clínico.

A morte não é revogável e muito menos reversível, ela marca de maneira única o indivíduo atravessado por ela. A morte é um direito inalienável e uma questão temporal, é o encerrar de um tempo iniciado no nascimento, o limite de toda existência. Na Filosofia, a morte é objeto de investigação de diversos pensadores e de diferentes correntes filosóficas.

---

<sup>9</sup> Informação obtida no Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano: Uma das grandes escolas filosóficas do período helenista, assim chamada pelo pórtico pintado (*Stoá poikilé*) onde foi fundada, por volta de 300 a.C, por Zenão de Cício. Os principais mestres dessa escola foram, além de Zenão, Cleante de Axo e Crisipo de Soles. Com as escolas da mesma época, epicurismo e ceticismo, o E. compartilhou a afirmação do primado da questão moral sobre as teorias e o conceito de filosofia como *vida contemplativa* acima das ocupações, das preocupações e das emoções da vida comum. (p.386)

Na metafísica<sup>10</sup>, o filósofo Vladimir Jankélévitch (2004), apresenta a morte como uma banalidade. Para o autor, a morte individual é o mais banal dos fenômenos da existência humana, isso ocorre em função da dimensão numérica da população global. A morte do homem ordinário não consegue produzir um tremor nas relações sociais; por isso, é vista como uma frivolidade. Jankélévitch (2004) também pondera sobre a morte assistida, para o autor, a prática é tanto um problema filosófico e prático para o médico. Pois a deontologia médica o leva para a preservação da vida e a morte assistida é a ruptura moral com os valores éticos da medicina.

No contratualismo<sup>11</sup>, Thomas Hobbes (2012), considera a morte o apogeu da barbárie humana. O pensador inglês propõe um Estado onde o soberano por intermédio da obediência e do confisco conseguiria afastar o perigo da morte. A morte derivada da guerra seria o dinamizador de esforços para a construção de um Estado entorno de um poder comum, a soberania do rei. Pensando a morte assistida pela perspectiva contratualista, a prática estaria direcionada a um aspecto moral, na qual a razão pessoal afeta o conjunto da sociedade. Ainda que no contratualismo o indivíduo transfira em certa medida sua capacidade de decisão em razão de um bem maior, o poder de decisão não é anulado. Embora não possa agir como bem desejar, ainda assim ele pode fazer certas escolhas, tal como a morte assistida.

O tempo também nos remete à morte, sendo este o condutor natural para o fim da existência. Martin Heidegger (2012), filósofo existencialista<sup>12</sup> nos lembra como Idealismo<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> Metafísica é uma das disciplinas fundamentais da filosofia que examina a natureza fundamental da realidade, incluindo a relação entre mente e matéria, entre substância e atributo e entre necessidade e possibilidade.

<sup>11</sup> Informação obtida no Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano: doutrina que reconhece como origem ou fundamento do Estado (ou, em geral, da comunidade civil) uma convenção ou estipulação (contrato) entre seus membros. Essa doutrina é bastante antiga, e, muito provavelmente, os seus primeiros defensores foram os sofistas (p. 216)

<sup>12</sup> Informação obtida no Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano: costuma-se indicar por esse termo, desde 1930 aproximadamente, um conjunto de filosofias ou de correntes filosóficas cuja marca comum não são os pressupostos e as conclusões (que são diferentes), mas o instrumento de que se valem: a análise da existência. Essas correntes entendem a palavra existência (v.) no significado 3B, vale dizer, como o modo de ser próprio do homem enquanto é um modo de ser no mundo, em determinada situação, analisável em termos de possibilidade. A análise existencial é, portanto, a análise das situações mais comuns ou fundamentais em que o homem vem a encontrar-se. Nessas situações, obviamente, o homem nunca é e nunca encerra em si a totalidade infinita, o mundo, o ser ou a natureza. (p. 402)

<sup>13</sup> Informação obtida no Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano: este termo foi introduzido na linguagem filosófica em meados do séc. XVII, inicialmente com referência à doutrina platônica das idéias. Leibniz diz: "O que há de bom nas hipóteses de Epicuro e de Platão, dos maiores materialistas e dos maiores idealistas, reúne-se aqui [na doutrina da harmonia preestabelecida]" (*Op.*, ed. Erdmann, p. 186). Contudo, esse significado do termo, que por vezes é indicado como "I. metafísico", no sentido de ser uma hipótese acerca da natureza da realidade (que consiste em afirmar o caráter espiritual da própria realidade) não teve longa vida. Essa palavra foi usada principalmente nos dois significados seguintes: 1º I. gnosiológico ou epistemológico, por várias correntes da filosofia moderna e contemporânea. 2º I. romântico, que é uma corrente bem determinada da filosofia moderna e contemporânea (p. 502)

retira o tempo do sujeito. Se não existe tempo, não existe finitude, é a noção cristã de eternidade atravessando o ser. Heidegger (2012), ao questionar essa eternidade nos aponta em direção do ser-para-a-morte. O filósofo não se interessa pela morte biológica, mas na morte enquanto finitude do ser. A morte assume o caráter de produção do movimento de totalidade do *Dasein*<sup>14</sup>, o caminho para uma totalidade do ser. Para os pesquisadores João Cardoso de Castro e Murilo Cardoso de Castro (2019) a morte assistida a luz da filosofia de Heidegger pode ser compreendida como “dispor-de-si-mesmo”, a manifestação máxima do privilégio da liberdade do indivíduo.

No pós-estruturalismo<sup>15</sup>, Michel Foucault, aborda a morte pelo viés clínico e das relações de poder. No livro *O Nascimento da Clínica* (2014) o autor aborda a ideia da morte partindo da racionalização desse fenômeno. Essa racionalização ocorre a partir das transformações fundamentais da medicina do século XIX. O olhar clínico sobre o corpo morto se altera, nascendo uma classificação nosológica sobre as causas da morte, esta passa a ser objeto de estudo:

A vida, a doença e a morte constituem agora uma trindade técnica e conceitual [...] É do alto da morte que se podem ver e analisar as dependências orgânicas e as sequências patológicas. Em lugar de permanecer o que tinha sido durante tanto tempo, noite em que a vida se apaga e em que a própria doença se confunde, ela é dotada, de agora em diante, do grande poder de iluminação que domina e desvela tanto o espaço do organismo quanto o tempo da doença (Foucault, 2014, P. 159)

É preciso reservar lugar ao século das luzes nesse processo de apaziguamento do terror da morte, com a chegada do Iluminismo<sup>16</sup> entre os povos civilizados como assinala Foucault

---

<sup>14</sup> Informação obtida no Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano: em palavras mais simples, o *Dasein* é o ser com determinado caráter ou qualidade, aquilo que se chama em geral de "alguma coisa" (*Ene*, § 90). Mas, no uso filosófico contemporâneo, essa palavra ingressou com o significado atribuído pelo existencialismo, sobretudo por Heidegger, que a usou para designar a existência própria do homem. "Esse ente, que nós mesmos sempre somos e que, entre as outras possibilidades de ser, possui a de questionar, designamos com o termo *Dasein*." (*Sein und Zeit*, § 2). Assim entendido, o S. possui um "primado ontológico", no sentido de que deve ser interrogado primeiramente, e um "primado ontológico", porquanto a ele pertence originariamente certa compreensão do ser: por isso, ele é também o fundamento de qualquer ontologia (*Ibid.*, § 4). Na filosofia contemporânea, esse termo é habitualmente usado no significado específico estabelecido por Heidegger, como ser do homem no mundo. (p. 900)

<sup>15</sup> Informação obtida no site “ex-isto”: modo de fazer filosofia, literatura, poesia com uma posição divergente dos cânones da filosofia.

<sup>16</sup> Informação obtida no Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano: linha filosófica caracterizada pelo empenho em estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana. Nesse sentido, Kant escreveu: "O I. é a saída dos homens do estado de *minoridade* devido a eles mesmos. *Minoridade* é a incapacidade de utilizar o próprio intelecto sem a orientação de outro. Essa minoridade será devida a eles mesmos se não for causada por deficiência intelectual, mas por falta de decisão e coragem para utilizar o intelecto como guia. *Sapere aude!* Tem coragem de usar teu intelecto!" (*Was ist Aufklärung?*, em *Op.*, ed. Cassirer, IV, p. 169)- (p. 534)

(2014) “a morte teve direito a clareza” (p. 137). A morte passa de um mistério para um objeto a ser investigado e desvendado por inúmeros saberes. Na História da Sexualidade: a vontade de saber, Michel Foucault (2017), aborda a morte como instrumento de manutenção das relações de poder. A morte era o confisco máximo do soberano sobre o servo, exercendo controle sobre a vida e corpo do indivíduo, a morte usada como instrumento ou ferramenta de apreensão da vida. Ora, a morte que ainda não era afastada do cotidiano se faz presente para além de uma condição existencial, ela é o ápice da soberania. No curso a Hermenêutica do sujeito, ministrado em 1982, Foucault na última aula aborda a morte e a necessidade de se meditar sobre esse evento. Uma tomada de consciência de si a partir da reflexão sobre a morte, esse movimento tem a pretensão de fazer o indivíduo viver o presente em sua plenitude. Para Foucault (2017; p. 129), “Pode-se dizer que o velho direito de causar a morte ou deixar viver foi substituído por um poder de causar a vida, ou devolver à morte”. Nesse sentido, assevera Foucault (2017; p. 130) que, “a velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida”. A morte assistida entra nesse cálculo do governo dos corpos, o direito de morrer antecipadamente e com assistência médica passa a ser uma prerrogativa do Estado.

Ainda na linha pós-estruturalista, Gilles Deleuze, no livro *A lógica do sentido* (1974), vai tratar a morte como um acontecimento de dupla efetuação. Para o filósofo, pegando emprestado de Maurice Blanchot<sup>17</sup> o conceito de duplo, a morte é um estado personalizado e outro extremamente puro. No primeiro instante a morte é efetuada em estado de coisas: corpo e no tempo. Concerne ao indivíduo reconhecer a morte como sua. No segundo momento ela é puramente um acontecimento, não sendo possível controlá-la, domesticá-la, se trata de um *eventum tantum*. A segunda morte escapa a qualquer subjetivação. Essa efetuação que ocorre no corpo não pode ser considerada a morte como acontecimento, por ser um pequeno movimento de cravar algum sentido no próprio corpo, é a tentativa de significar a morte. Para Janaína Machado Sturza e Fernando César Lopes Cassionato (2022) pensando a morte assistida à luz da filosofia de Deleuze vão apontar que “a vida tem significação

---

<sup>17</sup> Informação obtida no site [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$maurice-blanchot](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$maurice-blanchot) Acesso em 22/04/2023 às 15h

Escritor e filósofo francês, Maurice Blanchot nasceu a 22 de setembro de 1907 em Quain, na região do Saône-et-Loire. Suas obras mais famosas são: *L'espace littéraire*, *The Infinite Conversation*, *Thomas the Obscure*.

ampla, não podendo ser delimitada como antônimo de morte”, mas como um exercício de autonomia do indivíduo.

É preciso colocar em questão a morte, confrontá-la e reinterpretá-la, é Friedrich Nietzsche (2017), com sua filosofia niilista<sup>18</sup>, que permite fazer da morte uma vontade de potência diante de um mundo regido por forças. O filósofo nos propõe um reencontro com o mundo como ele é, amar o mundo como ele se apresenta, compreendendo a morte como uma parte integrante da existência, não devendo se temida. Pois, a morte é somente outro aspecto da vida. Eduardo Nasser (2008), ao discutir a representação da morte em Nietzsche, evoca as duas maneiras de encarar a morte segundo o filósofo alemão: a) morte covarde, e b) a morte voluntária.

A morte covarde é a recusa da própria vida na hora da morte. É buscar no último instante de vida a negação desse mundo, em prol de outro onde a morte não existiria. Nasser (2008), aponta essa negação da vida como causa de todo sofrimento do homem, essa angústia perante a morte faz a humanidade negar a vida e suas potencialidades em nome do paraíso. A morte voluntária não é a morte em prol de uma vida no Jardim do Éden, essa forma de morrer é antes uma afirmação do indivíduo sobre sua própria morte. Em outros termos, se não é possível experimentar uma vida onde as potências sejam elevadas, é preferível buscar a própria morte honrosamente. Aquele que vive voltado para o passado preso na nostalgia comum de uma morte covarde, uma vez que a vida não está no presente. Para aquele que compreende a vida como um instante feito no presente e para o presente, não vê a morte como um ladrão invadindo o lar enquanto o senhor da casa dorme. Ao contrário, quem viveu no presente e amou o agora por ser o real da vida, entende a morte como um instante de vida e por isso não deve ser temida. “morrer no tempo certo” esse é o pensamento de Nietzsche (2011), diante da finitude. Para Nietzsche, a morte não é uma prisão, é um ato de liberdade “eu vos faço louvor da minha morte, a morte voluntária, que vem a mim porque eu quero” (p. 101). Para professora e pesquisadora Scarlett Marton (2002), no contexto do pensamento nietzschiano, vida e morte não são pensadas em uma perspectiva dicotômica. Autora aponta que ao defender “a vida a qualquer preço”, adota-se modelo de pensamento que

---

<sup>18</sup> Informação obtida no Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano: termo usado na maioria das vezes com intuito polêmico, para designar doutrinas que se recusam a reconhecer realidades ou valores cuja admissão é considerada importante. Assim, Hamilton usou esse termo para qualificar a doutrina de Hume, que nega a realidade substancial (*Lectures on Metaphysics*, I, pp. 293-94); nesse caso a paivava quer dizer fenomenismo. Em outros casos, é empregada para indicar as atitudes dos que negam determinados valores morais ou políticos. Nietzsche foi o único a não utilizar esse termo com intuítos polêmicos, empregando-o para qualificar sua oposição radical aos valores morais tradicionais e às tradicionais crenças metafísicas (p. 712)

considera a vida e a morte como dicotômicas. Dando privilégio a vida em detrimento da morte, logo a morte assistida e seus impasses se dão em um jogo de forças onde o direito de viver, está acima do direito de morrer.

Para darmos os contornos finais para essa senhora funesta e suas possibilidades de comunicação na Filosofia, o aspecto mais atual da morte no debate filosófico, fica a cargo do pós-colonialismo<sup>19</sup>, representado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2018). Em um ensaio sobre biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte, o filósofo inaugurou o que chamou de “necropolítica”. Para o filósofo camaronês, a morte enquanto forma de política torna aceitável a submissão da vida pela morte. Trata-se não somente de gerir o direito de matar, mais, sim, de fomentar e gerenciar às condições estruturais para que determinados grupos tenham a morte em vida<sup>20</sup>.

## 1.2 Historiografia da finitude

Partindo dos gregos clássicos, o historiador francês, Jean-Pierre Vernant (1978) aponta para uma “morte bela” entre os gregos. A bela morte para os gregos, segundo Vernant consiste, principalmente, na morte que se sucede em campo de batalha enquanto ainda se é jovem, demonstrando toda virilidade, vitalidade, coragem, destemor, honra e ousadia. Além disso, essa morte bela deveria ser ritualizada por um funeral completo, sendo eternizado no canto dos poetas. No texto de Tucídides, “História da guerra do Peloponeso”, encontramos o discurso ou oração fúnebre de Péricles, direcionado aos seus soldados, essa virtude de morrer no campo de batalha é evocada para animar as tropas:

"Muitos dos que me precederam neste lugar fizeram elogios ao legislador que acrescentou um discurso à cerimônia usual nestas circunstâncias, considerando justo celebrar também com palavras os mortos na guerra em seus funerais. A mim, todavia, ter-me-ia parecido suficiente, tratando-se de homens que se mostraram valorosos em atos, manifestar apenas com atos as honras que lhes prestamos - honras como as que

---

<sup>19</sup> Informação obtida em <https://www.infoescola.com/historia/pos-colonialismo/>: pós-colonialismo se refere a uma perspectiva teórica e cultural que realiza uma releitura da colonização como parte de um processo global. Não é possível falar de uma teoria única pós-colonial, mas sim de uma série de estudos que trazem contribuições com orientações distintas nas mais variadas áreas de conhecimento (estudos culturais, crítica literária, ciências sociais, política, história, filosofia etc.) e que têm em comum o fato de realizarem fortes críticas às narrativas eurocêntricas como modelo civilizatório universal. Os estudos pós-coloniais apontam para a construção de novas epistemologias e paradigmas de análise sócio-cultural, agindo na valorização de saberes não hegemônicos que provém dos países periféricos. Curiosamente, alguns dos principais estudos pós-coloniais foram inicialmente elaborados por imigrantes nos departamentos de crítica literária de universidades dos países europeus que eram antigas metrópoles. Tais estudos buscavam superar o colonialismo nas suas leituras sobre África, Ásia e América Latina.

<sup>20</sup> Não identificamos literatura que trate da morte assistida pela perspectiva do pós-colonialismo.

hoje presenciastes nesta cerimônia fúnebre oficial [...] falarei primeiro de nossos antepassados, pois é justo e ao mesmo tempo conveniente, numa ocasião como esta, dar-lhes este lugar de honra rememorando os seus feitos (Tucídes, 2001, p. 121),

A morte bela é o caminho para a eternidade. É a forma que os gregos clássicos encontraram para superar a morte. A vida continua na memória coletiva da sociedade, nos cantos, nos poemas e nas celebrações

Segundo Souza e Gouveia (2012), os gregos antigos, tal como Sócrates, Epicuro e Platão, defendiam a ideia de que os doentes em grave estado de sofrimento poderiam se valer da antecipação da morte. No terceiro livro de “República” Platão discorre sobre antecipação da morte como um ato de interesse econômico e do bem-estar social, para tal a eliminação de pessoas atingidas pelo peso da idade, por enfermidades graves, seria bem-visto para a sociedade. Por meio de autorização do Senado, os cidadãos, grego, tinham acesso à cicuta como ferramenta para findar as intempéries da vida. Por outro lado, Hipócrates, apontava outra direção em relação a tal prática, em seu juramento disse: “jamais ministrarei substância cujo fim seja abreviar a vida de um ser humano, ainda que me seja solicitado, tão pouco recomendarei o seu uso”.

Philippe Ariés (2012), na obra *História da Morte no Ocidente*, traça como em diferentes momentos a morte foi concebida ao longo da história. Passando pela Grécia Antiga, pela Idade Média e culminando na Modernidade. Ariés, propôs uma introdução a relação morte e sociedade, considerando às variações da morte conforme às mudanças sociais temporais.

No século XII a morte era pensada pela tomada de consciência do indivíduo sobre sua própria condição de finito. Na passagem para o século XVIII a morte do outro e os ritos passam a ser celebrados, há todo um cuidado ritualístico sobre a morte. Além disso, a morte passa a se constituir como um problema da ordem da saúde:

Em Nantes, em 1774, durante um enterro em uma igreja, ao deslocar-se um caixão, um odor fétido exalou-se: Quinze dos presentes morreram pouco tempo depois; as quatro pessoas que haviam removido o caixão foram as primeiras a morrer e os seis padres presentes à cerimônia por pouco não pereceram (Ariés, 2012, p. 163)

Segundo Andrade (2006), diante da situação insalubre, o Parlamento de Paris ordenou a melhoria das condições dos cemitérios que cercavam a cidade. Essa conduta do Parlamento é a tentativa de estabelecer uma regulamentação sobre às práticas oriundas do morrer, antes



de se tornarem um problema público. Inclusive decretando a proibição da abertura de caixões nas igrejas.

Pesquisadores brasileiros também encontraram na morte uma possibilidade de produção intelectual, João José Reis (1997) publicou um belíssimo trabalho sobre a morte no Brasil oitocentista. Segundo o autor, nesse momento da história a morte era caracterizada pela busca da “boa morte”. Essa “boa morte” era alcançada por intermédio de: negociações, pagamento de dívidas e a escolha adequada do local da sepultura. A morte era entendida como uma passagem para outra etapa:

Em 1821, um senhor de engenho de Itu, em carta para seu genro, assim se referia à notícia da morte da filha: “parabéns pela passagem que fez nossa filhinha Maria deste mundo para a vida eterna” [...] a rigor, não havia morte, já que se vivia em profundidade a crença na imortalidade da alma (Reis, 1997, p. 96)

A morte era uma bancada de negociações entre vivos e mortos, no imaginário da época se acreditava no purgatório como espaço reservado para as almas aguardarem o pagamento do débito de suas pendências na terra. Havia uma necessidade de se construir temporalmente uma estratégia de salvação, entre os arranjos para o além, curiosamente um ainda hoje é encontrado pelas estradas brasileiras, a construção de pequenas cruces ao longo das rodovias sinalizando a morte de alguém. Tal costume originasse desse cuidado com a morte, mesmo que de maneira simples com paus e pedras se erguia uma cruz e se fazia um túmulo improvisado para rezar pela alma do falecido. Sem essas orações a alma do indivíduo não alcançaria o paraíso.

Com o desenvolvimento econômico, social e geográfico a morte no Brasil vai assumindo outra perspectiva. Martins (1983), mostra que a morte foi tornando-se um tema interdito e banido das regiões com maior desenvolvimento. Segundo o autor, nossa incapacidade de lidar com a experiência existencial da morte nos fez produzir técnicas para lidar com ela. A produção dessas técnicas criou uma “alienação da morte”:

Tecnicamente falando, ao torna-se capaz de prolongar a vida, de evitar a consumação da morte, ao menos durante um certo tempo, o homem de fato perdeu controle sobre sua própria vida. Nenhuma alienação é mais brutal do que a do moribundo na sociedade moderna que ao deixar de ser senhor de sua morte, deixou de ser senhor dos momentos mais importantes e significativos de sua vida (Martins, 1983, P. 10)

Produzimos um distanciamento em relação à morte, encontramos consolo ao encaminhar nossos doentes aos hospitais e garantir uma morte sem dor, fizemos da velhice e da doença uma antecipação da própria morte. Estamos deixando de lado a reflexão sobre a morte e suas implicações, uma experiência familiar do morrer passa a ser uma experiência medicalizada e silenciada.

### 1.3 Estatização do morrer: a morte como questão social

O Estado tutela a vida dos cidadãos em prol da manutenção de uma civilidade. Além disso, ocorre a estatização do processo de morte dos indivíduos. Desde o Estado soberano apontado por Foucault (2012), até os dias atuais, o Estado produziu normas, ajustes, regras e diretrizes para o morrer. Cada Estado produz seus modos de morrer, afetando diretamente o tratamento dado aos seus moribundos.

Não nos interessa fazer uma análise da morte jurídica nos diferentes Estados, apenas mostrar como a morte tutelada pelo Estado assume um aspecto técnico e quase industrial, pois a norma é a repetição da prática alcançando a maior eficiência. Se a morte é um problema público, é preciso gerenciar esse problema, não permitindo sua fuga e reverberação em outras instâncias. O Estado brasileiro durante a pandemia da Covid19, em razão do negacionismo científico, não conseguiu gerir os processos de morte, produzindo um processo de mistanásia:

O Estado atua com extrema gravidade ao deixar de prestar de forma satisfatória os serviços de saúde pública, ou seja, não cumpre com o seu dever constitucional que inviabiliza que esse direito social seja exercido, o que acarreta uma verdadeira higienização social por meio do óbito que só atinge as camadas vulneráveis da sociedade, ação que se denomina mistanásia, morte prematura ou miserável dos que vivem à margem das necessárias condições de vida em sociedade, maculando, portanto, o exercício de um direito coletivo, a dignidade da pessoa humana e, em consequência, da cidadania que fundamentam a razão de ser do nosso Estado Democrático de Direito (Pêcego e Silveira, 2013, P. 2)

O atraso na efetivação dos protocolos contra a Covid-19 aliado a vulnerabilidade do Sistema Único de Saúde (SUS), ajudou a promover a morte das pessoas oriundas de classes mais abastardas. A mistanásia é o abandono dos indivíduos para morrer a própria sorte nas instituições que deveriam prestar o atendimento. Significa morrer abandonado sem assistência social, morrer deitado sobre uma folha de papelão que ocupa o lugar do leito de

hospital, morrer como um cachorro abandonado. A mistánasia pode ser interpretada a luz da poesia de Manoel Bandeira (1974):

Vi ontem um bicho na imundície do pátio. Cantando comida entre os detritos, quando achava alguma coisa, não examinava nem cheirava: engolia com voracidade. O bicho não era um cão, não era um gato, não era um rato. O bicho, meu Deus, era um homem (Bandeira, 1974).

A mistánasia é uma condição social desumana, onde os indivíduos em condições de vulnerabilidade social em razão da negligência de direitos sociais básicos como saúde e moradia são acometidos pela morte antes do tempo. Ou seja, a falta de condições mínimas não garante a sobrevivência do indivíduo.

Rodrigues (2006), adverte sobre o não isolamento da morte. Segundo o autor, quando acontece o morrer uma série de ações sociais são acionadas, dependendo da visibilidade social do morto diante da sociedade a repercussão da morte pode gerar consequências e reverberar por muito tempo. Enquanto um fenômeno social, a morte é cercada de ritos e símbolos, garantindo a separação entre os vivos e os mortos. Tal como o velório, cuja função pode ser compreendida como a reorganização das estruturas mentais e sociais em relação ao defunto.

Segundo Wildolberto Batista Gurgel (2008), a representação mais comum da morte estatizada é a morte hospitalizada, sendo uma das formas mais procuradas de se morrer na modernidade. Essa forma de morrer transfere para o Estado a obrigação de gerir os aspectos oriundos da morte. Essa interferência inviabiliza práticas culturais entorno da morte, pois uma vez estatizada, a morte perde a singularidade atribuída a ela pelas variações culturais.

O Estado neoliberal, tal como aponta Gurgel (2018), faz o processo oposto em relação à estatização da morte. No Estado liberal a responsabilidade sobre a morte é privada. As empresas de cuidados paliativos, às *home care*, estão cada vez mais inseridas no espaço familiar, só no Brasil essas empresas tiveram uma expansão de 22,8% em 2019<sup>21</sup>. Segundo o autor, essa privatização da morte sustenta a tese de que a “morte domiciliar” é mais humanizada, por fugir a neutralidade dos hospitais. Outro ponto é que essa privatização do morrer gera um custo menor para o Estado.

Uma das formas de gerenciar a morte por parte do Estado se refere a prática de antecipação da morte assistidamente. A exemplo, a Holanda, segundo o Regional Euthanasia Review Committees (RTE), órgão que avalia os profissionais da área da saúde responsáveis

---

<sup>21</sup> Informação obtida em: <https://medicinasasa.com.br/fipe-nead-home-care/> Acesso 26/05/2023 às 06h00

pela prática, registrou em 2019 cerca de 6.092<sup>22</sup> mortes assistidas em função do diagnóstico de uma enfermidade incurável e letal. Dessas 6.092 mortes, 68 foram decorrentes de alguma forma de transtorno mental. Em países como Bélgica, Luxemburgo, Espanha, Canadá e na Colômbia a morte assistida já é uma realidade.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988, tem como um de seus pilares e objetivo fornecer uma vida digna aos cidadãos brasileiros, por intermédio de garantias básicas como: a) educação, b) saúde e c) segurança. No que se refere a morte assistida, a dignidade da pessoa humana também entra em discussão, a premissa é que o direito a vida é inalienável, logo, o ato de antecipar a morte legalmente, ainda é embrionariamente discutido. É preciso lembrar que no Brasil, política e religião se misturam constantemente, muitas discussões são pautadas partindo de princípios fundamentalistas.

Nos anos 90, o Senador Gilvam Borges apresentou o projeto de Lei do Senado n.º 125/96<sup>23</sup>, a qual a ementa continha o seguinte texto: “autoriza a prática da morte sem dor nos casos em que especifica e dá outras providências.” (Brasil, 1966). Seu trâmite foi laborioso, sendo redistribuído inúmeras vezes; e, por fim findou arquivado, em 2013 sua tramitação foi encerrada restringido o debate somente ao âmbito legislativo. Argumentamos a existência de uma relação fundamentalista que atravessa a política brasileira, isso se materializa, no caso da morte assistida, na moção de n.º 4/2013, da câmara municipal de Amparo-SP, enviada em 2013, ao presidente do Senado Federal, na época o senador Renan Calheiros:

Infelizmente, alguns segmentos sociais pregam a inexistência de “DEUS” na vida das pessoas, sob o enfoque constitucional de que o Brasil é um País laico, o que não deixa de ser verdade. No entanto, não podemos negar que, antes de tudo, o Brasil se caracteriza por ser um País fundamentalmente cristão. Muitas manifestações culturais e religiosas assim o demonstram e, o próprio Governo assim também o indica, ao tornar expresso nas cédulas que circulam pelo País a frase: “DEUS SEJA LOUVADO” (Brasil, 2013).

Juridicamente falando a morte assistida não tem um respaldo firme que norteie o debate, costuma-se evocar o Código Penal<sup>24</sup> em seu artigo 121 para direcionar as discussões: “se o agente comete o crime impelido por motivo de relevante valor social ou moral, ou sob o domínio de violenta emoção, logo em seguida a injusta provocação da vítima, o juiz pode

---

<sup>22</sup> Informação obtida em: <https://english.euthanasiecommissie.nl/> Acesso em 26/05/2023 às 07h

<sup>23</sup> Informação obtida em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/27928> Acesso em 06/07/2023 às 06h

<sup>24</sup> Informação obtida em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848compilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm) Acesso em 05/07/2023 às 14h

reduzir a pena de um sexto a um terço.” Dessa forma, a discussão sobre a prática no Brasil, parece requerer tempo para um debate realmente aprofundado sobre o tema.

#### 1.4 Representações culturais do comunicar da morte

A morte está aí para todas as sociedades enquanto um fenômeno materializado topologicamente no corpo, disso não há dúvidas. Entretanto, a concepção da morte, do morrer e da finitude não são idênticas nas mais diversas culturas e contextos históricos. Em um breve panorama apresentamos algumas variações culturais de comunicar a morte. Não se cogita fazer uma análise histórica ou intercultural, a intenção é mostrar que há variações do morrer em diferentes culturas.

De maneira aproximada e sem a pretensão de definir a morte em suas variações culturais no Brasil e nos demais países. Para exemplificar apresentamos uma aproximação e distinção, dessas variações do morrer e de pensar a morte, nos valendo de expressões culturais distintas, tais como os Torajan na Indonésia, os indígenas brasileiros e mexicanos

Segundo Villasenor e Concone (2012), no México, a tradição indígena de modo geral compreende a morte como uma parte da própria existência da vida, devendo ser celebrada. Ao longo dos anos a forma como os povos indígenas comunicavam a morte foi se alterando e ganhando nuances diferentes. Oriundo da tradição indígena o, Dia da Morte, é uma data celebrada com festas, bebidas, rezas e uma certa jocosidade com a morte. Dessa forma, a celebração do Dia da Morte se caracteriza pela celebração da memória daqueles que se foram. A festa também tem a função de preparar as crianças e adultos para esse momento fúnebre que em algum momento será realidade.

O modo como lidam com a morte não está atrelado necessariamente a uma crença entre céu e inferno, uma vez que essa concepção é cristã. Celebrar a morte é um movimento de manutenção da cultura. Pois na cultura indígena mexicana, se acredita que nesse dia os mortos retornam para celebrar com seus familiares.

Figura 1



Fonte: Coroa para Velórios

Nas mais diversas formas de conceber à morte pelos povos indígenas brasileiros, os Bororos têm uma ritualidade muito bonita que produz uma diferenciação, uma ruptura com o nosso modo de entender e comunicar a morte. Para os Bororos a morte é parte fundamental da cultura, tanto que o processo de morrer para aqueles afetados com alguma enfermidade considerada incurável se inicia ainda em vida. Sylvia Caiuby Novaes (2006), desenvolve ao longo de vários trabalhos o morrer para os Bororos, os ritos funestos são marcados pela lembrança e ensinamentos para os mais jovens. Para facilitar a compreensão por parte do leitor, optamos por dividir em etapas toda ritualística entorno da morte feita pelos Bororos. Entretanto, essa divisão por partes, não existe na cultura deles, todo ritual mortuário é uno.

Primeira parte desse processo fúnebre começa antes mesmo da morte do indivíduo, o xamã da tribo inicia a inserção do indivíduo na aldeia dos mortos ainda em vida. Cortasse a alimentação e enfeitasse o corpo com pinturas, remetentes ao seu clã de origem. É preciso identificar o clã e a pessoa, pois a morte é uma desconfiguração e deterioração do indivíduo. Ressaltasse, a imposição desses procedimentos por parte do xamã, é aceita sem recusas pelo sujeito, que considera essa ritualística um passo importante para adentrar a aldeia dos mortos.

Figura 2



Fonte: Museu Virtual Bororo

A etapa seguinte consiste na identificação da extinção do “sopro de vida”. Nesse momento o rosto do morto é velado por uma bandeja repleta de palhas, transformado em *aroe* (alma) devendo escapar ao vislumbre de crianças e mulheres. Posterior ao fim do “sopro de vida” abre-se uma cova rasa no centro do pátio central da aldeia e enterrasse o morto. Esse procedimento dá início na transformação do corpo (desfiguração e decomposição), os pertences do morto e até a memória sobre ele devem ser esquecidos. Se a criança ao receber o seu nome tem o rosto voltado para o sol nascente, o morto tem seu rosto virado em direção ao sol poente (Novaes, 2006).

Cabe aqui uma observação, enquanto os indígenas em grande maioria tratam a morte pelo princípio do apagamento da existência do indivíduo, nossa cultura promove o oposto. Buscamos lembrar e falar o máximo possível do falecido, seja em obituários, fotos, reportagens ou filmes. Nossa cultura comunica a morte dando visibilidade. Curiosamente no interior do país há o costume de se pagar para que carros de som saiam pela cidade anunciando a morte de alguém, o horário do velório e qual o horário do enterro.

Figura 3



Fonte: Museu Virtual Bororo

Após a transformação do corpo iniciasse uma nova etapa. Agora, a ossada do morto é levada em direção ao rio fornecedor de alimento pelo *aroe maiwu*, representante social do morto, cujo papel é ajudar na desconfiguração e reconfiguração do falecido. Os ossos lavados retornam e são conduzidos para “casa dos homens” para serem ornamentados. Próxima etapa pós a ornamentação, consiste na distribuição da ossada em uma cesta de forma cuidadosa, repetindo a formação que eles tinham quando o indivíduo ainda existia no plano terreno. O cesto é amarrado e costurado com tranças de cabelos dos parentes do morto, posteriormente os ossos são colocados em uma urna, onde o xamã e os outros homens levam para o rio que banha a aldeia. Ali, o *aroe maiwu* encarregasse de enterrar definitivamente o morto (Novaes, 2006).



Figura 4



Fonte: Museu Virtual Bororo

A última etapa é crucial para encerrar o processo mortuário, o *aroe maiwu* parte em uma caçada atrás de um grande felino, para trazer de volta o “sopro da vida”. Essa última etapa consiste em satisfazer o morto, agora em forma de *aroe*, com o ritual realizado pela tribo. A morte não é o fim para os Bororos, ela é o início de outra vida na aldeia dos mortos que se assemelha a vida na terra (Novaes, 2006).

Figura 5



Fonte: Museu Virtual Bororo

A morte é atravessada por variações e percepções culturais tornando o morrer um fenômeno singular e único para cada cultura. Segundo José Rodrigues (2006), na cultura dos *brow*, localizados na região do Camboja, a morte começa bem antes do eventual desfecho dela no corpo, se um dos membros da comunidade é acometido por algum mal incurável, ou a sua vida já está em estado final, os *brow* constroem uma casa distante da sua casa original. A intenção é não permitir que uma morte ocorra dentro do solo da casa, considerada sagrada, se isso vier ocorrer a casa deve ser abandonada.

Os *Toradja*, localizados ao sul da Indonésia, acreditam que há um tempo para morrer. A relação com a morte e com o morto é extremamente complexa, uma vez que os ritos fúnebres podem durar até anos (Rodrigues, 2006). Isso se dá em razão da crença da morte biológica não ser a morte real, o corpo do indivíduo é considerado *to ma saki* “doente” e por isso pode ser adornado, lavado, enfeitado e exposto por horas, dias, meses ou até anos. Isso se dá porque na cultura dos *Toradja* a crença é que os indivíduos podem retornar a vida.

Figura 6



Fonte: Wikipédia

Nesse breve relato, sobre as diferentes formas de morrer e de lidar com a morte, não se pretendeu dar maior ênfase a uma cultura em detrimento de outra. As variabilidades das concepções sobre a morte são inúmeras e este trabalho não teria fôlego suficiente para tamanha empreitada. Entretanto, às diferentes percepções da morte possibilitam um desprendimento de si em relação a uma essencialidade sobre a morte. Esses modos de morrer mostram como a morte não é um fenômeno dado no mundo e passível de uma simples representação. Essas possibilidades de observar e vivenciar a morte em suas particularidades colocam em suspenso as certezas sobre a finitude, questionando os discursos que tem a pretensão de colocar a morte em uma roupa justa demais para ela.

### 1.5 Religare: a morte como um ato de fé

Os segmentos religiosos vêm crescendo e ocupando cada vez mais espaço na sociedade e na política. Cada concepção religiosa entende a morte de uma determinada forma. Isto posto, como cada religião comunica a morte também reverbera no modo como seus seguidores lidam com a brevidade da vida. A morte assistida enquanto prática social também é

revista pelas instituições religiosas, dessa forma não só a morte é alvo de uma vigilância, a prática de antecipar a própria morte se constitui de uma grave ofensa em algumas religiões.

### 1.5.1 Cristianismo

Segundo Ana Cleide da Silva (2021), o cristianismo e seus segmentos têm como ritual para os mortos o velório, que antecede o enterro ou a cremação. Os ritos se seguem até a missa de sétimo dia no caso dos católicos, celebrando a memória do falecido. Para os católicos a morte não é necessariamente o final da vida, eles aguardam pelo julgamento final antecedido pela morte. No catolicismo a vida sempre vence a morte, “onde está, ó morte, sua vitória?” (Coríntios, 15:55, 58), é a condução da vida em prol do julgamento final que garante ao fiel católico a soberania sobre a morte.

Outra variação, o protestantismo, também fundamentado na bíblia se assemelha muito ao catolicismo. O protestantismo admite a vitória da vida sobre a morte, tendo essa (morte) como uma etapa para alcançar o paraíso. A teologia protestante ao considerar o corpo como corruptível estabelece uma doutrina cujo rigor instaurado tem como proposta garantir uma vida que os prazeres carnis sejam minimizados. A intenção é assegurar o alcance de uma graça maior, a ressurreição e conseqüentemente a vitória sobre a morte.

No espiritismo há o pentateuco de obras basilares Os Livros dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese. Conforme o Livro dos Médiuns: a morte é o processo de desencarnação da alma. A morte não significa o fim, é apenas a passagem para o mundo espiritual, nesse caso o corpo é apenas o meio para a alma se materializar, o “invólucro”. Não existe um número determinado de reencarnações possíveis, a morte é a chance de o espírito retornar ao plano espiritual e conseguir aperfeiçoar a si. Enfim, a morte não é o findar da vida, é antes uma passagem, um momento de aprendizado, pois viver e morrer é um ciclo cuja função é o aperfeiçoamento do ser (Silva, 2021).

No regime do olhar cristão, onde Cristo é a centralidade de tudo e a bíblia é um manual de conduta, a prática de antecipar a morte é legalmente condenada, por ferir o mandamento: “não matarás”. Com a introdução de uma linguagem que sacraliza a vida, o indivíduo passa a reconhecer a morte atrelada ao martírio como o caminho para uma graça divina. este é o meu consolo no meu sofrimento: “a tua promessa dá-me vida” (Sl, 119:50). Neste sentido, o direito de morrer é retirado quando a santidade da vida não aceita a sua interrupção, senão pela vontade de Deus. No catolicismo, Papa Pio XII, exortava que:

Toda forma de eutanásia direta, isto é, a subministração de narcóticos para provocarem ou causarem a morte, é ilícita porque se pretende dispor diretamente da vida. Um dos princípios fundamentais da moral natural e cristã é que o homem não é senhor e proprietário, mas apenas usufrutuário de seu próprio corpo e de sua existência. Se entre o narcótico e a abreviação da vida não existe nenhum nexos causal direto, e, se ao contrário, a administração de narcóticos ocasiona dois efeitos distintos: de um lado aliviando as dores e de outro abreviando a vida, serão lícitos (Pio XII, 1956).

Para os cristãos católicos e para a comunidade cristã no geral o sofrimento não é imperativo para se antecipar a morte em nenhum aspecto. Para o cristianismo, a vida eterna, se constitui como o seu objetivo principal e morte assistida inviabiliza o alcance.

### 1.5.2 Islamismo

Segundo Carolina Diniz Alves (2013), o Islamismo pensa a morte tal como o cristianismo, uma passagem para outra etapa. Para os islâmicos a vida pós a morte tem início no dia do juízo final, onde a morte será derrotada e todos que levaram uma vida conforme os preceitos de Alá, terão a vida eterna. O corpo antes deteriorado pela morte, no dia do juízo final, se a caso for digno, retornara jovem e saudável.

Segundo Santos (1992) existem quatro grandes escolas islâmicas: Abou Hassiva (80-150), Malek (93-179), Chaffei (150-20) e Ahmed Ibn Handbal (164 – 241), para todas elas o ato de antecipar a morte legalmente é um ato gravíssimo. A vida também é considerada um bem sagrado, pois, ela é uma dádiva de uma entidade suprema. Entretanto, os islâmicos ponderam que, em caso de estado vegetativo, é inútil a manutenção da vida.

### 1.5.3 Budismo

Para os budistas, a consciência da morte é tão importante quanto a consciência acerca da vida. Para o Budismo é preciso aprender a lidar com a morte e viver de tal forma que todo o apego material seja esquecido, uma vez na hora funesta, nada será levado. Ana Carolina Diniz Alves (2013), nos mostra a divisão estabelecida no budismo: a) os de mente virtuosas terão um caminho tranquilo pós a morte e, b) os dominados pelo desejo e rancor sentirão solidão e uma profunda escuridão se abaterá sobre eles. Para o Budismo a consciência da morte deve guiar os indivíduos a uma vida de reflexão e desapego dos excessos materiais. A preparação para a morte como conduta diante de uma vida de excessos.



No budismo, o ato de antecipar a morte legalmente não se ancora na noção teísta pregada pela religião. Santos (1992) argumenta que embora a vida seja preciosa para os budistas, ela não é uma dádiva divina. Dessa forma, compete ao homem decidir ou não pela manutenção da sua existência.

#### 1.5.4 Candomblé

Segundo Luís Cláudio Cardoso Bandeira (2010), no Candomblé o fim da vida não necessariamente significa o aniquilamento do indivíduo. O morrer é uma mudança no estado das coisas, uma alteração no plano da existência, é um processo dentro um ciclo que faz referência aos aspectos vitais e religiosos. Cada indivíduo carrega consigo o seu *ori* (Orixá), segundo a crença presente no Candomblé é preciso assegurar essa passagem de um plano para outro seja guiada com sucesso. Segundo Ziegler (1977), para o Candomblé a vida deve ser festejada e a morte também, o sujeito que deixa o plano da existência terrena, se torna agora um ancestral e por isso estará presente no terreiro com os demais ancestrais, ajudando a guiar e a formar novos seres:

Nenhum Orixá desce durante esse período, nenhum transe ocorre, nenhuma iniciação, nenhuma obrigação além da funerária. Diante da porta do terreiro, os doentes, os angustiados, os desesperados comprimem-se em vão [...] Os Orixás não respondem, a adivinhação não se realiza [...] esse corpo, essa consciência, essa pessoa em vias de mutação tem necessidade dos mais atentos cuidados, da ajuda prudente e eficaz daqueles que acaba de abandonar (Ziegler, 1977, P. 28).

Uma vez que o processo de transição de um plano para o outro foi concluído, o indivíduo retorna como ancestral para “casa dos mortos-que-voltam”, garantindo assim a comunicação continua entre os ancestrais e os que ainda habitam o terreiro carnalmente, garantindo dessa forma a manutenção do saber (Rodrigues, 2006).

Dentro dos terreiros, ocorre o ritual do “axexe”, cerimônia realizada após o ritual fúnebre (enterro) de um filho da casa iniciado no candomblé<sup>25</sup>. O Candomblé é feito de trabalhos, o axexe é a última obrigação do iniciado. Este ritual é especial, particular e complexo, pois desfaz a feitura de santo. Para se iniciar no Candomblé e ter santo feito, é necessário um processo de sacralização, tornar-se um só com o Orixá. Após a morte, é hora de dessacralizar, liberar Orixá que protegia a pessoa.

---

<sup>25</sup> O autor dessa dissertação é filho do *Ilê Egbé Yalode Omim Olá Layo*, a informação sobre o ritual do axexe se origina da própria experiência do autor.

Rodrigues (2006) nos apresenta variações na relação com a morte pelos povos africanos, na Nigéria, para evitar o retorno da alma do falecido, uma vez que a morte não coloca fim as relações do morto com o mundo terreno, quebrasse as pernas do defunto e perfurasse os olhos evitando o retorno do mesmo para assombrar os familiares. A tanatologia dos povos negros permite o culto a morte seja parte do atravessamento para o outro lado, não é o fim das relações com os vivos. Os mortos continuam guiando e interferindo na vida dos que ficaram.

Em sua maioria os cultos afrodescendentes comunicam o conhecimento por intermédio da oralidade, acarretando escassez de dados para investigação sobre a prática da morte assistida e o culto aos orixás.

### 1.6 Freud explica: notas psicanalíticas e psicológicas sobre o morrer

Sigmund Freud (1980), no texto *DAS UNHEIMLICHE* (O Infamiliar), considera a morte como algo assustador ou estranho onde não lhe é permitido aparecer na superfície. A morte ocupa esse lugar de estranhamento em decorrência da nossa incapacidade de compreender completamente a questão do morrer.

No texto *Escritos sobre a Guerra e a Morte* (2009), o autor faz um movimento de reconhecer a morte e seu traço psicanalítico com o homem civilizado, a condição psicanalítica do homem em relação à finitude o coloca numa posição de negação da sua mortalidade. Por não darmos conta de compreender a morte e todo o mistério entorno dela, somos incapazes de conceber a nossa própria temporalidade, sendo necessário a morte de outrem para nos lembrar de nossa brevidade.

Maria Júlia Kovács (1992), em um trabalho dedicado a pensar a morte pelo viés psicológico, aponta que o medo da morte é inegável e pode acarretar um estado de ansiedade, podendo ser caracterizado pelo receio do desconhecido. Autora aponta duas condições para esse estado de ansiedade: a) a morte de outrem como consciência do abandonado e, b) a própria morte como consciência da finitude.

Essas variações do medo da morte não são hierarquizadas, dependem da situação emocional e social a qual o indivíduo se encontra. Outra variação da nossa relação com a morte se refere a infância, temos o costume de acreditar na incapacidade das crianças em lidar com a morte como se esse momento não estivesse a menor relação com essa fase da vida. Uma romantização da infância que não reconhece na criança a capacidade de lidar com os desencontros com o mundo. O não falar da morte pode provocar na criança uma série de confusões,

pois ela se sente isolada por não ter com quem dialogar. Entretanto, a morte é sentida pela criança de maneiras distintas, seja por forma de brincadeiras ou desenhos (Kovács, 1992). A morte é uma etapa da existência, uma educação para finitude seria importante para ajudar no desenvolvimento enquanto pessoa afetada e produtora de afetos em mundo partilhado com outras tantas. A consciência da finitude e o diálogo honesto com às questões ligadas a morte, seria um passo para uma maior resiliência com os encontros e desencontros da vida.

Para Carinna Gonçalves Simplício (2016) a morte assistida é a expressividade da pulsão de morte sobrepondo a pulsão de vida. Contudo, autora aponta que a morte assistida não pode ser um recurso utilizado somente em casos de enfermidade, fatores psíquicos também corroboram para o desejo pela morte assistida. Partindo das teorias freudianas, autora aponta que a morte assistida, se debatida de forma ampla, poderia minimizar o preconceito sobre a prática.

## 1.7 A morte comunicada pelo audiovisual e pelas imagens

### 1.7.1 Sétima arte

No território cinematográfico há produções referentes a morte ou que são atravessadas pela questão da finitude. Entretanto, a presente pesquisa não daria conta de abordar com qualidade essa variedade. Desta forma, selecionou-se produções audiovisuais que nos permitem olhar para morte de uma forma objetiva. Compreendemos a existência de obras que ao olhar do leitor poderiam ser mais interessantes, todavia, para objetivo desta pesquisa o material utilizado cumpre a sua função adequadamente.

Irene é a personagem principal da obra “Europa 51” (1952) de Roberto Rossellini, diretor italiano. Após a morte de seu filho, Irene começa a caminhar sozinha por um espaço até então estranho aos seus olhos: comunidades, favelas e setores industriais. Os olhos de Irene não têm mais a função prática de antes, o olhar de uma dona de casa organizando, ajustando e ordenando o mundo a sua volta. Uma mudança no regime do olhar faz Irene notar um mundo novo ao seu redor.

Nessa obra a morte é fomentadora da mudança no olhar, a perspectiva de um mundo não existente até a morte. O deslumbramento de um mundo de mazelas sociais só é alcançando em razão de uma fissura na continuidade na vida da personagem. Há uma virtualidade (Lapoujade, 2017) que ainda não ganhará direito a existir sobre o olhar de Irene, a morte passa a ser um dispositivo ótico a possibilitar a contemplação da existência de outro lugar.



**Figura 7****Fonte: Europa 51**

Ingmar Bergman (1918 – 2007), diretor, escritor e produtor sueco em seu filme “Sétimo Selo” (1957), conta a jornada do cavaleiro Antonius Block (Max Von Sydow) retornado das cruzadas após 10 anos de luta, encontrando sua terra arruinada pela peste-negra. Em uma partida de xadrez onde o cavaleiro ao jogar com a morte aposta o prolongamento do seu tempo, almejando o conhecimento para compreender as mazelas do mundo. Block procura por um Deus que não se manifesta, um Deus absolutamente calado, sempre a observar do alto o sofrimento da humanidade. Talvez aqui esteja o grande movimento do filme, não é Deus a revelar-se para Block, mais a morte. É ela a fomentadora das questões sobre às certezas do cavaleiro

**Figura 8****Fonte: Sétimo selo**

*Ikiru* (1956), uma obra oriental, do cineasta Akira Kurosawa conta a história de Kanji Watanab, que após uma consulta descobre um câncer no estômago, com pouco menos de 3 meses de vida. Diante da morte certa, o personagem passa por um processo de introspecção, negação e mudança de postura diante da vida. A morte é a fomentadora das condições necessárias para uma mudança na própria concepção da existência. Além disso, o retrato de

como a cultura oriental captura a morte por intermédio da arte cinematográfica, nos encaminha para um olhar diferente do habitual: uma oportunidade de se refazer.

**Figura 9**



**Fonte: *Ikiru***

No que se refere a morte assistida na obra “As invasões bárbaras” (2003) do cineasta Denys Arcand, retrata a história de um professor universitário diagnosticado com câncer em fase terminal. A morte assistida no enredo do filme assume a função de aproximação entre pai e filho. Antecipação da morte também marca o declínio de uma geração que ainda sonha com o “maio de 68”. Por se tratar de um filme em que a morte vem por sua tipologia morte assistida, há uma certa vontade de evidenciar a morte antecipada voluntariamente como uma forma de escapar de uma morte sofrida ou uma condição de vida insustentável.

**Figura 10**



**Fonte: *As invasões bárbaras***

No filme, Plan 75, do diretor Chie Hayakawa, o governo japonês cria um programa para incentivar os idosos a decidirem pela morte assistida. O “plan 75” como é designado o programa, visa solucionar a suposta problemática de uma sociedade envelhecida, usando a morte assistida como remédio social. A história gira entorno de uma mulher idosa cujos meios de sobrevivência estão desaparecendo e a vida fica cada vez mais difícil; de um defensor pragmático do Plano 75, que acredita profundamente que a velhice é um problema; e, um trabalhador filipino indeciso sobre manter ou não a vida. Na obra a morte assistida é tratada como um instrumento de política pública.

**Figura 11**



**Fonte: Plan 75**

A construção cinematográfica da morte é uma das possibilidades de administração desse fenômeno, o cinema mostra elementos para além da morte e dá um novo olhar para esse evento. Entretanto, não é somente o cinema que buscou de alguma forma falar sobre a morte, alguns canais de televisão conseguiram também colocar ela como uma questão.

A “TV Escola” canal de educativo, vinculado ao Ministério da Educação, em meados de 2013 apresentava em sua programação a série “Deu a Louca na História”. A série contava com um quadro muito peculiar “Morte estúpida”. Nesse famigerado quadro a morte era anfitriã que recebia os ilustres mortos, estes por sua vez relatavam suas mortes ocorridas das formas mais inusitadas, tal como um cavaleiro templário morto por afogamento em fezes após cair na fossa do exército inimigo. Uma série de episódios satirizando personagens históricos que não tiveram uma morte gloriosa, como o oficial do exército inglês, Arthur Aston, que ao cavalgar em seu cavalo buscando cortejar as moças da cidade, sofreu um acidente acarretando amputação de uma das pernas, ganhando uma prótese de madeira. Posteriormente, no campo de batalha, foi capturado pelo exército inimigo que o matou com a própria prótese.

Figura 12



Fonte: TV Escola

A Morte assumindo o papel de apresentador é uma forma de suavização desse fenômeno. Um rearranjo para além do medo, ou seja, a morte concebida como algo engraçado “morte estúpida”. O enquadramento da morte pelo audiovisual passa pelo estágio de perda da dimensão angustiante encarnada na morte. Uma resignificação do trágico apresentado pela morte, saindo da angústia, do estranhamento para o entretenimento. Segundo Rosário e Fischer (2007):

Se, na contemporaneidade, o consumo e as imagens se interpõem entre o homem e suas angústias existenciais, o que o espectador sente ao consumir a morte no corpo audiovisual poder ser uma maneira de isentá-lo de sofrimentos mais profundo e atroz, mas também uma forma de o afastar da simbologia da morte nas sociedades (Rosário, Fischer, 2007, p. 47).

A morte passa a ser o escandaloso controlado, o oculto visível na medida certa, a racionalidade sobre o que foge da compreensão. O audiovisual possibilita a redução dos ruídos da morte para sanar às fissuras abertas, se busca dar um sentido passível de inteligibilidade. Sobchack (2005), aponta que a morte coloca em questão todos os nossos valores sociais e o audiovisual não escapa a essa sentença. Segundo autora a morte sempre excede a

representação feita pelo audiovisual. Em outras palavras: a morte sempre escapa ao final de cada cena. A morte no audiovisual é sempre uma aproximação não sendo capaz de descrever ou representar sua totalidade. Um corpo morto em cena não é o signo da morte é antes um signo indicial do morrer (Sobchack, 2005).

### 1.7.2 Retratos da finitude

Capturar a morte em quadros é produzir uma relação entre homem e mundo mediada pelas imagens. Vilém Flusser (1920) aponta a relação da imagem com o mundo, a sua capacidade de representar os encontros e desencontros diários. As imagens são a topologia da representação da vida e da morte<sup>26</sup>, ao longo dos séculos a morte foi imaginada e comunicada sobre diferentes aspectos com uso das imagens.

No século XVII, Michellangelo Caravaggio (1571 – 1610), pintor barroco, retratou a morte da virgem Maria. A pintura intitulada “A morte da virgem” retrata Maria morta rodeada por homens a chorar o seu perecimento. A morte na pintura é puramente humana, não carrega traços de algum aspecto divino, a luz que atravessa todo o quarto focando no corpo morto fazendo a morte peça central na pintura.

---

<sup>26</sup> Durante a disciplina Pensamento em Ação e Imaginação Criativa ministrada pelo professor doutor Pedro Pinto de Oliveira, no âmbito do programa de pós-graduação Estudos de Cultura Contemporânea -UFMT, tivemos o prazer de escutar diversos pesquisadores, entre eles o professor doutor Vinícius Souza. Na ocasião o professor falou sobre sua pesquisa e como as imagens se constituíram ao longo da história uma forma de escapar da morte. Para o pesquisador quando os homens começam a se organizar socialmente às imagens assumem a função de representar a vida, tal como às máscaras mortuárias a qual a função era vencer a morte. Cabe aqui deixar uma homenagem a professora e pesquisadora Adriana Dias, 52, falecida em 29 de janeiro de 2023, vítima de um câncer no cérebro. Em outubro de 2022, Adriana Dias realizou uma série de quatro aulas públicas buscando alertar os eleitores brasileiros sobre os perigos da ascensão e consolidação do fascismo no Brasil. Adriana afirmava: "O meu trabalho tem como pressuposto honrar as vítimas". Adriana Dias venceu a morte e permanece entre nós por intermédio das imagens. Às aulas podem ser acessadas em: As últimas aulas públicas de Adriana Dias ([jornalistaslivres.org](http://jornalistaslivres.org))

Figura 13

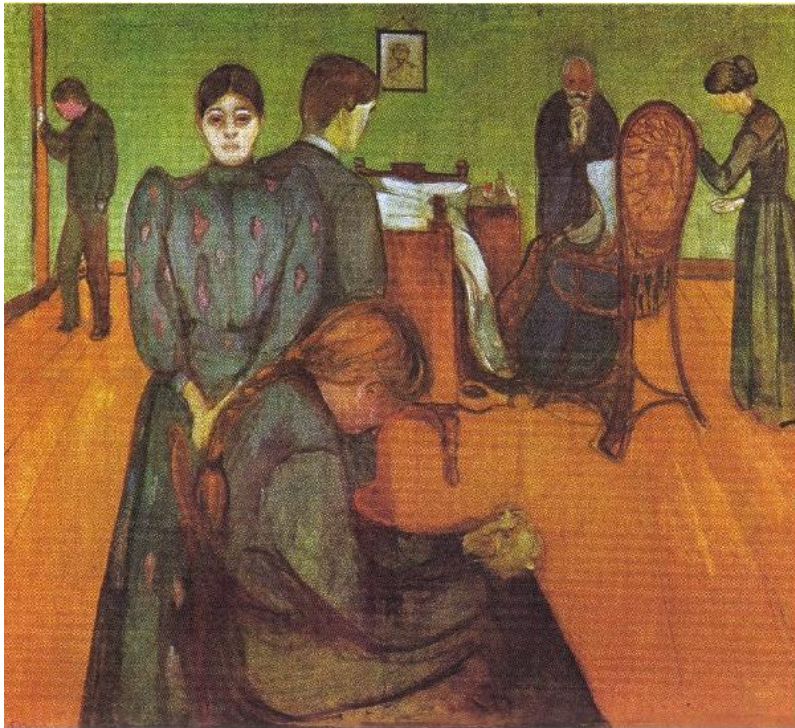


Fonte: Museu do Louvre

Em meados do século XIX o artista, Edvard Munch (1863 – 1944), conhecido pelos seus quadros sempre enlaçados pela relação morte e vida. Na pintura, “Morte no quarto da doente”, apresenta sua leitura sobre a morte que pegou para si a vida da sua irmã. Quando observamos atentamente a pintura notamos um peso psicológico empregado pelo artista: a) a desolação dos personagens na pintura, b) aflição do homem com as mãos cruzadas, c) o desalento do homem encostado na parede do quarto, d) a mulher apoiando-se na cadeira cabisbaixa e, e) a mulher olhando para frente com a expressão melancólica.



Figura 14



Fonte: The National Gallery

Em terras brasileiras, Cândido Portinari (1903 – 1962), na obra, “Criança morta”, pinta com sutileza a morte dos retirantes. Uma morte silenciosa que atravessa toda uma sociedade tendo como companhia a fome e a miséria. A mulher segurando a criança morta nos braços, o choro inconsolável dos demais personagens, a cabaça que provavelmente representa a pouquíssima água para tanta gente. A morte sobre a perspectiva das mazelas sociais permite a costura de uma breve passagem de “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto (2011):

E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina: que é a morte que se morre de velhice antes do trinta, de emboscada antes do vinte, de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida (João Cabral de Melo Neto, 2011, p. 153).

Figura 15



Fonte: MASP

Há outra perspectiva da imagem capaz de capturar aspectos relativos ao morrer, a fotografia. A fotografia é uma forma de comunicar a morte e não somente isso, ela permite a marcação do tempo atravessado pela finitude, possibilitando enquadrar a vida e a morte em cenas. Quando era criança o destino não permitiu que eu conhecesse a minha avó materna. Recordo de minha mãe me levando até o túmulo de minha avó e me apresentando a ela. Não me foi permitido acessar o espaço partilhado com a minha avó, às lembranças existentes em mim são frutos das palavras e experiências de outras pessoas, que dividiram a vida com ela. A minha relação com a figura da minha avó se dá por meio de uma única fotografia tirada no dia do velório. A fotografia é a reserva da existência dela direcionada a minha pessoa, a fotografia do corpo sem vida é a materialidade possibilitadora do elo entre eu e ela.



Figura 16



Fonte: Arquivo pessoal

Sempre que observo a fotografia de minha avó morta tenho a sensação de esperar o descortinar de uma revelação onde somente a fotografia conseguiria produzir. Contemplo o verso da fotografia buscando encontrar alguma pista de quem essa pessoa foi e o que ela poderia ter representado em minha vida. A fotografia nesse sentido está para além do mero objeto, ela é a captura de uma memória e de um desejo. Roland Barthes (1984), dizia:

O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorre uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente. Nela, o acontecimento jamais se sobrepassa para outra coisa: ela reduz o corpus que tenho necessidade ao corpo que vejo (Barthes, 1984, P. 13)

Fotografar os mortos não é um costume recente. Na Era Vitoriana (1837 – 1901), era recorrente a prática de registrar imagens dos falecidos para se lembrar daqueles que deixaram de existir. Essa prática se observada a luz dos dias atuais, evitando o anacronismo, seria considerada um tabu ou mesmo uma barbaridade. Ainda que as fotografias não nos devolvam os nossos entes amados os registros fotográficos capturam o que ficou depois da passagem da morte. A materialidade da fotografia é uma forma de comunicar não somente a morte, mas também a saudade. A fotografia expõe toda a dureza da morte e revela bem mais que a passagem para outro lugar.

**Figura 17**



**Fonte: BBC**

As fotografias familiares diferem das fotografias do fotojornalismo, por isso a morte nesse tipo de fotografia tem outra conotação. Segundo Jorge Pedro (2002), o fotojornalismo é arte do enquadramento. Para o autor o fotojornalismo enquadra determinados aspectos do cotidiano e esse enquadramento não escapa a subjetividade do jornalista. O enquadramento nessa perspectiva fotojornalística é o espaço visível da realidade (Pedro, 2002). Quando o fotojornalista enquadra a morte ele faz uma escolha e em muitos casos essa escolha vai ditar

a relação entre homem e o mundo. Para apreciação da morte retratada pelo fotojornalismo, neste trabalho nosso olhar se voltara para às fotografias da pandemia da Covid-19, fotografias históricas e fotografias de guerra.

O professor e pesquisador da UFMT, Vinicius Guedes Pereira de Souza (2014), aponta que a fotografia sempre teve uma relação “umbilical” com a morte. Para o autor as fotografias escolhidas para representarem um dado evento não são aleatórias, elas instauram sentidos e comoção. Se a morte de uma pessoa deixa traços a morte de mais de 600 mil brasileiros deixa uma marca gravada na história e na memória. Diferentemente das fotos familiares às fotografias fotojornalísticas apresentam características distintas. A seleção segue uma lógica de impacto em decorrência do fluxo enorme de imagens geradas, se faz necessário recortar, selecionar, organizar e hierarquizar as imagens (Vinicius Guedes, 2014).

**Figura 18**



**Fonte: Joshua Irwandi**

A morte intermediada pela fotografia vai além da própria estética existencial da morte. Há elementos que compõem o fotografar do morrer: a) a condição da morte, b) o alcance da imagem, c) representação da morte e, d) o que é capturado para além da morte. Registrar a morte é atribuir uma perspectiva não pré-existente a ela, a morte representada pela fotografia é sempre a interpretação e nunca a morte em si.

Figura 19



Fonte: Felipe Dana

Entre fotografias de uma morte e outra sempre há um fundo contextualizando para dar sentido a existência daquela imagem. Entretanto, em algumas circunstâncias a fotografia da morte é usada para produzir sentidos muito bem definidos e com propósitos específicos. A fotografia de Marighella morto foi por muito tempo a representação de sua morte. Em uma troca de tiros com a polícia o revolucionário foi alvejado e morto, segundo informações dos próprios militares na época. Entretanto, o fotografo que registrou às imagens acusou os militares de manipular o corpo para corroborar com a história por eles contada.



Figura 20



Fonte: Sérgio Jorge, ISTOÉ

A representação da morte de Mariguella pela perspectiva dos militares ia bem mais além do que a morte de uma figura pública. A tradução fotográfica daquele evento tinha como função exaltar a vitória dos militares contra um determinado grupo revolucionário. A morte comunicada tanto pelas pinturas como pelas fotografias são tentativas de estabelecer um sentido entre o fenômeno da morte e nossa capacidade de compreensão sobre esse evento. A morte fotografada tem sempre como plano de fundo algo a mais, seja a fome, a miséria, a violência, abandono e tantas outras que são convocadas a falar sobre a morte.

No caso da guerra as fotografias denunciam a morte como resultado do conflito, o foto-jornalismo de guerra captura os rastros da morte em seu sentido mais cruel e aterrorizador. A morte quando retratada na guerra convoca nossa sensibilidade a lidar com a morte de pessoas inocentes desde jovens, crianças, idosos e tantos outros.

**Figura 21**



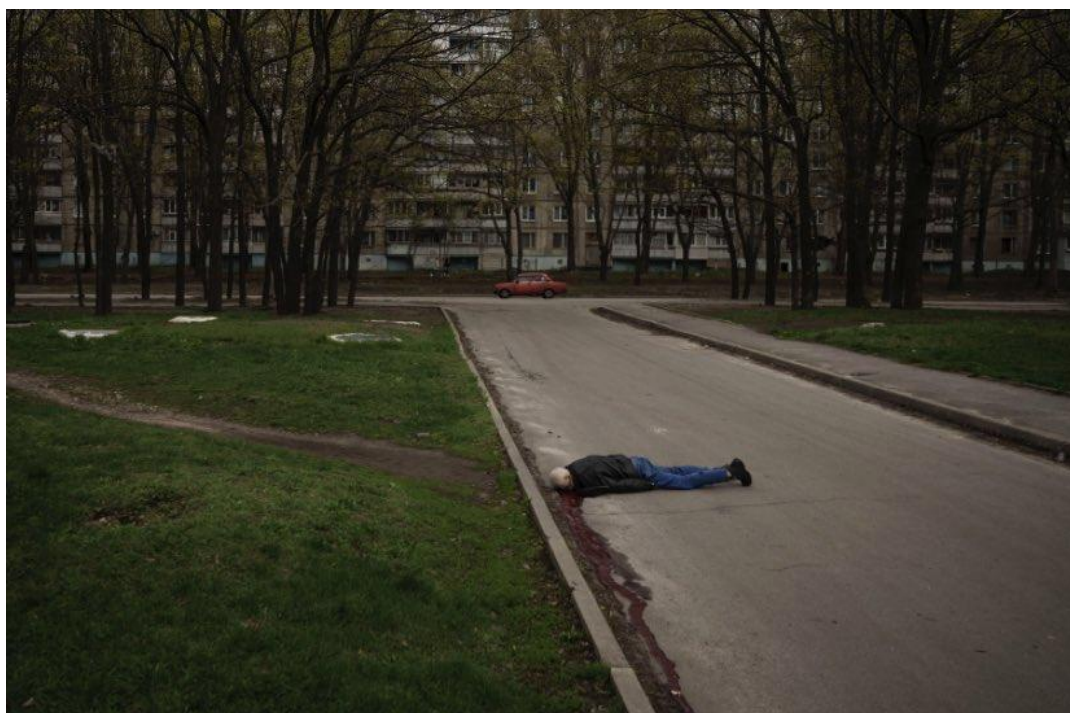
**Fonte: Felipe Dana**

**Figura 22**



**Fonte: Felipe Dana**

Figura 23



Fonte: Felipe Dana

Ao leitor, peço que não se deixe fascinar por tais imagens, a função delas dentro desse trabalho é pedagógica. Por mais que as fotografias causem sensibilidade é necessário conduzir o olhar para uma interpretação racional da morte.

Na Espanha, a Universidade de València junto a *Asociación Derecho a Morir*, organizaram o I concurso de fotografias de morte assistida. Gesto interessante para buscar reduzir o tabu sobre a prática e dar visibilidade aos diferentes sujeitos que desejam a morte assistida. A fotografia intitulada, *La Despedida*, cuja autora é Begoña Cosín Moya (2023), parece evidenciar a sobra do desejo de morrer que atravessa os indivíduos declinantes da vida

Figura 24



Fonte: ADM

Francisco J. Domínguez (2023) em sua criação fotografia aponta a memória como o último laço entre aqueles que ficam e os que desejam a morte.

**Figura 25**



**Fonte: ADM**

A morte assistida também escapa a fotografia, o que se captura é em certa medida é uma virtualidade da vontade de findar a vida ou a significação da morte assistida pelo fotografo. No final, a morte assistida ainda é uma certa violência diante de uma moralidade que aponta a vida como uma obrigação.

### 1.8 Comunicar da morte: literatura, poesia e acordes

Na literatura a morte é fonte abundante de diálogos sobre a condição passageira da vida. Guy De Maupassant (1993) dedicou toda uma vida a pensar sobre a morte, no livro “Forte como a Morte”, o autor retrata toda angústia obsessiva de um pintor a envelhecer e pressentir a proximidade da morte. Essa obra em especial parece ser a expressão máxima do autor em relação a morte, uma vez que morreu pouco tempo depois internado em um sanatório. Obsedado pelo mistério, deslumbrado pela morte, acabou enlouquecendo diante de uma tentativa frustrada de suicídio.

Henri Murger (1822-1861), poeta, romancista, teve um dos seus poemas traduzidos por Castro Alves a “Balada do Desesperado”, nesse belíssimo poema o poeta retrata o diálogo de um personagem com a morte. Cansado dos encontros e desencontros com a vida, o personagem recusa às inúmeras tentativas da morte de adentrar a sua morada, apesar da oferta de riqueza, glória e prazer por parte da morte. Somente no final do poema que a morte se revela:

Se tu não abres teus lares, senão a quem diz seu nome. Sou a morte!  
Trago alívio para cada dor que consome [...] entra, estrangeira funérea...  
perdoa à mendicidade, porque é no lar da miséria que tens hospitalidade



[...] entra no lar, bebe e come, dorme e, quando despertares, para pagar tua conta, hás-me levar-me aos teus lares. Eu te esperava, eu te sigo, vamos, arrasta-me assim. Mas, deixa o meu cão na terra para que possa ter quem chore por mim (Castro Alves, 1847 - 1871)

Se a morte em Murger nos é apresentada como um consolo para dores da vida, em Alvares de Azevedo (2016), escritor brasileiro, a morte é anfitriã de ilustres convidados: prazer, embriaguez, luxúria, sexo, violência. Em “Noite na Taverna”, no conto, “Solfieri,” o personagem narra história de uma jornada de amor com uma dama que vivia sempre à espreita da morte:

As luzes de quatro círios batiam num caixão entreaberto. Abri-o: era o de uma moça. Aquele branco mortalha, as grinaldas da morte na frente dela, naquela tez lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados. Era uma defunta. Tomei o cadáver nos meus braços para fora do caixão [...] não era já a morte – era um desmaio. (Azevedo, 2016, P. 20 – 21).

A busca deliberada pela morte conduz cada um dos personagens no livro, ela é o carro chefe para o incesto, necrofilia, antropofagia e a violência. A morte é como um instante de vida que merece ser buscado por intermédio das experiências vividas ao seu extremo. Azevedo (2016), apresentou o lado ultrarromântico da morte e sua capacidade de fascinação.

“Amanhã ninguém morreu” é assim que Saramago (2005), começa um dos seus textos mais emblemáticos, “As Intermittências da Morte”. Nessa trama um tanto divertida e cheias de relações de poder, o escritor português nos apresentou um olhar curioso sobre a morte, o que fazer quando a morte entra de greve? Quem poderia imaginar que ausência da morte acabaria gerando a escassez de matéria-prima para às funerárias ou fato de o corpo não morrer colocaria em risco a ressurreição da carne pregada pelo cristianismo.

A morte nessa obra se transforma em um problema social. O que se fazer com tanta vida, os asilos lotados uma vez que o rodízio entre os hóspedes não ocorre mais, nos hospitais há um acúmulo de vida tornando administração problemática. A imortalidade aparece como um benefício inicialmente, entretanto, logo ela cobra seu preço ao longo do texto. Qual a vantagem de uma imortalidade preso a uma cadeira de rodas, qual lucro de uma vida com um corpo incapaz de se mover, a morte antes capaz de sanar determinadas dores aparece agora como um carrasco. Não por roubar a vida sorrateiramente, mais por deixar a vida onde a sua extinção seria misericordiosa.

Sejam francos não é a imortalidade que desejamos por si, é a imortalidade aliada a juventude. A obra de Saramago nos remete a isso, uma imortalidade sem juventude está mais

para um castigo, tal como Titono<sup>27</sup> que era imortal, mas padecida com a velhice. A poesia também ousou dar voz a morte. Augustos dos Anjos (1912), poeta brasileiro, simbolista parnasiano, no poema “Psicologia de um vencido”, publicado no livro “Eu” de 1912, descreve a condição humana desde a infância até a morte:

Eu, filho do carbono e do amoníaco. Monstro de escuridão e rutilância, sofro, desde a epigênese da infância, a influência má dos signos do zodíaco. Profundissimamente hipocondríaco, este ambiente me causa repugnância, sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia que de escapa da boca de um cardíaco. Já o verme – este operário das ruínas – que o sangue podre das carnificinas come, e à vida em geral declara guerra, anda a espreitar meus olhos para roê-los, e há de deixar-me apenas os cabelos, na frialidade inorgânica da terra (Augusto dos Anjos, 1912)

Mário Quintana (1940), poeta gaúcho, no soneto “Minha morte nasceu”, presente no livro, “A rua dos cataventos”, de 1940, evidência como a morte é uma companheira de jornada que nos acompanha desde o nascimento. Ao nascer trazemos a morte conosco ao partir é a morte que nos leva pela mão:

Minha morte nasceu quando eu nasci. Despertou, balbuciou, cresceu comigo e dançamos de roda ao luar amigo na pequenina rua em que vivi. Já não temais aquele jeito antigo de rir e que, aí de mim, também perdi! Mas, ainda agora a estou sentindo aqui, grave e boa, a escutar lhe digo: Tu, que és a minha doce prometida, nem quando serão as nossas bodas, se hoje mesmo ou no fim longe da vida. E, as horas lá se vão, loucas ou tristes, mas é tão bom, em meio às horas todas, pensar em ti e saber que tu existes (Mário Quintana, 1940).

---

<sup>27</sup> Informação obtida em: <http://intervox.nce.ufrj.br/~claraluz/lendas/titono.htm>

Títano era um príncipe belíssimo, irmão de Príamo, o rei de Tróia. Ao conhecê-lo, Eos ficou tão apaixonada que, pela primeira vez, sentiu que tinha rompido aquele ciclo insuportável de amores passageiros. Certa de que finalmente tinha encontrado o homem de sua vida, transportou-o para sua morada na Etiópia longínqua e subiu até o Olimpo, para pedir a Zeus que abençoasse a união e concedesse, como presente de núpcias, a imortalidade a Títano, para amá-lo para sempre. Com um sorriso enigmático, Zeus atendeu o seu pedido, e ela voltou, feliz como uma noiva, para os braços de seu amado. Eos só foi entender o seu erro muito tempo mais tarde: como os deuses não mudam de idade, não lhe tinha ocorrido pedir a Zeus que desse também a Títano a eterna juventude, e ele, que não podia morrer, foi se curvando sob o peso dos anos e das décadas, encolhendo e murchando com o passar dos séculos. Logo tinha vivido dez vezes mais do que um simples mortal; seu corpo tinha se reduzido a quase nada, uma minúscula carcaça, e sua mente o abandonou, deixando-o em completa demência, gritando palavras sem nexos com uma voz estridente. Mas Títano, que era um homem justo, não merecia o castigo terrível daquela eterna velhice, e Zeus, com pena dele, primeiro tirou-lhe a memória e a consciência, depois transformou-o na cigarra, que vive até hoje nos campos. Não lembra mais da esposa, não lembra mais de si mesmo, nem sabe que é um inseto; só o calor das manhãs de verão parece trazer-lhe, ao longe, uma sensação conhecida, e por isso ele canta.

A poesia deixou-se atravessar pela morte encontrado nela não o medo ou o grotesco, mas a possibilidade de inspiração. Na sonoridade e nos acordes que aqui se apresentam em forma de palavras, a morte também rogou para si um pouco de atenção. Ataulfo Alves e Paulo Gesta, em 1963, lançaram a canção “Na cadência do samba”. A música reflete sobre a certeza da morte, a saudade da pessoa amada e a vontade de se fazer lembrar por aqueles que ficarem. A canção flutua entre uma despedida e o desejo de encerrar a vida onde ela fez sentido:

Sei que vou morrer, não sei o dia, levarei saudades da Maria [...] quero morrer numa batucada de bamba, na cadência bonita do samba. Mas, o meu nome ninguém vai jogar na lama, diz o ditado popular: morre o homem e fica a fama (Ataulfo Alves e Paulo Gesta, 1963).

A morte como inspiração produziu sutilezas musicais atemporais é o caso da canção, “Canto para minha morte”, de Raul Seixas, gravada nos anos 70, faz uma reflexão sobre a finitude. Caminhando pela brandura das coisas efêmeras, a canção é um convite a lembrar que cada instante é único e por isso irrepetível:

Eu sei que determinada rua que já passei, não tornará a ouvir os sons dos meus passos, tem uma revista que guardo a muitos anos e que nunca mais vou abrir [...] a morte, surda, caminha ao meu lado e eu não sei em qual esquina ela vai me beijar [...] será que ela vai deixar eu acabar o que tenho que fazer ou será que ela vai me pegar no meio do copo de uísque (Raul Seixas, 1976).

Nana Caymmi na canção “Resposta ao tempo”, nos mostra um tempo que se diverte com a nossa incapacidade de lidar com ele: “mas fico sem jeito, calado, ele ri. E ele zomba do quanto eu chorei, porque sabe passar e eu não sei”. Morte e tempo andam lado a lado, no fundo, sabemos que o tempo é a morte, sua forma cronometrada capturada pela lembrança e pelo desejo. A banda brasileira Francisco, el Hombre, lançou em 2018 a canção, “o tempo é sua morada”, de forma poética e de uma beleza encontrada somente na tristeza, reflete sobre o tempo e a morte:

Se o vento te levou o tempo é sua morada. Não levo dor e nem tristeza, ponho as cartas sobre a mesa, e a ferida cicatriza, toda pena um dia passa e o amor vira certeza. O tempo é sua morada. Não vou esquecer, não vou esquecer, vou te celebrar (Francisco, El Hombre, 2018).

O esgotamento da vida é a percepção da duração dos encontros se esvaindo, reconhecendo ausência de afetos e de encontros efetivos. Escapando da lógica capitalista da vida

enquanto produção econômica e olhando para a existência como produção de encontros duradouros e honestos, o tempo não é curto nem logo demais, ele é na medida certa dos afetos produzidos.

### 1.9 Celebrização da morte: morte assistida, celebridades e figuras públicas

Esse tópico nos convoca a pensar a morte e sua relação com as celebridades e pessoas anônimas. Dependendo da escala de visibilidade do indivíduo morto a morte apresenta contornos distintos. Como os modos de perceber a morte vão se alterando ao longo da história, a morte quando atravessa uma figura pública é percebida e capturada de maneira distinta. A comoção social, as carreatas pelas ruas da cidade, as manchetes celebrando a memória, a lembrança daquele que já não é, ofusca a própria morte. Isto posto, a morte de uma figura pública ou celebridade em nossa sociedade assume um caráter dramático e de comoção, entretanto a morte do homem comum é antes de tudo indiferente (Barbosa, 2004).

A professora e pesquisadora Paula Guimarães Simões (2018), em um belíssimo texto que estuda a morte do então candidato à presidência Eduardo Campos, ocorrida em 2014. Aponta que a morte de Campos não afetou somente a família como reverberou socialmente. Para Guimarães (2018) a morte de uma celebridade move um conjunto de atores sociais ao redor dela. A memória do morto é celebrada, a dimensão da comoção tem uma amplitude alargada.

O professor Rodrigo Portari e a professora Karol Natasha Lourenço Castanheira (2023), analisaram como a morte da cantora Marília Mendonça impactou a cobertura jornalística das pequenas regiões. Para tal, os autores observaram as mudanças no noticiário do jornal da cidade de Frutal-MG, em especial o portal de notícias Pontalonline. Os autores notaram que a cobertura jornalística foi tomada pela morte da cantora e as notícias que eram comuns no portal, se tornaram secundárias. Os autores apontam que nem sempre a morte de uma figura pública ou celebridade é marcada pela sua glorificação. Um exemplo que os autores abordam é o caso do filósofo Olavo de Carvalho, a pós sua morte uma série de discussões se abriram ao redor do seu posicionamento político e da sua negação em relação à vacina.

Um caso interessantíssimo da relação morte e figura pública é o caso da jornalista russa Irina Slavina, editora de um site independente, Irina foi alvo de buscas policiais e acabou por utilizar a morte como um ato político, colocando-se em chamas, em frente a uma sede da polícia, em Nizhny Novgorod. Andrea Mubi (2022) aponta que as figuras públicas estão

mais expostas e por isso a visibilidade é uma via de mão dupla. É o caso de Irina, a visibilidade e a sua condição de figura pública levaram a uma situação de constante perseguição.

No que se refere a morte assistida não encontramos literatura sobre a intersecção entre a prática e figuras públicas. Todavia, podemos abrir uma via de discussão para incitar o leitor a refletir sobre a prática e a relação com as celebridades e figuras públicas. Sabemos que quando uma figura pública ou celebridade apoia uma causa, ela costuma movimentar fortemente a sociedade, um exemplo é o caso do ator Leonardo DiCaprio, que encapou a luta pela preservação da Amazônia. Dessa forma, podemos abrir a intersecção morte assistida e figuras públicas/celebridades com algumas questões: a) quais valores emergem da prática quando uma figura pública é favorável antecipação da morte? b) quais atores sociais são movimentados e convocados apoiar a prática quando uma celebridade faz a opção por morrer de forma antecipada? Essa intersecção é uma via de investigação que nos parece bastante frutífera, levando em consideração como esses personagens são relevantes no cotidiano.

Este capítulo se ateve a mostrar como a morte é comunicada de diferentes formas, morte e cultura estão entrelaçadas, cada cultura tem o seu jeito de comunicar a morte e de significar essa afecção. O capítulo seguinte abre a discussão sobre a comunicação pragmatista e o uso que fizemos dela para pensar a morte assistida e suas subtipologias. Se apresentou a noção de acontecimento pragmatista, de experiência, ação, contexto e pensamento. O capítulo também se ocupou situar o leitor sobre o nosso movimento metodológico.

## **2. SEGUNDO CAPÍTULO: UMA ABORDAGEM PRAGMATISTA DA COMUNICAÇÃO E DA MORTE ASSISTIDA**

*“Quero morrer porque amo a vida”*

José Luis Sagüés morto por intermédio da morte assistida

### **2.1 Acontecimento na visada pragmatista**

O acontecimento emerge no campo sensível das experiências para posteriormente se enquadrado pela discursividade. O acontecimento afeta sensivelmente o indivíduo ou grupo, de tal forma a organizar a própria experiência de ser e estar no mundo. O pragmatista George Herbert Mead (2008) no livro *La filosofia del presente* apresenta a noção de acontecimento pela visada pragmatista, para este, ocorre uma emergência capaz de reordenar o espaço-tempo. O passado e o futuro sofrem alterações em decorrência da ruptura do presente ocasionada pelo acontecimento. Para professora e pesquisadora portuguesa Isabel Babo-Lança

(2011)<sup>28</sup>, essa sensação de ruptura é da ordem do tempo vivido ou da experiência do indivíduo no tempo. A posição do espectador ou de um grupo sofre perturbação em razão da consciência em relação ao tempo. Findado a surpresa da fenda aberta no presente, o acontecimento é significado: discursivamente e historicamente. Com a emergência do acontecimento nasce também o seu respectivo pretérito, não há anterioridade antes dá eclosão do acontecimento.

No ensaio *El patrón de la investigación* [A teoria da investigação], escrito por Dewey em 1938 (Dewey, 2000), o pragmatista provoca uma reflexão sobre a natureza existencial do acontecimento “se não tivermos em mente a diferença entre mudança existencial, enquanto algo puramente existencial e enquanto objeto de julgamento, a natureza do acontecimento se torna um mistério inexplicável” (Dewey, 2000. p. 115) Nessa linha de raciocínio, Louis Quéré (2012), observa uma dupla vida do acontecimento, sendo a primeira vida a existencial, ocorrendo no campo dos afetos. Antes de ser significada, enquadrada pela discursividade e pela história, ela é sentida, manifestando-se no corpo de quem é atravessado pelo acontecimento. Contrapondo-se ao modelo estruturalista, o acontecimento evita modelos estruturais explicativos das relações sociais, o pensamento coloca-se do “lado de fora” das sustentações sociais. A este respeito, ocorre um fendimento no território das possibilidades, ou seja, viabiliza aos indivíduos às condições necessárias para indagação de quais às experiências possíveis em um mundo organizado em modelos de ser e estar consolidados.

Em outros termos, quando o acontecimento existencial provoca a quebra da duração, somos impelidos a refletir até onde conseguimos produzir alteridade na forma como lidamos com os encontros e desencontros cotidianos. O modo como conduzimos nossos envolvimentos políticos, afetivos, sociais e afins são marcados pelo tempo histórico. As condições históricas, políticas, tecnológicas, filosóficas e comunicacionais de um dado momento histórico são os fomentadores de determinadas condutas e experiências. O acontecimento é justamente o deslocar da experiência no espaço-tempo, garantindo a emergência de uma nova subjetividade, pois este, em sua categoria de ineditismo, força e leva os indivíduos a um rearranjo.

John Dewey (1974), no texto, “Experiência e Natureza”, argumenta que os acontecimentos passam por uma reorganização ou reconsideração quando ocorre a comunicação,

---

<sup>28</sup> Informação obtida em: <https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/autores/isabel-babo-lanca> Acesso 26/05/2023 às 20h.

Docente na Universidade Lusíada do Porto. É investigadora do Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE). Publicações recentes incluem, “A construção dos problemas públicos. Elementos para uma análise do caso Timor”, in *Antropológicas* (2000), “A construção dos problemas públicos”, in *Revista Portugal Rotário* (2000); e “O caso da Casa Pia de Lisboa. Configuração de um problema público”, in *Psicónomica* (2003). Principal responsável pelas entradas do domínio da Sociologia.

seja pela exigência da conversação, pelo discurso publicou ou pelo designo do pensamento. O acontecimento em sua segunda vida implica em sua inscrição como objeto de pensamento e objeto com possibilidade de significação pela cultura. Aqui, a comunicação pensada pela via pragmatista observa a dimensão prática do acontecimento. Na esteira desse pensamento, Quéré (2012), aponta que a comunicação não só se contenta em anunciar os acontecimentos, em nomeá-los e em fixá-los em rótulos, também se ocupa da significação dos acontecimentos, dessa forma, tornando-os algo a qual estamos conscientes da existência.

Neste trabalho compreendemos como primeira vida do acontecimento a morte. Sua singularidade enquanto ruptura se faz perceptível quando em uma continuidade, o descontínuo só existe em uma linearidade da percepção do tempo-espaço. É pela cultura que os indivíduos vão reconhecer essa ruptura na linearidade, é preciso que determinados atores sociais reconheçam tal ruptura. Em nossa cultura o jornalismo costuma ser a instituição a chamar atenção da sociedade para os acontecimentos que tiram do cotidiano a normalidade.

Nossa opção é tratar a segunda vida do acontecimento morte em sua variação tipológica, morte assistida. Essa segunda vida do acontecimento morte possibilita novos modos de operação e de descrição de características não necessariamente oriundas da originalidade do acontecimento.

Para professora e pesquisadora Vera França (2012), amparada pela obra de Quéré (2005), é preciso observar o acontecimento pragmatista em seu poder hermenêutico, uma eventualidade capaz de desencadear sentidos. Ao desarranjar o presente, esse momento de ruptura instaura uma temporalidade desdobrada, convocando um passado e um futuro possível. A pesquisadora faz uma ressalva importante, é preciso que essa mutabilidade da duração afete o indivíduo, sem essa condição não há acontecimento.

Há certos desdobramentos no espaço-tempo desejáveis, ou seja, acontecimentos emergentes onde os resultados alegam os atravessados. Todavia, há também fissuras no contínuo cujo, desdobramentos dessa erupção podem ser desagradáveis. Apesar disso, o acontecimento ainda é fundamental para potencialidade da existência. Abertura provocada é o movimento necessário para o indivíduo olhar para si e vislumbre uma nova possibilidade de pertencer ao seu grupo social.

## 2.2 Acontecimento enquanto problema público: individuação

Não é somente a ruptura do contínuo a fazer questão, há um movimento onde um acontecimento passa a fazer parte da mobilização social. Quando um acontecimento é descrito,

ele é enquadrado numa certa problemática que retira a sua especificidade o inserindo em uma rede maior de eventos. Dessa forma, ao ocupar o espaço de um problema público, possibilita a reorganização da conduta dos indivíduos diante do que o acontecimento faz ver.

Louis Quéré e Cédric Terzi (2012), apontam que posteriormente afetação causada pela ruptura da duração é preciso dar nome a esse acontecimento. Descrever o mesmo em uma perspectiva que desencadeará conflitos no campo político, filosófico, comunicacional, internacional e tantos outros. Buscando assim a sua causa, seus efeitos e os responsáveis para tal cenário ser possível (Quéré e Terzi, 2012).

Para Quéré (2011) a individuação do acontecimento resulta na sua organização de uma certa forma, o significando, tornando-o compreensível ao público e instaurando um atributo identitário que permita separá-lo dos demais em razão da sua especificidade. Para Quéré, esse processo de individuação, é o esforço para atribuir uma identidade ao acontecimento e inscrevê-lo na tessitura cotidiana. A individuação permite a reflexão e o julgamento do acontecimento por parte dos sujeitos. Dessa forma, a individuação é antes um processo coletivo de socialização do acontecimento do que uma recepção passiva por parte do público. Aqueles afetados pela descontinuidade do acontecimento também constroem suas individualidades no confronto com este. Na perspectiva pragmatista, a individuação do acontecimento ocorre na dinâmica das experiências sociais e no contexto da vida compartilhada.

No rearranjo da singularidade do acontecimento ocorre a sua passagem para ordem do discurso, acarretando a emergência de questionamentos. Nesta pesquisa, a morte, ao se descrita como morte assistida, é um objeto e alvo de interrogações. No processo de individuação da morte, observamos que sua variação como prática social, possibilita a emergência de problemáticas. Por exemplo, a pretensão de universalizar uma grupo fechado de experiências como condição universal para dar acesso à prática da morte assistida, um conjunto de experiências restritas em contextos específicos.

. Quando falamos de experiências restritas, estamos nos referindo ao conhecimento médico e jurídico que atrela a prática de antecipar a morte a experiências que tendem a ser tratadas como condição exclusiva para solicitar o morrer, doenças terminais. Por conseguinte, a problemática que emerge é: a incapacidade dos órgãos em reconhecer a pluralidade das experiências e não considerar o contexto dos indivíduos. Outra questão que nasce da prática da morte assistida, tem relação a concepção da velhice como uma condição de antecipação da morte. Na Holanda, se discuti algum tempo a liberação de pílulas para pessoas



maiores de 70 anos que queriam morrer.<sup>29</sup> E, em outros casos, pessoas com menos idade sofrem por não ter acesso à prática da morte assistida em decorrência da legislação. Passa a se tratar a velhice como uma antecipação da morte.

Por último, a normatização do acontecimento (Quéré, 2011), é a sua inscrição da tessitura cotidiana. A morte passa a ser algo normal que pode ser inscrita nas coisas ordinárias, tal como “morte por velhice”, “morte por acidente” essas inscrições são comuns aos indivíduos. Dessa forma, o acontecimento passa a pertencer à ordem dos debates cotidianos. É preciso um retorno a Dewey (1974), pois essa normatização, a transferência do absurdo para o comum se dá nas relações sociais intermediadas pela comunicação.

### 2.3 O enquadramento do acontecimento

Para Goffman (2012), dispomos de quadros de sentidos que nos ajudam a compreender o que se passa em um determinado momento. Os quadros são estruturas cognitivas convocadas para auxiliar o indivíduo a compreender uma determinada situação. Para o autor, os quadros são um conjunto de especificações com a função de organizar os acontecimentos sociais e a nossa relação subjetiva com estes, não se constituindo como molduras intocáveis, o indivíduo na interação social pode alterar os quadros. Quando nos deparamos com determinadas situações, buscamos em nosso foro íntimo qual enquadramento coaduna tal momento e, por conseguinte, qual postura devemos adotar em relação àquela situação. Todavia, os quadros de sentidos não são concebidos individualmente, eles se dão na cultura.

Goffman (2012), deixa claro que em uma determinada situação existe uma variação das ações em curso. Para o autor, é pela cultura que conseguimos colocar em destaque alguns quadros específicos a fim de organizar a experiência diante da ocorrência. Dessa forma, determinados quadros podem adquirir primados sobre outros. Goffman propõe como quadros primários aqueles de ordem natural e social. Contudo, interessa-nos os quadros primários sociais, pois estes atuam como pano de fundo para compreensão do acontecimento.

Os quadros primários sociais possibilitam a compreensão objetiva de determinadas ocorrências e posteriormente a descrição de quais engajamentos viáveis. Estes são

---

<sup>29</sup> Informação obtida em: <https://observador.pt/2020/02/07/holanda-vai-aprovar-comprimido-letal-para-maiores-de-70-cansados-de-viver/>. Acesso em 14/08/2023 às 13h30

construídos e modificados na interação social de acordo com o contexto, sendo, pois, a centralidade da intersubjetividade de uma dada coletividade.

A pesquisadora e professora Anabela Gradim<sup>30</sup> (2021), em um excelente texto sobre o enquadramento, publicado no grupo de pesquisa Multimundos<sup>31</sup>, apresenta dois níveis de organização dos quadros de sentidos. O primeiro nível é cognitivo relativo à sistematização da experiência individual. Neste nível o indivíduo se apropria das suas referencialidades para pensar o mundo e organizar os sentidos diante de uma situação.

O segundo nível, o cultural, o enquadramento se destina as possibilidades sociais de expansão do acontecimento, em um processo de diálogo com outros quadros de sentidos. Neste aspecto, os quadros de sentidos estão preenchidos com valores, representações e tantos outros elementos que possam dialogar com a situação vivida pelo sujeito. Ao que se refere a morte assistida, de acordo com a cultura de cada indivíduo esse acontecimento pode ser compreendido de forma diferente. Em sociedades marcadas pelo fundamentalismo, os quadros de sentidos convocados para lidar com a morte assistida, tendem a colocar em questão a sua prática como uma ofensa a sacralidade da vida.

Logo, alguns quadros referentes a morte assistida assumem maior visibilidade em detrimen- tos de outros, de acordo com o contexto. Dependendo da interação social do indivíduo, os quadros de sentidos podem ser os mais diversos, sendo necessário observar o contexto do sujeito para dimensionar as possibilidades de enquadramento. Feito as devidas considerações, enquadramento tem como função enquanto estrutura cognitiva interpretar e fixar um significado diante de um presente emergencial.

A morte assistida enquanto acontecimento em sua segunda vida é inserida dentro desses quadros disponibilizados pela cultura para se tornar administrável. Dessa forma, o enquadramento dado ao acontecimento conduzirá não só a interpretação, como também evidenciar quais condutas podem ser adotadas diante dele.

## 2.4 Comunicação pragmatista

---

<sup>30</sup> Informação obtida em: <https://labcomca.ubi.pt/anabela-gradim/> Acesso 26/04/2023 às 10h

Anabela Gradim é licenciada em Filosofia pela Universidade do Porto, e mestre, doutora e agregada em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior. É coordenadora científica da unidade de investigação Labcom – Comunicação e Artes, e diretora do Doutoramento em Ciências da Comunicação da UBI

<sup>31</sup> Instituído em 2018, o Multimundos abrange diferentes áreas: comunicação, filosofia, educação, história, cultura, artes, audiovisual entre outros. Objetivo é questionar como são construídos os novos modos de conhecimento.

John Dewey ao longo de suas obras enfatizou a importância da comunicação como um processo fundamental para a construção do conhecimento e da compreensão do mundo ao nosso redor. Para Dewey (1974), a comunicação é uma atividade social onde às pessoas compartilham suas experiências, conhecimentos e perspectivas. Através da comunicação às coisas (acontecimentos) adquirem significados e valores, os indivíduos podem aprender e desenvolver novas habilidades e competências. A comunicação é um processo autocorretivo, ou seja, os significados e valores atribuídos aos fenômenos presentes no mundo, tal como a morte, podem ser revisados e ajustados de acordo com novas experiências. Dessa forma, a comunicação é vista pelo autor como um processo interacional e partilhado.

No contexto da morte assistida e suas categorias, a comunicação desempenha um papel crucial na revisão e na reconsideração dos valores e significados associados a essa prática. À vista disso, às subtipologias resultam das diversas combinações feitas sobre a morte assistida, possibilitando sua significação e expansão. A morte assistida e suas categorias não possuem uma existência prévia onde a comunicação só as representaria. Dewey (1974) alerta sobre o risco de tratar a comunicação e a linguagem como emissários mecânicos de ideias naturalizadas.

É na ação/prática onde nascem os sentidos, possibilitando separações, combinações e gerando novos significados. É no desenrolar cotidiano que a morte assistida passa a ser uma opção, a partir da sua significação com base na relação indivíduo e ambiente. Essa relação se dá entre aquele que deve gerenciar, agir, conduzir, refletir sobre o seu cotidiano, ou seja, o indivíduo. É aquilo que afetará esse indivíduo o provocando a reorganizar suas experiências, o ambiente.

Para Mead (2010), o processo comunicacional não existente por si e nem pode ser uma condição anterior às relações sociais, para o autor são às práticas sociais fomentadoras da interação comunicacional. Tendo como base a interação comunicacional, às categorias subtipológicas do morrer assistidamente só são passíveis de existência porque se dão nas relações sociais. Para Mead (2010), há um gesto social onde os indivíduos em uma situação de comunicação partilham de significados, o “símbolo significante”, em uma ação comunicativa participante os indivíduos interiorizam o significado. Partindo de um exame íntimo vão constituir sua subjetividade ou self, como Mead descreve.

Interessa-nos compreender e descrever como as subtipologias possibilitam o exame do processo de constituição da morte assistida em um símbolo significante. Como no ato comunicacional os sujeitos moribundos vão se reconhecer como indivíduos finitos e como a morte assistida passa a ser o gesto prático que permite significar a finitude. Nas experiências

comunicativas de partilhar o fardo de viver um cotidiano marcado pela debilidade, é que os sentidos possíveis vão emergindo até alcançarem uma certa unidade simbólica partilhada socialmente.

Na esteira da interação comunicacional simbólica apontada por Mead (2010) o antecipar da morte assistidamente vai ganhando seu significado na internalização dos sentidos. Só é possível entender a escolha do indivíduo em abreviar a vida assistidamente, mesmo sem ter uma doença terminal, se inserimos novamente a finitude nos processos comunicacionais e conseqüentemente nos arcabouços simbólicos efetivos na linguagem. Para Mead (2010), a vida tem um caráter social, o que chamou de “sociabilidade”, uma aposta ou tentativa de pensar a natureza e a vida humana, considerando as relações sociais. A sociabilidade atravessa diferentes propriedades da vida humana: passando pela dimensão física, orgânica e culminando na mente e no *self* (Mead, 2010).

Em síntese, a consciência da finitude se dá na sociabilidade dos indivíduos, na constituição tanto do seu foro íntimo de compreensão do findar da vida, como na coletividade de pensar a morte. As categorias subtípologicas do morrer assistido são decorrentes de uma significação do mundo da vida ocorrendo na e pela comunicação. É no terreno da sociabilidade que os sentidos sobre a morte assistida são negociados pelos sujeitos através da comunicação.

#### 2.4.1 Comunicação praxiológica

Para pensarmos a morte assistida pelo olhar da comunicação pragmatista partimos de algumas premissas: a) perda da dimensão coletiva da morte, essa mudança dá coletividade para uma individualidade dá-se em função de um saber que apreende a morte. Diversos campos do conhecimento visaram capturar a morte, desde a Medicina até a Comunicação tentam explicar a morte e seus desdobramentos, b) a impossibilidade de uma generalização possível sobre a prática da morte assistida, ou seja, os sentidos atribuídos ao ato de morrer assistidamente não partem de uma essencialidade que tenha relação com a prática ou com os sujeitos. Não é possível encontrar um sujeito originário que signifique esse modo de findar a vida, dar cabo de si assistidamente é uma relação nossa com o presente. É necessário negar a naturalidade das ocorrências, colocando-as novamente nos processos comunicacionais, onde se instauram os sentidos. É o não reconhecer da imutabilidade do pensamento sobre um dado fenômeno no mundo, se tratando da antecipação da finitude da vida é colocar em questão suas verdades apriorísticas, c) as condições históricas para emergência da morte em

suas mais diferentes tipologias enquanto um acontecimento, por fim d) a institucionalidade nas mídias na produção, circulação e representação das informações, a capacidade de reverberação e engendramento de diferentes acontecimentos (França, 2012).

Tais premissas nos possibilitam olhar para comunicação de forma pragmatista e permitem um diálogo com o paradigma comunicacional proposto por Quéré (2018), que tem contribuições pragmatistas. O sociólogo, munido das perspectivas comunicacionais de Dewey e Mead, propõe uma comunicação praxiológica como modo de compreender e conceber a vida e suas implicações sociais. Segundo o autor, ação comunicativa praxiológica é um esquema conceitual para lidar com o desenrolar das atividades cotidianas e a organização social, tal como a nossa relação com a morte.

Na perspectiva praxiológica comunicacional de Quéré (2018), a objetividade e a subjetividade têm suas especificidades alinhadas de forma recíproca. Aqui há uma aproximação com a filosofia de Dewey, que recusa a dualidade da vida psíquica, nos remetendo a relação entre pensamento e ação. Dessa forma, a observação da morte assistida e suas categorias partem da interação dos indivíduos com o mundo e com os outros. A organização coletiva entorno da morte executada assistidamente se dá em um quadro de organização, interação, dando forma e sentido a prática.

A “atividade organizante” como aponta o autor, é o desprender da ação e da prática de uma premissa de um interior já estruturado e premeditado. Isto posto, a luz dessa “atividade organizante”, a morte assistida não pode ser considerada uma prática com um sentido apriorístico, ela emerge de um campo prático. Para Quéré (2018), a realidade partilhada e comum é modelada de forma contínua, dessa forma às categorias subtipologias do morrer assistidamente estão sendo constantemente revisadas e passando por um processo de autocorreção.

O espaço público como lugar de recepção, produção de sentidos, racionalidade e inteligibilidade, para Quéré (2018) isso significa a ruptura com uma subjetividade e objetividade postas como origem. Logo, as operações cotidianas efetuadas pelos indivíduos se dão numa mesma comunidade de linguagem partilhada pelas mediações simbólicas. Para o modelo praxiológico da comunicação a linguagem tem dimensão expressiva e constitutiva da própria realidade, para o autor a linguagem não pode ser fechada em uma representatividade passiva das coisas. Isto posto, se a comunicação se utiliza da linguagem para mediar o mundo, ela ocupa o lugar de constituinte dos fenômenos sociais (Quéré, 2018). A morte assistida se constitui como um fenômeno social por intermédio da ação comunicativa em conjunto. As categorias do morrer em suas especificidades buscam dar conta dos pontos de vistas comungados, partilhados sobre a vida e a finitude.

O mundo é ancorado pela linguagem que reveste às coisas com maior claridade e nitidez, dessa forma a morte assistida enquanto um acontecimento em sua segunda vida é uma experiência articulada pela linguagem. Tal como aponta Quéré (2018), a linguagem individualiza os fenômenos no mundo, tendo isso em mente, os valores organizados ao redor dessa prática vão conduzir às ações dos indivíduos. É a partilha, a cooperação, a troca de um conjunto de sentidos comuns e as problemáticas emergentes que conduzem às ações das pessoas. A morte assistida e suas categorias só fazem sentido se estiverem em uma rede maior de significados, que se apresentam em uma certa rede coletiva de hábitos.

Ancorado nessa perspectiva praxiológica da comunicação, a compreensão da morte assistida e suas categorias se dá no contexto social, onde os agentes na troca, na tessitura de vínculos promovem a coordenação partilhada sobre um aspecto do mundo em um “lugar-comum” (Quéré, 2018). Para o sociólogo francês, o “lugar-comum” é o espaço de uma construção compartilhada sobre um dado acontecimento, objeto de uma reflexão socializada. A noção de “comum” não se refere a um espaço físico e sim o “lugar-comum a partir do qual vão se relacionar”. A morte assistida enquanto uma possibilidade no interior de um dado processo se dá na conjugação desse “lugar-comum” onde as questões sobre finitude, vida e antecipação da morte serão discutidas. É na experiência comunicativa que a morte assistida e suas categorias vão sendo definidas, buscando uma finalidade prática e uma perspectiva partilhada.

#### 2.4.2 Comunicação relacional

A relação comunicacional trabalhada pela professora Vera França (2003), se embebe na compreensão praxiológica da comunicação proposta por Quéré (2018). Abordagem relacional compreende a comunicação no seu caráter organizacional, de constituição das relações sociais e do mundo partilhado. Isto posto, o sujeito deixa de ser monológico e assume um caráter dialógico, é na interação, na troca simbólica que os processos de subjetivação acontecem. Adotar a comunicação em uma postura relacional, implica em compreender como a construção do mundo comum e partilhado escapa das representações totalizantes e verticais.

Esse modo de pensar a comunicação observando a globalidade dos processos comunicacionais permite compreender quando a troca de experiências acontece. Reconheço quem

é o outro e esse outro me reconhece. Nesse processo dialógico sou porque no encontro efetivo com outrem a comunicação produz alteridades e multiplicidades. Para França (2003), o processo comunicacional nunca é estático, devemos observar o fenômeno comunicativo em sua globalidade. Os sentidos que emergem da morte enquanto acontecimento são passíveis de compreensão quando são observados no aspecto global da comunicação e na sua capacidade de afetação nas relações sociais.

É na produção social e nas relações sociais que a morte enquanto materialidade simbólica tem sua significação. Os agentes participantes da ação comunicativa num contexto de abreviação da vida, valendo-se da linguagem, vão reorganizar, produzir, estabelecer sentidos para estabelecer uma relação e uma posição dentro desse contexto de pensar a finitude. Na perspectiva comunicacional relacional, a morte assistida se dá no processo de interação, na ação recíproca referenciada e arbitrada pela linguagem.

Dessa forma, o modelo relacional discutido por França (2018) é o “ponto de partida” para pensar a relação da sociedade com a antecipação da brevidade da vida, é a inscrição da morte assistida em um entrecruzamento mais amplo. Na perspectiva relacional, às categorias do morrer assistidamente se inscrevem na dinâmica de produção de novos sentidos e interpretações dadas na ação/prática partilhada. Partimos da ideia de que a comunicação é uma ação tal como aponta França (2018), consideramos essa dimensão prática da comunicação como instituidora dos discursos, das condutas e das reações entorno da morte assistida. Os agenciamentos num “lugar-comum” são produzidos para reorganizar a experiência coletiva da finitude.

Segundo autora a comunicação é um “ato global”, ela incorpora elementos, detalhes e contextos diversos se realizando em etapas. Dessa forma, o comunicar do desejo da abreviação da vida é um gesto que está além de uma produção ou uma simples interpretação de uma vontade. É necessário entender como esse comunicar afeta os demais indivíduos cooperadores de uma mesma comunidade de linguagem. A dinâmica social entorno da morte vai se modificando em razão desses sujeitos que vão reorganizado os significados sobre a finitude e sobre a prática de antecipar a morte legalmente. Dessa forma, o interesse sobre a morte assistida reside antes de tudo em sua relação no território das práticas e ações humanas, o desdobramento da morte assistida em uma realidade em constante movimento.

Fundamentados nas perspectivas comunicacionais, praxiológica e relacional. Nos interessamos em mostrar como os objetos de conhecimento a qual constituímos, tem a viabilidade de permitir a visualização de como os indivíduos recorrem à comunicação, para instituir

um espaço partilhado. Evidenciando como organizam suas ações entorno de uma questão comum, o findar da vida por meio da morte assistida.

## 2.5 Experiência, Ação, Pensamento e Contexto

Dewey (1979), aponta a experiência como resultado da interação entre um ser vivente e o ambiente a qual este está inserido. Para o pragmatista, na relação entre o portar-se e o contrapor-se ocorre a orientação da conduta futura do indivíduo. Provocando a transformação tanto do sujeito afetado pelo mundo e do mundo que também é impactado. Quéré (2010), no rastro desse pensamento *deweyano* diz que “as consequências de nossas ações são coisas produzidas pelo ambiente por meio de estruturas orgânicas” (p. 33). A professora e pesquisadora Rosa M. Calcaterra no livro “Ideias concretas: percursos na filosofia de Dewey” (2005), aponta essa relação orgânica da experiência: “A relação entre sujeito e objeto na experiência [...] é orgânica e vem antes de qualquer distinção possível entre dois polos” (p.29). Dessa forma, quando falamos de experiência em uma perspectiva *deweyana* não reduzimos a uma descrição fisiológica dos acontecimentos mundanos.

Segundo Paula Guimarães Simões (2012), a experiência na visada *deweyana* deve ser pensada tendo como base o contexto dos indivíduos, envolvendo ação racional e emocional. Para autora a experiência é um “processo de percepção e interpretação das coisas” (p. 88), configurando um processo dinâmico entre os fenômenos presentes no mundo, as práticas sociais, as temporalidades que marcam um contexto e os indivíduos. A morte assistida é resultado da ação de repensar a experiência e a condução dos atos diante de uma vida considerada inaceitável. É o que Dewey aponta a respeito da experiência: a reorganização dos afetos primários a partir da sua significação, configurando uma experiência secundária.

Dessa forma, é importante considerar a relação experiência e contexto, por ser a partir da investigação da própria experiência em um determinado contexto é que o indivíduo reconhece uma situação como problemática. Thamy Pogrebinschi (2005) aponta o contexto como ponto central para investigação, pois dando ênfase nele passamos a observar: a experiência cotidiana, as possibilidades de dedução e a relevância das ações sociais concretas. Ao que se refere as análises comunicacionais, França (2001), aponta a importância de se considerar o contexto nos processos comunicacionais, a situação sociocultural que se desenrola, a dinâmica comunicacional deve ser observada pelo pesquisador.

Na filosofia *deweyana* o contexto auxilia na simbolização dos próprios símbolos, quando alguém enuncia “desejo a morte assistida” esse enunciado não pode ser considerado



isoladamente. Se não observarmos o contexto a qual o enunciado foi proferido, ocorre uma análise semântica e não pragmática. Se faz necessário entender qual o contexto que permitiu essa enunciação evitando desassociar experiência e contexto social. Ao se observar a prática da morte assistida dentro de um contexto sociocultural vislumbra-se como os diferentes atores significam essa prática. Significados aqui tratados, na visada *deweyana*: não como uma existência psíquica, mas em primeiro lugar como uma propriedade do comportamento e, secundariamente, uma propriedade dos objetos. “É a aquisição do sentido em relação à sua capacidade de tornar possível e de realizar a cooperação participada” (Dewey, 1974, p. 141).

Pogrebinschi (2005), aponta que apesar ser constantemente ignorado o contexto não pode ser negado, o seu negligenciado provavelmente terá como consequência a falsificação das análises. A exemplo da importância do contexto para compreender e analisar a prática da morte assistida, no remetemos ao programa *Aktion T4*<sup>32</sup>, um processo de assassinato sistemático de pacientes com deficiência institucionalizado na Alemanha nazista. A prática da morte assistida dentro daquele contexto significava adoção extrema de um projeto eugenista radical. A função da morte assistida era ser um instrumento de eliminação dos indivíduos considerados um fardo genético, financeiro e social para o Estado. Por ser uma prática social ela também é histórica, o contexto histórico tem importância no processo de compreensão e descrição da prática.

Para Cornelis de Wall (2007), na análise *deweyana* todo conhecimento é contextual, em outros termos, não se pode considerar o conhecimento como exterior a situação a qual ele é aplicado. Há vários caminhos para se chegar à morte assistida, tudo depende do contexto e de como o indivíduo procederá com a investigação da situação problemática. Outro exemplo interessante para observamos a importância do contexto em relação à morte assistida é o caso do ator, Alain Delon<sup>33</sup>, no ano de 2022, circulou pela imprensa nacional e internacional que o ator iria solicitar a morte antecipadamente legalmente. Em suas redes sociais o ator publicou uma mensagem que segundo os jornais se tratava de uma despedida:

Eu gostaria de agradecer a todos que me acompanharam ao longo dos anos e me deram um grande apoio. Espero que os futuros atores possam encontrar em mim um exemplo não só do no campo do trabalho, mas na vida cotidiana entre vitórias e derrotas (Alain Delon)

---

<sup>32</sup> Informação obtida em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/euthanasia-program> Acesso em 27/05/2023 às 15h

<sup>33</sup> Informação obtida em em <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/filho-de-alain-delon-nega-que-o-astro-fara-sucidio-assistido.phtml> Acesso 13/05/2023 às 14h

Posteriormente um dos filhos do ator veio a público manifestar que o pai não iria antecipar a sua morte assistidamente e acusou os meios de comunicação de tirarem do contexto a sua fala. Consequentemente, essa alteração do contexto da fala gerou debates sobre a prática de antecipar a morte legalmente.

O contexto é fundamental para definição de qual é a situação problemática e como se portar diante dela, nesta subtipologia há vários cenários que possibilitam o desenrolar da experiência resultando na decisão pela morte assistida vício em drogas, alcoolismo, depressão, velhice, cansaço de viver, evitar um determinado futuro, uso de remédios para lidar com o dia a dia etc. A significação dos afetos primários de uma experiência ou mesmo de um ato não são limitados, o contexto e a imaginação para conceber relações tornam a significação ilimitada (Dewey, 1974).

Dewey (1979), privilegia ação inteligente onde a decisão tomada pelo indivíduo considera às consequências da sua escolha, ou seja, não podendo ser reduzida a uma reação automática diante de um estímulo por parte do ambiente. Diante de uma situação problemática, ação inteligente deve juntamente com o pensamento reflexivo conduzir a conduta do indivíduo. Ação inteligente, é aquela que desencadeará uma situação a qual não existia no horizonte das resoluções possíveis, é na investigação e na reflexão que nasce uma nova possibilidade. Só existe ação inteligente na medida que ocorre a uma avaliação da situação, sem esse processo avaliativo ação é puramente prática e reativa. Ao que se refere a morte assistida, o caso da campeã paralímpica Marieke Vervoort<sup>34</sup>, nos serve de exemplo de uma ação inteligente. Vervoort, foi uma campeã paraolímpica que sofria com dores crônicas em decorrência de uma doença degenerativa e de uma tetraplegia progressiva. Em decorrência dessas enfermidades, aos vinte e poucos anos se viu presa a uma cadeira de rodas.

Nesse novo cenário vital, a atleta percebeu que sua rotina mudará substancialmente, a dor a obrigou a recorrer a substâncias analgésicas, como a morfina. Vervoort, avaliou que mesmo com as suas conquistas, não se justificava a manutenção de uma vida comprometida pela aflição física e mental e se encaminhou para um ciclo de internações constantes. Em decorrência do ato de colocar em questão as consequências de manter uma ação (uso de remédio para aliviar a dor) a qual o resultado já era conhecido, podemos afirmar que ação de Vervoort se constitui como inteligente,

---

<sup>34</sup> Informação obtida em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/22/deportes/1571777795\\_278951.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/22/deportes/1571777795_278951.html)  
Acesso em 20/08-2023 às 15h47

O pensamento reflexivo é capacidade para investigar como uma determinada situação tornou-se problemática num contexto. Essa forma de pensar reflexivamente é a capacidade de enfrentar inteligentemente os dilemas que nascem do próprio viver. Para Calcaterra (2005) o pensamento tem a sua origem de algo que o precede e que não se pode reduzir a isso, sendo assim, o pensamento reflexivo nasce como necessidade de responder a determinadas solicitações, o pensamento reflexivo pode ser descrito como: “um exercício crítico que visa à sistematização e à organização das circunstâncias problemáticas” (Calcaterra, 2005. p. 43).

## 2.6 Critério de seleção do *corpus* de exemplos

Nosso primeiro contato com a questão da morte assistida se deu pela cobertura jornalística de casos de morte assistida. Notamos a ausência de uma cobertura ampla, as matérias se resumiam em noticiar: a) a condição de saúde dos indivíduos, b) o país onde a prática foi realizada e, c) quais países permitem a prática. Na ocasião, nossa preocupação científica era pensar a morte assistida como um acontecimento em sua segunda vida e como os jornais comunicavam essa segunda vida.

Chamou-nos a atenção a controvérsia instaurada entre os jornais (e sua necessidade de recobrir o acontecimento com discursos lógicos) e a cobertura mínima da morte assistida. Ao mergulhar nessa controvérsia, decidimos ser necessário averiguar outras possibilidades de reflexão sobre a antecipação da morte assistidamente, não se fechando na forma como as matérias jornalísticas comunicam a prática.

Nosso interesse se deslocou para uma abordagem comunicacional mais ampla, olhando para morte assistida como uma prática social que poderia ser investigada pela comunicação. Partiu-se da averiguação de como a comunicação enquanto campo de saber interpelava a morte e suas variantes enquanto objeto de investigação científica. Ao longo do levantamento bibliográfico encontramos interessantes trabalhos, tais como da professora e pesquisadora Marcia Benetti (2012) pesquisou a morte a partir da sua apropriação discursiva pelo leitor de jornais. Michele Negrini (2010) se ocupou de pensar a morte e sua espetacularização no telejornalismo brasileiro. Posterior ao levantamento do estado da arte da pesquisa sobre o tema no campo da comunicação, notamos uma ausência de investigações que tratassem da morte enquanto uma prática social.

A partir desses três critérios de seleção expostos acima (1. *tema*; 2. *ampliar a discussão sobre a prática*; e 3. *pensar a morte assistida comunicacionalmente*), decidimos, então,

explorar as matérias como exemplos de como a prática da morte assistida tem sua significação dada a partir da interação social e dos atos comunicativos. Optamos por não nos fechar a um recorte espaço-temporal específico, como se trata de uma dissertação em um formato ensaístico, nossa opção foi abordar os exemplos como materialidade retirada do cotidiano que permitissem observar a relação entre os indivíduos e a morte assistida.

Para atender ao problema de pesquisa, foi preciso escolher determinadas amostragens, de modo a identificar, como os indivíduos significam a morte assistida com base na experiência. Seguimos dois critérios: a) o primeiro critério, o contexto da convocação da morte assistida para solucionar uma questão que não era da ordem das doenças incuráveis e letais; b) o segundo critério, é a cooperatividade e colaboração buscada pelos indivíduos para justificar a sua existência como uma condição passível de se recorrer à morte assistida.

## 2.7 Movimento metodológico

A metodologia norteadora da investigação científica é selecionada a partir de escolhas que traçam todo o percurso da investigação. A estratégia metodológica que adotamos visa dar conta da globalidade do processo comunicativo existente, na prática da morte assistida, estamos ancorados na perspectiva que serve de eixo teórico; a ideia relacional de comunicação com aportes praxiológicos. Na visada de base pragmatista, a formulação teórica tem aplicação prática no gesto do fazer da pesquisa. Os instrumentos escolhidos, portanto, relacionam as instâncias teóricas e práticas no processo de construção do conhecimento: das perguntas condutoras; o objetivo; o fim em vista; a interrelação das técnicas; o modo como compreendemos a comunicação; as consequências das escolhas e a análise dos achados. A investigação acionou duas técnicas a serem explicitadas e justificadas a seguir: pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. Por sua vez, essas técnicas dialogam com o método escolhido, o instrumentalismo pragmatista na sua visada deweyana.

### 2.7.1 Instrumentalismo *deweyano*

Segundo Philip W. Jackson (2004), comentador da obra de Dewey, o modo investigativo do pragmatista se confunde com método filosófico e científico. Para Jackson (2004) a metodologia de *deweyana* pode ser considerada científica se for compreendida na percepção mais ampla: “método é qualquer forma de fazer algo” (Jackson, 2004). Mas, para o comentador, em uma perspectiva mais restrita do que é um método, o modo de investigação de

Dewey não pode ser pensado como uma metodologia. Conforme Jackson (2004) um método em seu aspecto restrito “é uma maneira explícita de se alcançar um objetivo” (p.141). Entretanto, advogamos sobre a sustentabilidade do instrumentalismo *deweyano* como método investigativo científico e sua aplicabilidade nas pesquisas comunicacionais.

A nossa opção por trabalhar com o instrumentalismo *deweyano* enquanto método se justifica na abertura metodológica que tal proposta oferece, superando, em partes, às abordagens tradicionais. Convocando o pesquisador a propor sentidos, discuti-los com os pares e não os desvelar. Nesse último ponto, o instrumentalismo *deweyano* nega a existência de verdades apriorísticas nos fenômenos e nas práticas sociais, tal como a morte assistida.

Em sua obra *Lógica: teoria da investigação*, Dewey aponta que qualquer concepção de método que tenha como pressuposto aplicação puramente lógica, é um equívoco. Para o pragmatista, a metodologia aplicada em uma investigação, deve nascer da própria execução da pesquisa. Não é possível um critério lógico que tenha como fonte a exterioridade e não o interior do processo de inquisição. Para o filósofo de Burlington<sup>35</sup> ao nos ocuparmos com algo objetivamente observável, com referência a que podem ser ensaiadas, testadas e verificadas, eliminamos a dependência de estados e processos subjetivos e de caráter "mental".

Nas palavras de Dewey o instrumentalismo é:

Uma tentativa de estabelecer uma teoria lógica precisa dos conceitos, dos juízos e das inferências em suas diversas formas, considerando primeiramente como o pensamento funciona na determinação experimental de suas conseqüências futuras. Significa dizer que o instrumentalismo tenta estabelecer distinções universalmente reconhecidas e regras de lógica, derivando-as da função reconstrutiva ou mediativa atribuída à razão. Objetiva-se constituir uma teoria das formas gerais de concepção e de raciocínio, e não deste ou daquele juízo particular ou conceito relacionado com seu próprio conteúdo, ou com suas implicações particulares (Dewey, 2007, p. 237)

O instrumentalismo é uma forma de conduzir o pensamento, a pesquisa se originou de uma lacuna do conhecimento comunicacional sobre a morte, ou seja, um problema de conhecimento é que movimentou toda a investigação. O instrumentalismo *deweyano* atravessa todo o texto como um guia para o pensamento de quem conduz a pesquisa. Convocamos o problema de pesquisa - como se configura a prática da morte assistida no contexto

---

<sup>35</sup> Cidade natal de Dewey.

sociocultural contemporâneo, em uma abordagem comunicacional pragmatista? – para explicarmos como chegamos a essa questão.

Dewey aponta um modo de conduzir o pensamento para a resolução e elaboração de uma questão. Ancorados nesses passos que chegamos ao problema da pesquisa e consequentemente da produção de categorias de análise. O primeiro movimento do pensamento foi a indeterminação da situação: morte assistida e comunicação. A relação entre ambas se apresenta como incerta, mas essa indeterminação não parte dos estados mentais de quem escreve a pesquisa, é a própria situação que a torna inerentemente incerta. Nas palavras de Dewey (1974) sobre a incerteza de uma determinada situação, na relação entre organismos: “o hábito de considerar a incerteza como se pertencesse somente a nós e não à situação existencial [...] é herança da psicologia subjetivista [...] é engano supor que uma situação é incerta apenas num sentido subjetivo” (p. 217).

O movimento seguinte após estabelecer que há uma incerteza na relação morte assistida e comunicação foi elaborar uma problemática. Esse gesto é inicial, não representa a totalidade da investigação, marca um avanço na instituição do que posteriormente se tornará um problema, em específico um problema comunicacional. Significa dizer que o problema não estava dado, é o oposto disso, é na relação entre a prática da morte assistida e a comunicação que emergem os problemas. Ou seja, quais problemas nascem dessa situação problemática.

Antes de chegarmos atual questão deste trabalho, outra questão sondava o pensamento: o que há de comunicacional, na prática da morte assistida? Essa questão primeira guiará o pensamento e as hipóteses para uma investigação, todavia esse problema era amplo e nos remetia a uma pergunta intelectualizada por demais. Dewey (1974) orienta sobre a concepção de um problema:

O modo pelo qual o problema é concebido decide quais as sugestões específicas que serão tomadas em consideração e quais as que serão deixadas de lado; que dadas serão selecionados e que dados serão rejeitados; ele é o critério de relevância e de irrelevância das hipóteses e das estruturas conceituais (Dewey, 1974, p.219).

Como nosso objetivo foi investigar uma prática social, a nossa questão ou problema de pesquisa, deveria movimentar não só as hipóteses, mas também o conjunto de conceitos a serem utilizados. Diante disso, a problemática da morte assistida e a comunicação, fez

emergir o problema: como se configura a prática da morte assistida no contexto sociocultural contemporâneo, em uma abordagem comunicacional pragmatista? Enunciar claramente o problema é nos termos de Dewey (1974): “caminho da própria solução, a determinação de um problema genuíno é uma investigação progressiva” (p. 219).

Para chegarmos à solução da questão em que o resultado foi a criação de um gesto metodológico denominado subtipologias da morte assistida, partimos da observação da relação entre os agentes sociais e a morte assistida. Ou seja, foi necessário se atentar ao comportamento diante do morrer assistido, para tal, fizemos uma seleção de matérias jornalísticas tendo como fonte das reportagens: jornal *El País*, G1 e outros veículos. Como explicamos anteriormente, por se tratar de uma dissertação em um formato ensaístico, nossa opção foi buscar materialidades retiradas do cotidiano que permitissem observar a relação entre os indivíduos e a morte assistida. Nossa amostragem conta com casos: a) morte assistida decorrente de doenças autoimunes; b) morte assistida em razão do cansaço de viver; c) morte assistida em razão do uso de antidepressivos para lidar com o cotidiano; d) cooperação e colaboração de indivíduos para negociar com o Estado a morte assistida, e) morte assistida em razão do vício em álcool.

O exame da morte assistida e a produção das subtipologias, se deram de forma mútua. Ao averiguarmos essa forma de morrer num aspecto mais geral da experiência, veio à luz aspectos que deram origem as subtipologias.

As subtipologias da morte assistida são ferramentas metodológicas, que permitem a compreensão dos gestos de significação da prática da morte assistida, levando em consideração a interação entre os indivíduos. Os significados propostos coadunam com as particularidades de cada subtipologia. A morte partilhada, morte pensada e a morte programada, são preposições, ou seja, enquanto ideias, elas podem ser verdadeiras ou falsas. Queremos dizer que não basta propor significados para racionalizar uma determinada prática, é necessário colocar em funcionamento e ver a efetividade. A eficácia da criação das subtipologias como instrumentos metodológicos só é possível, quando, postas para operarem de maneira a instituir, por intermédio de observação, fatos não observados previamente nos casos de morte assistida, constituindo instrumentos para a organização racional desses com outros fatos, num todo coerente.

A investigação não se restringe apenas a observação, a experiência e a experimentação, mas são também seus instrumentos, as teorias, os conceitos, os objetos de conhecimento, as categorias de análise, as formas lógicas e o próprio conhecimento, todos gerados a partir da pesquisa. Constituindo ferramentas que podem ser utilizadas para solucionar problemas práticos ou provocar um rearranjo entre experiência e natureza. Ao propormos as subtipologias da morte assistida, buscamos constituir instrumentos metodológicos de verificação de situações problemáticas na prática da morte assistida. Uma vez elaborados podem orientar a execução de investigações ulteriores.

Logo, as subtipologias são operacionais; guiando operações futuras de observação de casos de morte assistida; elas orientam o investigador para poder trazer à luz novos fatos e organizá-los sistematicamente. Podem ser definidas como um plano de ação sobre as condições existentes de observação. Em outros termos, as subtipologias podem ser avaliadas pelas consequências produzidas por elas, enquanto instrumentos de investigação da morte assistida. Os significados que buscamos atribuir tem como função escapar de qualquer definição mentalista ou naturalista, da morte assistida.

Para que o leitor possa compreender com mais facilidade a proposta das subtipologias da morte assistida enquanto um gesto metodológico, elaboramos uma grade analítica para observação e compreensão do que pode ser visto a partir do uso das subtipologias. Essa grade emergiu do confronto entre morte assistida e comunicação; da relação indivíduo e ambiente; e, das relações problemáticas emergentes desses confrontos. Assim sendo, tal grade estruturada, é resultante da sistematização dos pressupostos teóricos que foram escolhidos para operacionalizar o padrão analítico dos conflitos sociais, políticos e culturais, ao redor da morte assistida.

#### **Quadro 1 - Grade analítica**

##### **Contextualização da situação problemática**

1. Investigação da morte assistida enquanto uma situação problemática;
2. Investigação de como cada indivíduo se percebe diante de um problema da ordem da relação organismo e natureza;
3. Mapeamento das condições que tornam uma determinada experiência passível de utilização da morte assistida.

##### **Morte partilhada**



1. Relação política, social e cultural da morte assistida;
2. Cooperação e a sociabilidade dos indivíduos mediada por interesses comuns;
3. Negociação, recusa ou aceitação das normas do Estado em relação a morte assistida;
4. Configuração da morte assistida enquanto um problema de ordem pública e as problemáticas que emergem entorno da prática.

#### **Morte pensada**

1. Investigação do pensamento sobre a manutenção da vida;
2. A experiência do sofrimento escapa de uma representação patológica do viver;
3. O pensamento como ferramenta de mudança no comportamento.

#### **Morte programada**

1. Ação consciente no presente visando alterar o futuro;
2. Reorganização dos quadros de sentidos para lidar com a nova situação vital;
3. Capacidade de ressignificar uma prática para intervir diretamente no cotidiano.

**Fonte: autor (2023)**

### 2.7.2 Pesquisa bibliográfica

A utilização desse procedimento foi fundamental para o entendimento dos conceitos operadores da pesquisa e que conseqüentemente orientaram a problemática. A pesquisa bibliográfica foi usada para discutir os conceitos e eixos temáticos: acontecimento, acontecimento em sua primeira e segunda vida, o processo de individuação, experiência, morte, morte assistida, comunicação pragmatista, comunicação praxiológica e comunicação relacional. Posteriormente, esses conceitos nortearão a grade analítica que será utilizada para observação dos dados coletados.

### 2.7.3 Pesquisa documental

Foi utilizada para observar e interpelar os documentos que foram da ordem das: matérias jornalísticas. Nossa opção por esse método se deve a possibilidade de usar os documentos para contextualização histórica, cultural, social e econômica da prática da morte assistida. Servindo como um complemento para a pesquisa bibliográfica. O que difere está da pesquisa bibliográfica é diversidade e a dispersão das fontes.

Por fim, este capítulo comunicou como dialogamos com a nossa fundamentação teórica. A noção de comunicação pragmatista e as perspectivas comunicacionais praxiológica e relacional nos permitem olhar para morte como um objeto passível de investigação comunicacional. A morte assistida enquanto segunda vida do acontecimento possibilitou averiguação e descrição dessa prática.

Por mais que tenhamos didaticamente especificado uma sessão para metodologia, o seu uso não é fixo, é um elemento que atravessa o texto e o sujeito da pesquisa. Com isso queremos afirmar que a metodologia não deve ser pensada como um utensílio a serviço da *episteme*. A problematização teórica da pesquisa não pode estar desvinculada da metodologia utilizada, ou seja, evitamos um uso mecânico do instrumentalismo.

O capítulo seguinte é a materialização do esforço de colocar em prática as subtipologias da morte assistida. Testar na concretude de casos reais a aplicabilidade das ferramentas teóricas que propomos. Apontando as especificidades, a definição e o uso de cada subtipologia.

### 3. TERCEIRO CAPÍTULO: SUBTIPOLOGIAS DA MORTE ASSISTIDA

*“Não quero mais sofrer, estou cansada. Luto para descansar”*  
Martha Sepúlveda ao justificar seu pedido para morrer assistidamente

#### 3.1 Prelúdio

Sabemos que todo conceito, definição, inquietação e explicação de um dado fenômeno nasce à luz de um problema na desordem das relações sociais. À vista disso, qual a razão de nos ocuparmos em pensar categorias analíticas para investigar uma determinada prática social e a relação dos indivíduos com esta? Tal como se criaram ferramentas para lidar com os afazeres cotidianos, as categorias propostas são instrumentos teóricos e práticos para pensar e solucionar problemas que nascem do próprio ato de viver. Por conseguinte, as subtipologias não nascem a esmo, e não são pensadas e descritas levianamente, emergem numa corrente filosófica do pensamento que nos serve de visada: o pragmatismo.

As categorias do conhecimento que apresentamos não tem a finalidade de serem generalizantes ou abstratas, antes de qualquer coisa elas devem ser práticas e funcionais. É pela observação da funcionalidade onde averiguaremos a pertinência delas. Portanto, não estamos no território do mentalismo, a consistência delas se dá na concretude do cotidiano, na interação entre indivíduos e o mundo ao seu redor.

Na introdução deste trabalho, apresentamos a noção de tipologia a qual usamos para pensar a morte assistida, todavia cabe uma maior explicação da razão do uso “tipologia” e consequentemente do prefixo “sub”. Nossa opção por tratar a morte assistida como uma tipologia das variações do morrer é a tentativa de sistematizar e categorizar tal prática num quadro passível de inteligibilidade. Se morrer é um ato universal, categorizar as possibilidades de execução da morte permite avaliar a pertinência desse fenômeno nas relações sociais, a existência diluída na essência da natureza humana confrontada com a morte.

Na tipologia morte assistida consideramos a existência de subtipologias, o uso do prefixo “sub” tem a pretensão de justificar uma relação de hierarquia, de extensão e, ao mesmo tempo mostrar como a prática não é fechada em si. Ao utilizarmos o “sub” apontamos para a necessidade de não olhar para morte assistida em uma única relação casuística: doenças terminais e o requerimento para morrer legalmente.

Em outras palavras, é preciso olhar para prática num contexto sociocultural para vislumbrar como os diferentes atores significam essa prática:

Estabelecer um significado equivale a determinar as possíveis consequência de um objeto no contexto mais geral da experiência. Isso implica que os significados linguísticos representam um método de ação, um modo de usar as coisas como meios para produzir situações e realidades “participadas” pelos sujeitos agentes”. (Calcaterra, 2015, P. 116)

No exercício de nomear e descrever as subtipologias da morte assistida, apresentamos elas em formato de verbetes. O verbete neste trabalho tem uma dupla função: a primeira se refere ao seu uso metodológico, descrever as subtipologias no formato de verbetes é um exercício de síntese, coesão e clareza. Ser conciso e claro é uma necessidade do próprio fazer científico. A segunda tem um aspecto epistemológico, nos permite observar se enquanto categorias do conhecimento descritas em forma de verbetes, elas mantem o que faz delas ferramentas metodológica para investigar a prática da morte assistida. Por fim, é uma primeira entrada comunicacional do nosso gesto de construção dessas categorias do conhecimento sobre os modos variantes da morte assistida.

### **1. Subtipologias**

As subtipologias construídas aqui são categorias de conhecimento definidas a partir de uma visada comunicacional de base pragmatista. Representam um conjunto de procedimentos conceituais que permitem reconhecer e estabelecer correlações. Definem e abrem, portanto, como meios de observação da prática social de solicitar abreviação da vida em sua dimensão comunicativa. Situam-se no contexto da passagem da morte enquanto acontecimento existencial para a sua segunda vida dada pela cultura, a morte assistida. Permitindo a investigação e observação da sua amplitude prática. Descrevem um ato/conduta de antecipação da morte de forma legal no contexto sociocultural contemporâneo. As subtipologias tem uma relação entre si à medida que são ferramentas para compreender o agir reflexivo diante de um presente e de um futuro marcados pela morte comunicada. Elas se diferenciam em razão da natureza da relação entre o indivíduo, aquele que deve negociar com o ambiente para produzir um resultado sobre o próprio cotidiano, e o ambiente, aquilo que afeta o indivíduo, tal como: o vício em drogas, alcoolismo, depressão, doenças autoimunes, doenças degenerativas, acidentes graves, velhice, etc.

## **2. Morte partilhada**

Os sujeitos organizam os afetos primários decorrentes de eventos que podem ser da ordem das doenças degenerativas, enfermidades que agravam o cotidiano ou acidentes que deixam sequelas graves. Recorrendo aos significados partilhados coletivamente, refletem intimamente sobre a manutenção de uma vida cuja continuidade não se dá sem prejuízo na capacidade de compartilhar e experimentar os afetos. A partir da organização dos afetos primários se tornam interlocutores de uma experiência do sofrimento partilhada discursivamente. Constituindo um espaço comum onde aqueles que desejam pelo morrer assistidamente poderão organizar suas ações para alcançar tal objetivo. E na e pela comunicação que se dá a organização desse espaço compartilhado. Dessa forma, o sofrimento e a vontade de morrer assistidos passam a ser descritos em uma estratégia discursiva e argumentativa, produzindo uma rede de relações que a partir da interação refletirá e expandir as possibilidades de ajustes no modo de ser e estar no mundo desses indivíduos.

## **3. Morte programada**

Partimos da ideia da adoção de uma ação consciente no presente para evitar a materialização de um futuro que se tornou comunicável em forma de diagnóstico clínico. O sujeito é comunicado da existência de uma enfermidade degenerativa que num espaço-tempo mais ou menos calculável será acometido por uma condição de sofrimento, definhamento e morte. O indivíduo está diante de uma situação em que não possui quadros de sentidos para compreender o futuro que se tornou parte do seu presente. Dessa forma, cabe ao indivíduo num contexto de interação social buscar novos enquadramentos enquanto estruturas cognitivas para lidar com o amanhã comunicado clinicamente. A ideia da antecipação da morte legalmente passa a ser uma possibilidade para administrar e gerenciar a conduta e escolher um futuro diferente do comunicado clinicamente.

## **4. Morte pensada**

A partir do pensamento reflexivo, a morte assistida passa a ser uma possibilidade viável para a resolução de uma problemática enfrentada pelo indivíduo. Essa problemática é fruto do viver cotidiano, do agir, do se relacionar e pode nascer de diferentes interações: velhice, dependência do álcool, a vida a base de

antidepressivos, doenças autoimunes ou simplesmente o cansaço de viver. É no contexto da situação problemática que permite o pensamento fazer da morte assistida uma condição viável em processo. O sujeito precisa organizar as proposições ideacionais ou factuais que servem como hipóteses de acordo com seu contexto, para refletir qual a melhor solução para o seu dilema. O pensamento faz da morte assistida um juízo final capaz de sanar a dúvida que emerge da investigação por parte do indivíduo na situação problemática. Por se tratar de uma experiência que não repete, o indivíduo deverá ter esgotado o repertório de significados que poderiam fornecer elementos para lidar com o próprio cotidiano que se apresenta como um fardo.

Os verbetes são destinados a explicar e apresentar, de forma sistematizada, cada subtipologia. A partir disso, podemos observar, descrever e analisar a empiria específica de cada designação subtipológica. Isso posto, começamos apresentar mais detalhadamente as subtipologias abrindo como uma discussão sobre eutanásia e morte assistida.

### 3.1 Eutanásia e morte assistida: uma diferenciação

O pesquisador Rodrigo Siqueira Batista (2006) mostra que Francis Bacon, descrevia o termo eutanásia como “tratamento ideal para doenças incuráveis”. Nos termos de Batista (2006), a eutanásia é um procedimento cujo objetivo é encerrar a vida por intermédio do aceleramento do processo de morte em doentes incuráveis, a fim de livrá-los do sofrimento.

Batista (2006) apresenta as distinções clássicas e comumente usadas sobre o termo: a) eutanásia ativa, deliberadamente se provoca a morte do moribundo para cessar o sofrimento, b) eutanásia passiva, prática de omitir assistência médica necessária para manutenção da sobrevivência e, c) eutanásia de duplo efeito, quando há o aceleramento da morte em decorrência de um tratamento para aliviar o sofrimento. Em todos os casos, o sentido da prática está acoplado a ideia de findar o grave sofrimento por intermédio da antecipação da morte.

As variações da eutanásia, são protocolos de atendimento clínico a um determinado perfil de paciente, às discussões éticas sobre o procedimento instauram-se no âmbito da dignidade da vida e não necessariamente na discussão sobre as experiências que atreladas a um determinado contexto, seriam passíveis de efetivação da morte assistida. Um dos exemplos de como a eutanásia não leva em consideração a experiência em um contexto mais geral é a

tramitação que ocorre em Portugal<sup>36</sup> desde 2021 sobre sua definição. O presidente Marcelo Rebelo de Sousa, encaminhou novamente ao Tribunal Constitucional<sup>37</sup> o projeto de lei que permitiria a descriminalização da técnica de antecipar a morte. Destarte, que às considerações feitas pelo executivo se atentavam a duas premissas “a inviolabilidade da vida humana consagrada” e a necessidade de uma definição precisa do que é a eutanásia.

Para Kovács (2014), a variação da prática conhecida como distanásia é uma forma de prolongamento do processo de morte. Autora aponta a ortotanásia como oposto da eutanásia seria a “morte no momento certo” e respeitando a dignidade do paciente em um aspecto espiritual e social. Entretanto, autora não define o que é essa “morte no momento certo”. É um esforço, também, visto pelo viés comunicacional, de nomear, de impor valores, de categorizar as variantes a partir da eutanásia.

Com isso queremos mostrar como a morte assistida e as subtipologia descrevem outra dimensão dessa prática no contexto sociocultural contemporâneo. Se a prática tem uma dimensão histórica, os sentidos que os sujeitos atribuem a ela também se alteram com o tempo, é preciso observar o contexto em que a morte assistida é convocada. Às subtipologias buscam compreender como os sujeitos na interação social partilhada reconfiguram a prática de antecipar a morte para sanar um determinado dilema. Essa ruptura entre sentido e prática visa evidenciar um novo regime do olhar sobre a prática que desencadeia na reflexão da própria finitude, em resumo os sentidos sobre a prática são históricos e mutáveis.

Diferentemente da eutanásia, a morte assistida, esta vista a partir de suas subtipologias, tendem a olhar para a prática do morrer legalmente na globalidade das interações sociais. Observando como os diversos atores sociais organizam, refletem, significam e justificam a existência da prática. À vista disso, o sofrimento é considerado uma das possibilidades para significar a prática e não a única.

Essa mudança no regime do olhar sobre a prática também possibilita colocar em questão a necessidade de “experiências restritas” para solicitar o morrer assistido, doenças terminais. Ao colocarmos em questão o conhecimento médico e jurídico que atrela a prática de antecipar a morte a “experiências restritas” nota-se a desconsideração da cultura, da experiência e do contexto do indivíduo. A nossa compreensão é de que essas outras experiências não atreladas a experiências restritas cuja causa não é a terminalidade da vida, também são

---

<sup>36</sup> Informação obtida em < Atualidade - Página Oficial da Presidência da República Portuguesa (presidencia.pt)> Acesso em 17/02/2023 às 10h40

<sup>37</sup> O presidente português promulgou a lei que descriminaliza a prática de solicitar a morte antecipada legalmente, o Parlamento com sua maioria socialista conseguiu reajustar a lei com base nas solicitações feitas anteriormente pelo presidente.

experiências possíveis para solicitar o morrer assistido. Enquanto essas experiências tornam o cotidiano do indivíduo um fardo, este pode significar o gesto da morte antecipada para findar o dilema.

### 3.2 Subtipologias da morte assistida

#### 3.2.1 Morte partilhada

Essa categoria comporta duas dimensões, a primeira referente a capacidade de observar a significação dos afetos iniciais decorrentes do próprio viver cotidiano e a segunda se dá na averiguação da constituição de um espaço comum e partilhado. Dessa forma, essa categoria é concebida como instrumento que possibilita compreender e constatar: a organização dos afetos primários por parte dos indivíduos, para se tornarem interlocutores de uma experiência partilhada de sofrimento e busca pela morte assistida. Instituindo assim um lugar-comum para organização das condutas dos indivíduos moribundos e dos simpatizantes.

Como instrumento de investigação, a sociabilidade da morte dá condições ao pesquisador de vislumbrar as problemáticas que emergem dessa forma de morrer, entre as possíveis: o dilema para justificar, de forma plausível, o desejo de morrer de forma assistida. Na formulação da justificativa é preciso dizer claramente por que a vida tal como está se apresenta insustentável e inviável. Desse ponto, outra problemática nasce: significar a prática ao ponto de a experiência pessoal escapar da relação doenças terminais e morte assistida, ou seja, tornar compatível a experiência individual e a prática.

Dessa forma, a sociabilidade da morte não só faz ver esses indivíduos como mostra como a organização dos afetos primários os torna interlocutores de uma experiência do sofrimento partilhada pela materialidade simbólica do discurso. Tomando como eixo a perspectiva relacional da comunicação proposta por França (2010)<sup>38</sup> é possível afirmar que é pela encarnação do sofrimento enquanto discurso partilhado, em uma rede de relações comuns, onde se promove o engajamento e a criação de vínculos.

Ao passo que esses indivíduos portadores de enfermidades são convocados a tomar a palavra, o sofrimento passa a ser descrito em uma estratégia discursiva e argumentativa para

---

<sup>38</sup> O paradigma relacional entende a comunicação como um processo atravessado por dinâmicas: a interlocução entre sujeitos — a materialidade simbólica (o discurso) e o contexto sociocultural. O contexto sociocultural muitas vezes é desconsiderado ou negligenciado nas pesquisas comunicacionais, a professora Vera França reforça em suas pesquisas a importância do contexto na interação comunicacional. Levando este em consideração podemos compreender com maior clareza o que ocorre em uma determinada situação.



se alocado num território de uma problemática e atender a interesses diversos. A sociabilidade da morte da visibilidade a instituição de um espaço comum, compreendendo este na perspectiva comunicacional praxiológica de Quéré (2018). Tal espaço se constitui pela comunicação que possibilita adoção de uma ação conjugada para o alcance de um determinado objetivo. O espaço comum partilhado permite agrupar diferentes atores e inclusive aqueles não padecentes de enfermidades, tal como os familiares e apoiadores.

A comunicação tem um papel fundamental nesse movimento coletivo, por ser por intermédio dela que se constitui e se organiza perspectivas partilhadas. Usando a comunicação, os indivíduos criam um entendimento comungado entre si para nortear as ações. O sofrimento e o desejo de passar pela morte assistida são comunicados numa estratégia discursiva, isso ocorre em razão de interesses emergentes nesse espaço comum, que constitui uma forma de sociabilidade.

Entre os inúmeros interesses possíveis apresentamos alguns: a) dar visibilidade a determinados personagens que não teriam fora desse espaço, a existência de determinados sujeitos passa pelo processo de agregamento de perspectivas partilhadas, b) tornar público os impasses enfrentados por aqueles que desejam a morte assistida, c) fazer visível a exclusão de determinadas experiências que não são consideradas válidas para solicitar a morte antecipada legalmente.

Há também a vontade de validação desse espaço comum e dos interesses partilhados pelos integrantes. Entendemos como validação o interesse para que a opinião pública reconheça e afirme a importância do que está sendo comunicado. Uma das estratégias para essa validação é dar a maior visibilidade possível a casos em que a comoção social possa ser afetada.

Daniel Cefai (2009) corrobora para evidenciarmos como espaço-comum tem uma dimensão coletiva da ação entorno de uma problemática. Para o autor, quando os indivíduos se organizam para reivindicar algo ou denunciar, eles precisam se organizar para constituir uma linguagem comum que possibilite a enunciação e confecção dos modos de engajamento público.

Os interessados na causa da antecipação da morte se organizam em um trabalho cooperativo, onde vão administrar as particularidades de suas experiências para reivindicar o direito de morrer assistidamente. Cefai (2009) completa “configuram explicações e interpretações, mas também exprimem e simbolizam emoções, projetam imaginários e utopias” (p.28).

Na sociabilidade da morte a empatia, a comoção e a emoção também fazem parte da constituição desse espaço-comum. Se o indivíduo não está em uma situação em que considera a sua vida insustentável ou inviável, o que levaria ele a prestar solidariedade a estes? Nossa hipótese é a empatia. A empatia como um sentimento capaz de ligar o indivíduo a uma experiência exterior a ele, à medida que se torna *comunicável* uma experiência é possível pensar em estratégias que levem o público a emoção e a comoção.

Por outro lado, a emoção gerada nem sempre desencadeará em apoio a uma determinada causa, ela pode desencadear em outro espaço-comum que pode agregar indivíduos contestadores do uso da prática. Vejamos a manifestação realizada entorno da prática em Portugal no ano de 2018.

Em 2018, se iniciou uma série de manifestações em razão da despenalização do ato de antecipar a morte assistidamente, entre falas acaloradas dos políticos e as manifestações a prática ganhou aspecto de problema público. Quéré e Terzi (2012) apontam a necessidade de sublinhar o caráter problemático da situação e conseqüentemente a sensibilidade do público para se comprometer com a mobilização entorno de uma causa. Nesse caso a problemática convocada era a dignidade da vida

Figura 266



Fonte: Agencia Ecclesia

O cartaz do movimento “*Stop Eutanásia*” contrário a despenalização da morte antecipada legalmente se baseia ou justificar-se-á em uma experiência sensível “porque todas as vidas são dignas”. A saída apontada para a problemática para aqueles que consideram a vida

insustentável, seria os cuidados paliativos até o momento da morte. Diferentemente daqueles que não desejam manter-se em vida mesmo tendo todos os cuidados paliativos disponíveis. Estes, por seu turno, jogam com a sensibilidade de uma existência onde as interações sociais, a capacidade de comungar dos espaços sociais, de ser ativo na sociedade está anulada em razão da vida insustentável.

O executivo português promulgou a lei 22/2023 de 25 de maio<sup>39</sup>, regulamentando a prática e despenalizando o seu uso. A lei é um primeiro movimento de sistematizar a prática e promover uma governabilidade sobre sua execução e sobre aqueles que desejam a utilizar. Logo, ela apresenta as condições necessárias para se fazer uso da morte assistida, apresentamos alguns pontos que levantaram questões e ainda são elementos para o surgimento de problemáticas.

A lei diz: “a morte medicamente assistida só pode ocorrer por eutanásia quando o suicídio medicamente assistido for impossível por incapacidade física do doente”. Mas, a lei não apresenta, de forma taxativa, o que pode ser considerado como “incapacidade física do doente”, ficando a cargo subjetivo do médico estabelecer o que vem a ser a incapacidade física. O moribundo necessita que o médico reconheça o seu estado como condição para morrer assistidamente.

No artigo segundo, as letras “d” e “e”, no tocante ao que se considera como experiência compatível para solicitar a morte assistida, a lei diz: “doença grave e incurável” e “«Lesão definitiva de gravidade extrema.” Todavia, não apresenta ao longo do texto qual prognóstico vital, ou seja, não há uma definição do que é considerado uma “doença grave e incurável” e “«lesão definitiva de gravidade extrema”, significam na prática.

Vejamos a aplicabilidade da sociabilidade da morte a partir da grade analítica, proposta na metodologia. Usaremos como exemplo dois casos, o primeiro mais restrito, específico e particular. Trata-se do caso da chilena, Paula Diaz<sup>40</sup>. O segundo caso é a liberação da prática na Espanha. Dessa forma, pretendemos mostrar como essa categoria e conseqüentemente as demais, permitem sair do particular para o geral.

Contextualização do primeiro caso.

"Me queima, me queima, por favor, não me mexa, tudo dói!" é assim que María Cecilia, mãe de Paula Diniz, passa mais uma noite observando a filha sofrer. Durante o dia, esse

---

<sup>39</sup>Disponível em <[https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?artigo\\_id=3648A0027&nid=3648&tabela=leis&pagina=1&ficha=1&so\\_miolo=&nver-sao=.>](https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?artigo_id=3648A0027&nid=3648&tabela=leis&pagina=1&ficha=1&so_miolo=&nver-sao=.>) Acesso em 01/10/2023 às 10h

<sup>40</sup> Disponível em <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/internacional/1518014696\\_667720.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/internacional/1518014696_667720.html)> Acesso em 01/10/2023 às 11h

ritual se repete e Cecilia, contempla o sofrimento da filha que se materializa na em forma de palavras "Queima-me!" Não consigo nem abrir os olhos, porque até a luz me queima!"

Paula Díaz tem 19 anos, mas parece ser mais nova. Seu corpo é magro, mas apresenta uma certa rigidez, por causa das forte dores na garganta os episódios de vômito são comuns. Em razão da debilidade, se vê forçada alterar de posição a cada poucos minutos em busca de alívio. Paula sente dores constates há quatro anos, segundo sua mãe, quando as dores adentraram a vida de Paula, toda a rotina da família se alterou.

Cecilia se viu obrigada abandonar o emprego de professora, para cuidar integralmente da filha. Com ajuda de apoiadores, conseguiu se mudar para um lugar mais calmo, em Villa Manuel Larraín, em Talca. O pacato lugar, tinha o seu silêncio furtado pelos gritos de dor de Paula. A jovem via aos poucos, seu corpo se tornar uma armadilha.

Paula reconhece o esforço de sua mãe e a sua condição:

Minha mãe sempre avançou, ela tira forças e continua mesmo que seja difícil, mas eu não aguento mais isso, peço urgentemente essa opção de eutanásia, porque não consigo dormir um segundo. Minha pele, meu corpo, meus órgãos não aguentam mais. Não consigo descansar porque vou me apoiar e meu quadril estoura [...] e eu tenho tanto medo que aprendi a suportar a dor, é demais... Só peço descanso, se não conseguirem me ajudar, eu entendo, mas quero descansar (Díaz).

Ao leitor, cabe o exercício de imaginar María Cecilia, escutando a própria filha pedindo para morrer. O médico Miguel Kottow, chefe da Unidade de Bioética da Escola de Saúde Pública da Universidade do Chile. Considera o debate sobre a morte assistida e sua legalização importantes, mas adverte que o caso de Paula não pode servir como um exemplo ou experiência para justificar a prática:

Nesses casos, estaríamos falando de eutanásia médica, quer dizer, executada por um médico. Se não há diagnóstico, como ocorre com essa jovem, derruba-se todo o caso [...] antes de pensar em uma solução extrema - que não é possível porque não é válida por lei e porque a presidente não tem autoridade para permiti-la -, era preciso primeiramente determinar o que ela tem de fato, se é algo tratável, se tem prognóstico negativo, e em que bases se está fundamentando o pedido de eutanásia (Kottow)

Ausência de um diagnóstico definitivo também produz sofrimento na família, a jovem já foi diagnosticada como: bronquite obstrutiva, pneumonite, tosse irritativa persistente, eritema laríngeo, enterovírus, síndrome depressiva maior, coreia pós-infecciosa, perda

auditiva, escoliose, ataxia, síndrome de conversão grave, movimentos involuntários, dor generalizada, síndrome vestibular atáxica, meningoencefalite viral, encefalite pós-vacinal, tipo de epilepsia sem outra especificação. Mas, nenhuma das definições explicavam a condição de Paula e justificava o pedido para morrer assistidamente.

María Cecilia, escreveu ao governo chileno para obter ajuda, em carta direcionada ao senador Alejandro Navarro Cérebro, dizia:

Sou María Cecilia Ahumada Millacura, mãe de Paula Macarena Díaz Ahumada, RUT 19.996.029-6; que em agosto de 2013 foi vacinada, sem pedir autorização aos pais, na escola San Adrián, na comuna de Quilicura. Na ocasião, receberá duas vacinas: a do HPV e a do TPD acelular. Após receber a vacina, foi desencadeada uma série de alterações na saúde da minha filha (efeitos adversos), às quais os médicos não conseguiram dar tratamento e um prognóstico preciso (Cecilia).

A carta então prossegue com uma descrição da situação da filha e da família:

Hoje Paula apresenta sérios danos neurológicos, movimentos involuntários, perda de consciência, paralisia do nervo craniano e extremidades, epilepsia, inflamação do cérebro, encefalite, convulsões, dor crônica, perda do controle esfinteriano, entre outros sintomas; Isso a coloca diante de sérios riscos vitais e múltiplas complicações que exigem cuidados e atenção permanentes, obrigando-me a renunciar ao meu trabalho como professora para prestar-lhe os cuidados necessários. É assim que o tempo passa em intermináveis internações, incertezas de não ter respostas ou tratamentos precisos e eficazes. Estou imensamente destruída, desabando a cada segundo e não sei de onde tirar forças para seguir em frente (Cecilia).

Por fim, súplica ao governo chileno:

Minha filha exige descanso, pede uma injeção para colocá-la para dormir para sempre. Como lidar com isso em nosso presente, que é insustentável devido à nossa situação socioeconômica precária; Tudo isso seria muito mais suportável se eu tivesse recursos financeiros. Sou professora e não consigo praticar há quatro anos, perdi tudo; Meu tempo é só para cuidar dela, usando toda a minha inteligência para sobreviver. Isso é cansativo, isso dói! Nunca pensei que duraria tanto tempo e seria tão difícil, a ponto de tirar nossa expectativa de vida. Espero o apoio de vocês. Você é minha última esperança (Cecilia).

### Grade analítica - individual

<p><b>Relação política, social e cultural da morte assistida</b></p>	<p>Ausência de uma definição da condição poderia desencadear o uso da prática de forma irresponsável, segundo o médico. Politicamente o Presidente da República não tem poder para definir quais condições estão de acordo para utilização da prática.</p>
--	--

<b>Configuração da morte assistida enquanto um problema de ordem pública e as problemáticas que emergem entorno da prática</b>	Perda do emprego, abandono das relações cotidianas, desgaste, sofrimento psíquico da mãe e da filha, incapacidade de fazer algo sobre a situação da filha, sem responder judicialmente.
<b>Cooperação e a sociabilidade dos indivíduos mediada por interesses comuns</b>	Entrevistas para dar visibilidade a condição de Díaz, a divulgação da situação da jovem
<b>Negociação, recusa ou aceitação das normas do Estado em relação a morte assistida</b>	Tentativa de dialogar com o governo tendo como base o sofrimento da filha para justificar a prática, apontar que a indefinição da sua doença, só prolonga o sofrimento.

### Segundo caso

A Espanha liberou em 2021 o acesso a prática da morte assistida<sup>41</sup>. O Estado espanhol, definiu quais experiências são compatíveis com a prática. Quando o Estado decide quais experiências permitem o uso da morte assistida, ocorre uma delimitação na experiência, na amplitude da prática e dos indivíduos que podem se valer dessa forma de morrer.

Segundo a *Ley Orgánica 3/2021, de 24 de marzo, de regulación de la eutanasia*<sup>42</sup>. [Lei orgânica 3/2021, de 24 de março de regulamentação da eutanásia], a seu objetivo maior é sistematizar, equilibrar, dar seguridade jurídica e garantista a sociedade espanhola. Apresentamos alguns pontos da referida lei que possibilitaram o aparecimento de problemáticas e podem nortear ação dos indivíduos.

No capítulo II da lei orgânica, na letra “d”, do 5º artigo, estabelece que só podem solicitar a morte assistida os sujeitos agravados por enfermidade graves e incuráveis, padecimento agudo, crônico e incapacitante nos termos previstos em lei. Para o Estado espanhol, uma condição grave, crônica e incapacitante se refere a impossibilidade de a pessoa cuidar de si, a incapacidade de se expressar e de se relacionar com os outros. Em nossa compreensão há uma perda da capacidade de constituição dos espaços partilhados pela comunicação. Não é a simples incapacidade de transmitir mensagens, no padrão funcionalista da comunicação: emissor – canal- mensagem- receptor. Mas, é o apagamento da possibilidade de estabelecer encontros dialógicos, onde os indivíduos se afetam mutuamente.

De acordo com a lei espanhola, a morte assistida, só pode ocorrer após a expressa decisão do convalescente e de um médico, que afirma e atesta a condição de sanidade do

<sup>41</sup> Informação obtida em < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/06/25/lei-que-autoriza-eutanasia-na-espanha-entra-em-vigor-entenda-em-quais-casos-a-pratica-e-permitida.ghtml>> acesso em 25/10/2023 às 11h50

<sup>42</sup> Disponível em < <https://www.sanidad.gob.es/eutanasia/ciudadania/informacionBasica.htm#:~:text=Es%20la%20Ley%20Org%C3%A1nica%203,actual%20como%20es%20la%20eutanasia.>> acesso em 25/10/2023 às 11h50

moribundo na hora decidir pela morte. Segundo a ONG *Derecho a Morrir*<sup>43</sup> *Dignamente* como é necessário assinatura de um médico, os pedidos para morrer assistidamente ficam estagnados por um longo período. Acarretando o prolongamento do sofrimento. Outra questão é a inexistência de serviços privados que façam o atendimento a pacientes na fila da morte assistida, ausência de clínicas particulares está desdobrando em duas problemáticas: a) prolongamento da vida não desejada, e b) os planos de saúde por não cobrirem a morte assistida, deixam seus clientes em situação de vulnerabilidade, pois estes não podem recorrer ao sistema de saúde nacional.

Diante desse cenário a, ONG *Derecho a Morrir Dignamente* e os interessados diretos na resolução dessas questões, se organizaram e propuseram medidas para sanar as problemáticas: a) que os centros públicos e privados, tenham protocolos para atendimento aos pacientes desejantes da morte assistida, b) anulação da possibilidade de adiar a decisão médica, e c) dispositivo para assessorar os médicos iniciantes no momento de elaborar a decisão sobre a morte assistida.

#### Grade analítica – geral

<b>Relação política, social e cultural da morte assistida</b>	<i>Ley Orgánica 3/2021, de 24 de marzo, de regulación de la eutanasia.</i> [Lei orgânica 3/2021, de 24 de março de regulamentação da eutanásia], a seu objetivo maior é sistematizar, equilibrar, dar seguridade jurídica e garantista a sociedade espanhola, a morte assistida como um tabu.
<b>Configuração da morte assistida enquanto um problema de ordem pública e as problemáticas que emergem entorno da prática</b>	Prolongamento da vida não desejada; vulnerabilidade dos sujeitos que não são atendidos pelo sistema de saúde público.
<b>Cooperação e a sociabilidade dos indivíduos mediada por interesses comuns</b>	Negociação com o Estado para que haja cooperação entre os centros públicos e privados; protocolos para atendimento aos pacientes desejantes da morte assistida; anulação da possibilidade de adiar a decisão médica.
<b>Negociação, recusa ou aceitação das normas do Estado em relação a morte assistida</b>	Organização de estratégias de ONG ( <i>Derecho a Morrir Dignamente</i> ) e os interessados na morte assistida; assessoramento de médicos iniciante.

As etapas ou movimentos executados dentro dessa categoria foram os seguintes:

- a) Categorização: definir quais experiências se inscrevem na relação de negociação com o Estado para execução da prática da morte assistida, em outros termos é selecionar amostragens onde ocorreram processos de colaboração, cooperação e comunicação entre os indivíduos;

<sup>43</sup> Informação obtida em: <https://derechoamorrir.org/> Acesso em 11/09/2023 às 11h

- b) Definição da morte assistida como problema público: essa etapa é a descrição das problemáticas que nascem da morte assistida e tomam o debate público. Necessário observar como essas problemáticas vão conduzir as ações dos indivíduos dentro de uma horizonte de engajamento;
- c) Verificação das estratégias: a partir da definição das problemáticas é preciso averiguar quais as estratégias discursivas, argumentativas, práticas, táticas e operacionais foram adotadas pelos indivíduos. Independente da estratégia adotada, ela precisa ter reverberação na conduta, nas ações e no comportamento dos indivíduos;

Isto posto, essas etapas constituem um esforço em mostrar uma transparência metodológica e uma descrição detalhada do processo de análise da morte assistida e dos processos de sociabilidade. Por fim, essa categoria possibilita a investigação dos atravessamentos provocados pela interação social e o reconhecimento da relação entre experiência, Estado e morte assistida.

### 3.2.2 Morte programada

Essa ferramenta permite ao investigador dialogar com o presente e com o virtual. Pegamos a definição de virtual no dicionário de filosofia de Nicola Abbagnano (2007) onde o termo significa aquilo que tem potencialidade. Não é nada imaginário, é uma condição existente no pensamento e pode se materializar no real. Nesta subtipologia a ideia de “programada” assume um aspecto temporal, pois a sua discussão está no campo da intervenção no presente para evitar ou mudar um dado futuro, aquilo que tem a potencialidade de existir.

Tal como a categoria anterior, está também permite investigar a potencialidade do acontecimento, se direcionando para ação ou comportamento. Tomamos a noção de ação ou comportamento inteligente da filosofia de Dewey (1979), para entender como essa categoria opera na relação indivíduo e a morte antecipada assistidamente. Esta subtipologia permite observar, adoção de uma ação do indivíduo, pós um dado futuro se tornar comunicável clinicamente. O sujeito é comunicando que em uma temporalidade mais ou menos calculável pelo saber médico será acometido por uma condição de sofrimento, definhamento e morte.

Para deixar essa relação presente e virtual mais visível aos olhos do leitor, convocamos para o texto ao nível de ilustração o caso da brasileira, Paloma Alecrim<sup>44</sup>, uma jovem mineira

---

<sup>44</sup> Informação obtida em < 'Sentia cansaço excessivo e descobri que tenho só mais 4 anos de vida' (uol.com.br)> Acesso em 30/03/2023 às 06h



que aos 26 anos recebeu o diagnóstico de Esclerose Lateral Amiotrófica<sup>45</sup> (ELA), o seu futuro encarnado enquanto materialidade discursiva foi apresentado na forma de diagnóstico: “o médico me levou a uma sala com mais cinco médicos, me deu o diagnóstico e me explicou que eu teria mais 2 a 4 anos de vida”.

Essa exemplificação nos permite visualizar mais nitidamente a causa (presente) e o virtual (futuro), no caso da jovem seu futuro foi diagnosticado negativamente. Em face disso, a concepção da categoria morte programada se materializa no cálculo das possibilidades para se realizar uma morte executada assistidamente. Resultando em uma morte encarnada diferente da morte presente no futuro comunicado pelo diagnóstico médico, a capacidade de escolha que torna outro futuro possível. Dewey (1979) ressalta a importância da ação inteligente “o resultado da ação tem importância. Sua sorte ou bem-estar estarão mais ou menos em jogo com o resultado dos acontecimentos” (p.137). Essa ação no presente é antes de tudo uma ação refletida.

Há uma diferença em desejar morrer como se era antes do ápice da doença e morrer durante o apogeu da enfermidade, essa diferença está no campo da ação, da partilha e do afeto. Quando o indivíduo faz a opção por antecipar a morte para evitar um determinado futuro, ele está influenciando diretamente nas possibilidades de como seria sua interação social.

O comunicar de um futuro orientará no presente às condutas e posicionamentos dos indivíduos e daqueles que fazem parte do seu círculo de interação social. No que se refere ao futuro, a morte programada permite descrever duas possibilidades:

- A) **Futuro definido clinicamente:** futuro definido pelo saber médico comunicado em forma de diagnóstico, entretanto ação do indivíduo em face do diagnóstico é que definirá se esse futuro será materializado ou não. Porque o indivíduo pode com uma ação consciente e procurando um determinado fim escolher outro futuro ou pode aceitar o futuro que lhe foi imposto. Dessa forma, não é possível afirmar que esse futuro clínico comunicado pelo saber médico se tornaria “efetivo”.
- B) **Futuro programado da morte:** o indivíduo não atualiza o sofrimento e nem o faz sentir no presente, ele pondera suas opções calculando as possibilidades para programar a sua morte. O futuro desejado enquanto uma morte executada assistidamente resultará das escolhas efetuadas no presente. Ação inteligente aqui é adotada em face da morte que se deseja ter e quando se cogita ter.

---

<sup>45</sup> A esclerose lateral amiotrófica (ELA) é provocada pela degeneração progressiva no primeiro neurônio motor superior no cérebro e no segundo neurônio motor inferior na medula espinhal.

A exemplo de um **futuro definido clinicamente** nos valemos do caso da brasileira, Ana Beatriz<sup>46</sup>, diagnosticada com câncer, sua previsão de vida era de 2 anos. Havia a opção da retirada do intestino onde estava o câncer juntamente com o tratamento de quimioterapia, existindo a possibilidade de recuperação. Mas, Ana Beatriz optou por não realizar nenhum dos procedimentos. Segundo a Ana Beatriz, após optar por não seguir o tratamento, seus dias são “atemporais”, passado, presente e futuro não se distanciam. Sentia-se livre por escolher viver a experiência de morrer em casa e ainda mais sem estar sofrendo.

A sua escolha fez frente a um futuro clinicamente comunicado, pois o tratamento poderia ter ou não um resultado. Mesmo sem optar pela morte assistida, o caso de Ana Beatriz nos permite observar, como ação tomada no presente enquanto uma atitude consciente impacta diretamente o modo como o indivíduo conduzirá a sua existência até a morte. Com a irrupção futuro clinicamente comunicado, se alterou a percepção do tempo. Para Mead (2008), o tempo se dá por “acontecimentos”, os eventos emergentes vão marcar como o tempo vai se desenrolar. Foi a consciência de Ana Beatriz no tocante a si, ao contexto e ao evento que permitiu ela notar essa mudança em relação à temporalidade.

Para exemplificar o **futuro programado da morte** nos valemos do caso de Anne Bert<sup>47</sup>, escritora francesa, descobriu em 2015 a sua condição de acometida pela ELA, tinha o diagnóstico de vida de aproximadamente 2 a 4 anos pós-agravamento dos sintomas. Definiu a sensação pós-diagnóstico como “não consigo imaginar meu corpo aprisionado, até a boca [...] apenas conseguindo mover seus olhos”.

A francesa optou por morrer assistidamente e programou para que sua morte coincidisse com a escritura de suas memórias que estão comunicadas em um livro<sup>48</sup>. Na obra ela relata desde o diagnóstico até a sua opção pela morte assistida, como ela bem diz “quero morrer em paz, antes de ser torturada”. O futuro comunicado de sofrimento mais as experiências passadas é o que move a escritora a tomar a ação de buscar pela morte assistida. Este amanhã sem escapatória, é subvertido por Bert, ao decidir antecipar a sua morte e assim evitando viver as condições reservadas pelo futuro clínico.

---

<sup>46</sup> Informação obtida em A mulher que decidiu enfrentar um câncer terminal sem tratamento | VEJA (abril.com.br) Acesso em 03/04/2023 às 14h

<sup>47</sup> Informação obtida em [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/12/internacional/1507798467\\_568423.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/12/internacional/1507798467_568423.html) Acesso em 03/04/2023 às 15h

<sup>48</sup> Informação obtida em <https://oglobo.globo.com/saude/livro-publicado-dois-dias-apos-morte-de-autora-debate-direito-eutanasia-21950511> Acesso em 27/05/2023 às 22h

Para Mead, o presente/agora é o lugar onde a realidade se manifesta, dessa forma o presente é sempre um instante emergencial, quando o futuro se torna comunicável passa a fazer parte do presente. Mesmo sendo uma virtualidade é preciso ajustá-lo. É na interação social onde o sujeito buscará os significados necessários para tal ajuste. É no acervo de quadros de sentidos enquanto estruturas cognitivas tendo a finitude como referência que o sujeito buscará um enquadramento para conformar a situação de ter o seu futuro comunicado e conseqüentemente gerir sua conduta em relação a esse amanhã por vir.

Essa categoria permite ao pesquisador refletir sobre a estrutura da experiência dos indivíduos na organização social, ou seja, como o futuro comunicado via diagnóstico médico faz com que o sujeito inserido em uma rede previamente enquadrada produza um rompimento e quais outros quadros ele convoca. Segundo Goffman (2012) ao ter uma experiência negativa o indivíduo se encontra em “apuros”, pois, ele nota que nenhum quadro em particular pode ser aplicado aquela situação ou o quadro julgado como aplicável não serve mais, ou, ele não se reconhece no quadro que parece aplicável.

É preciso olhar para interação social para compreender como a morte programada joga luz em uma determinada ação guiada que vai se desvelar em outros quadros de sentidos. Quando se dá o comunicar do futuro negativo do indivíduo não é somente ele a titubear diante da situação, aqueles que fazem parte do seu círculo de interação acabam por serem abalados. Isso se dá em razão da incapacidade de administrar o porvir dentro um esquema de sentidos, pois, como aponta Goffman (2012) todos os eventos podem ser gerenciados em um sistema convencional de crenças, quando isso não é possível ocorre um estranhamento da situação em curso.

Ao fazer a opção pela morte assistida, o indivíduo busca gerenciar e administrar os desvios oriundos da emergência do futuro comunicado clinicamente, tonalizando o futuro comunicado em algo passível de gerenciamento. Como os quadros de sentidos não são individuais, eles se dão na e pela cultura, aqueles que fazem parte do círculo de interação do indivíduo, devem também buscar novos quadros para compreender o que se passa.

À medida que o futuro comunicado clinicamente desorganizará os quadros de sentidos, a morte assistida possibilita uma reorganização e novas possibilidades de compreensão de como agir. Na reintrodução da finitude no debate público, por meio da morte assistida, outorga ao indivíduo com seu futuro comunicado clinicamente a possibilidade de identificar a situação a qual se faz frente. Dessa forma, nos interessa os enquadramentos convocados como estruturas cognitivas pelo indivíduo para lidar com o amanhã comunicado clinicamente.

A organização desse futuro convocado para fazer parte do presente em um novo quadro de sentido desencadeará novas possibilidades de interpretação e compreensão de situações que possam se assemelhar. À vista disso, esse enquadramento é antes de tudo uma forma de fixar um significado capaz de dar conta do amanhã comunicado clinicamente. Para que o leitor possa observar com maior clareza aplicabilidade da morte programada, vamos utilizar o caso da americana Brittany Maynard, que tinha câncer em estado terminal.

A americana Brittany Maynard<sup>49</sup>, a pós ser diagnosticada com câncer em estágio terminal, decidiu se mudar de São Francisco para o Oregon, Estado que permite a morte assistida para pacientes terminais. Maynard foi diagnosticada em janeiro (2014) com um glioblastoma, um tumor no cérebro, e mais tarde ouviu dos médicos que só teria seis meses de vida.

#### Segundo a jovem

Depois de meses de pesquisas, minha família e eu chegamos a uma conclusão dolorosa: não existe um tratamento que possa salvar minha vida, e os tratamentos que me foram recomendados destruiriam o tempo que me resta (Maynard).

Maynard planejava tomar um medicamento obtido com receita médica para tirar a vida quando sua dor se tornasse insuportável, em suas redes sociais anunciou aos amigos e seguidores:

Adeus a todos os meus queridos amigos e parentes que amo. Hoje é o dia que escolhi partir com dignidade diante de minha doença terminal, este terrível câncer cerebral que tirou tanto de mim [...] mas que poderia ter tomado muito mais (Maynard)

Desde a tomada da sua decisão dedicou suas últimas semanas de vida a uma campanha para que outros que se veem diante de uma morte iminente possam usufruir do mesmo direito, a não materialização do futuro comunicado clinicamente. Segundo os médicos, o seu fim seria doloroso e lento, em razão da agressividade do câncer. Em um vídeo<sup>50</sup> gravado por Maynard, ela explica que tomaria remédios para evitar a materialização das piores fases de sua doença.

#### Grade analítica – Caso Maynard

<b>Ação consciente no presente visando alterar o futuro</b>	Mudança para uma região onde a prática da morte assistida é legalizada; planejamento para tomar a medicação quando um certo ponto fosse alcançado.
---	--

<sup>49</sup> Disponível em < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/11/morre-americana-com-cancer-terminal-que-anunciou-suicidio-assistido.html>> Acesso em 26/10/2023 às 15h

<sup>50</sup> Disponível em < [https://www.youtube.com/watch?v=ZH\\_uRiWbRZU](https://www.youtube.com/watch?v=ZH_uRiWbRZU)> Acesso em 26/10/2023 às 14h

<b>Reorganização dos quadros de sentidos para lidar com a nova situação vital</b>	A conclusão de que os tratamentos ofertados não produziram os efeitos necessários e nem provocariam uma mudança na situação.
<b>Capacidade de ressignificar uma prática para intervir diretamente no cotidiano.</b>	A morte assistida significava para evitar a materialização das etapas mais severas da doença.

Fonte: autor (2023)

Vamos destrinchar o caso de Maynard para compreendermos mais a fundo a aplicabilidade da morte programada, mostrando as etapas que foram adotadas. As etapas executadas foram as seguintes:

- a) **Categorização:** definimos quais experiências se inscrevem na relação entre antecipação da morte como uma estratégia de gerenciamento da conduta em relação ao futuro que se tornou comunicável clinicamente;
- b) **Definição da ação consciente:** partindo da investigação sobre amostragem, é possível observar qual ação foi tomada de forma a provocar uma alteração no presente com o intuito de evitar a materialização da virtualidade clínica. No caso da americana, a mudança de Estado, essa conclusão foi possível em razão do delicado cálculo envolvido. Maynard teve que levar em consideração o estágio de sua doença para descobrir se sua experiência seria compatível com as determinadas pelo Estado para morrer assistidamente;
- c) **Descrever quais os quadros de sentidos convocados ou instaurados:** após a observação e definição da ação consciente, é preciso averiguar quais os quadros de sentidos estão presentes e como eles possibilitaram uma nova interpretação da situação e foram suporte para a ação consciente. Há uma relação de cooperação entre a morte programada e a morte partilhada, uma vez que é no espaço-comum que o indivíduo vai procurar quadros de sentidos para lidar com a situação que se apresenta. No caso de Maynard, podemos dizer que os quadros de sentido disponíveis se tornaram incompatíveis. Isso se torna compressível quando, em diálogo com a família, a jovem, reconhece que manter o tratamento ou significar a situação como passível de regressão, já não sustentavam a situação. Ao apontar em suas redes sociais “hoje é o dia que escolhi partir”, Maynard, convoca novos quadros de sentidos para compreender que naquele momento, a solução aceitável e viável, é a morte assistida. A partir desse novo quadro é que Maynard toma a decisão de mudar de Estado.

A partir dessas etapas, podemos apontar como a morte assistida foi ressignificada para solucionar uma questão, criar uma ruptura, uma intervenção no cotidiano. Essa mudança se

dá, no momento que Maynard percebe que o tratamento não solucionará a questão do seu futuro, a materialização das piores fases de sua doença. Maynard convoca a morte assistida para gerenciar e administrar a sua conduta, apoiada nos novos quadros de sentidos que permitem a jovem observar a situação de outra perspectiva. A morte assistida passa a ser compreendida como a resolução para não sofrer uma morte lenda e dolorosa, como apontaram os médicos.

### 3.2.3 Morte pensada

A morte pensada permite ao investigador, compreender e descrever como o sujeito que não tem uma condição terminal ou sofre com um definhamento físico, usa o pensamento reflexivo para significar a morte assistida para solucionar uma problemática. Há inúmeras problemáticas, mas talvez a que tenha maior visibilidade é a manutenção de uma existência a qual o sujeito julga estar cansado ou esgotado e não reconhece nos significados guardados em seu foro íntimo ou nos partilhados coletivamente, elementos para superar tal condição. Essa problemática pode nascer de diferentes interações entre o indivíduo e o mundo, seja a velhice, dependência do álcool, a recusa de manter uma vida a base de antidepressivos, doenças autoimunes ou simplesmente considerar que já se viveu o bastante.

O pensamento enquanto reflexivo vai se desdobrar sobre a natureza do que torna a vida um fardo. É preciso considerar a natureza do problema, este que determina a finalidade do pensamento e consequentemente a finalidade controla o pensamento (Dewey, 2007). A morte pensada permite investigar a escolha feita pelo indivíduo na bifurcação entre a manutenção de uma vida a qual o indivíduo considera esgotada e a possibilidade de antecipar a morte legalmente para resolver tal questão. Os significados atribuídos pelos sujeitos a morte assistida só fazem sentido se causar consequências na concretude da vida, como é uma prática irrepitível a decisão por experienciar a morte antecipadamente se dá no exame da própria existência.

Dewey diz que o pensamento reflexivo é dividido em pequenas unidades onde ligadas se dirigem ao fim comum. A morte pensada descreve, como a concatenação de todas essas unidades do pensamento, colocam a morte assistida como uma possibilidade de solução. Segundo Calcaterra (2015) na filosofia *deweyana* em especial no pensamento lógico, antes do indivíduo adotar uma ação inteligente com base no pensamento reflexivo, ele recorre às proposições. Essas são condições factuais ou ideacionais com uma função hipotética, permitem adiar a conduta/ação até a obtenção de uma solução adequada. Ao encontrar a melhor

solução e usá-la, se considera como um ato de pensamento reflexivo que será posteriormente convertido em juízo. Se em algum momento o sujeito se deparar com uma situação semelhante não será mais necessária uma intervenção investigativa, pois o sentido já estará fixado no juízo.

A morte pensada expande essas proposições para compreender o pensamento em enquanto um comportamento com implicações no cotidiano. Dessa forma, apresentamos algumas considerações sobre às proposições relativas à morte pensada, sejam elas factuais ou ideacionais: a) quando voltadas para morte elas são sempre externas ao indivíduo, com isso queremos dizer que o sujeito precisa organizar essas proposições de acordo com seu contexto e, b) não são universais, ou seja, não se pode recorrer a elas como instrumentos para lidar com problemas cotidianos, aplicação delas é específica.

Na perspectiva *deweyana* o juízo é aquilo que pode ser acessado pelo pensamento para lidar com uma determinada situação, em nossa perspectiva, o juízo passa ser chamado de juízo final, por ser a radicalização do pensamento reflexivo. O termo juízo final, na morte pensada, se assemelha a perspectiva *deweyana* no que se refere: ao fim da investigação ao encontrar a melhor solução para o dilema enfrentado.

Entretanto, se distancia em razão do seu próprio uso. Diferentemente do juízo proposto por Dewey, o juízo final não pode ser acessado uma segunda vez pelo indivíduo para lidar com uma situação semelhante, pelo simples fato de ser impossível recriar a prática da morte assistida. Apesar disso, o juízo final pode servir como referência para outros indivíduos. Para cada nova resolução criada pelo pensamento nasce também a possibilidade de questionar as condições para se recorrer à prática.

Se o pensamento ocupa um espaço primordial nessa categoria, a linguagem e a experiência também têm um papel importante. Não é possível buscar uma experiência apriorística da morte antecipada e muito menos um sujeito ontológico da prática. Isso significa que a linguagem não representa essa prática, ela vai antes constituir os sentidos sobre essa forma de morrer.

A linguagem é fundamental para constituição do pensamento e da significação das condutas (Quéré, 2010) o indivíduo ao desejar a morte por se sentir cansado de uma determinada forma de existência e acreditando não ser mais capaz de constituir uma nova forma de ser e estar no mundo, recorre à linguagem para comunicar isso.

Não se pode mensurar e muito menos verificar o esgotamento em relação à vida, não é um dado passível de mensuração, não é possível quantificar essa condição, resta comunicá-la. Nesse ponto, é pela sociabilidade da morte que os indivíduos vão se tornar interlocutores

dessa experiência de sofrimento, partilhada pelo discurso. É no interior do espaço-comum e pela linguagem que essa experiência passa a ser inteligível e comunicável. Diferentemente do computador a qual redijo estas palavras, o esgotamento não tem e não consegue encontrar nenhum ponto de apoio para sua verificação. A linguagem permite comunicar uma experiência que está no território das sensações (esgotamento). Não é do dia para noite que o sujeito passa a considerar-se cansado da vida que está levando. É numa trajetória, em uma sequencialidade onde se começa a comunicar para os outros essa sensação do cansaço de viver.

O contexto, dinâmica básica da comunicação em processo, é importante para se fazer entender o que está sendo comunicado. Quando sujeito fala de cansaço pode significar muitas coisas, mas é no contexto social onde está inserido que esse enunciado, a materialidade simbólica, ganha um sentido específico, determinado. Por essa razão que Dewey alerta sobre a importância do contexto na significação e no processo da comunicação.

Diante do exposto, vamos observar alguns casos para evidenciar aplicabilidade da morte pensada, partindo da grade analítica proposta na metodologia. O primeiro caso é o cineasta francês, Jean-Luc Godard.

Godard<sup>51</sup> solicitou a sua esposa, Anne-Marie Miéville, que ligasse para Roland Tolmatchoff, seu velho amigo, “Espero que seja notícia boa, e não uma notícia ruim”, respondia Tolmatchoff, do outro lado da linha. “Um pouco de ambas”, respondeu Miéville. “Vou te passar Jean-Luc.” Em uma frase curta disse ao amigo “Roland, um abraço, vou embora”.

Miéville anunciava para os amigos mais próximos à escolha do marido “Ele pediu uma morte voluntária para escapar do infortúnio dos dias”. Pierre Beck ex-vice-presidente da clínica onde Godard findou a vida disse “não foi por causa da doença ou do sofrimento”, Olivier Séguret amigo do cineasta, sentenciou “ele estava exausto, deprimido e não podia mais trabalhar”. Godard já não conseguia mais jogar tênis, a velhice havia roubado a juventude de seus joelhos, certa vez confidenciou ao seu taxista particular “estou muito cansado”.

#### **Grade analítica - caso Godard**

<b>Investigação do pensamento sobre a manutenção da vida</b>	Ele pediu uma morte voluntária para escapar do infortúnio dos dias
<b>A experiência do sofrimento escapa de uma representação patológica do viver</b>	não foi por causa da doença ou do sofrimento; ele estava exausto, deprimido e não podia mais trabalhar; estou muito cansado
<b>O pensamento como ferramenta de mudança no comportamento</b>	A investigação por parte de Godard se seria viável a manutenção da vida diante da impossibilidade de continuar trabalhando

**Fonte: autor (2023)**

<sup>51</sup> Informação obtida em <https://piaui.folha.uol.com.br/os-ultimos-dias-de-godard/> Acesso em 08/04/2023 às 22h



Antes de explicarmos detalhadamente as etapas executadas para alcançar tal grade, vamos apresentar os demais casos. Vejamos um caso de alcoolismo que resultou em uma morte assistida.

Mark<sup>52</sup>, holandês, 41, havia passado por 21 clínicas e não conseguia se distanciar da sua dependência alcoólica, apesar de não ter nenhuma doença terminal, considerou a ideia de viver com o vício e sendo internado compulsoriamente algo insuportável e cansativo. O contexto em que se desenrolava a experiência da dependência e das internações permitiu ao holandês a reflexão sobre a sua condição problemática.

O holandês tomou a decisão pela morte assistida após deliberar sobre às consequências da manutenção da experiência de viver com o alcoolismo, colocando em questão se a internação constante poderia ser considerada um modo de vida.

#### Grade analítica – caso Mark

<b>Investigação do pensamento sobre a manutenção da vida</b>	Incapacidade de superar o vício em álcool; a frustração por não reconhecer na ação tomada (internações) a possibilidade de um futuro diferente.
<b>A experiência do sofrimento escapa de uma representação patológica do viver</b>	ideia de viver com o vício e sendo internado compulsoriamente algo insuportável e cansativo
<b>O pensamento como ferramenta de mudança no comportamento</b>	decisão pela morte assistida após deliberar sobre às consequências da manutenção da experiência de viver com o alcoolismo, colocando em questão se a internação constante poderia ser considerada um modo de vida

Fonte: autor (2023)

Vejamos o nosso último caso. Em 2016, ocorreu um atentado no aeroporto de Bruxelas, na ocasião 30 pessoas morreram e outras 300 ficaram feridas, entre os feridos se encontrava uma jovem de 16 anos, Shanti de Corte<sup>53</sup>. Em 2022, a jovem solicitou a morte assistida, o motivo para tal decisão ela mesmo dizia em suas redes sociais “Recebo até 11 antidepressivos por dia. Eu não poderia viver sem isso. Com todos os remédios que tomo, me sinto como um fantasma que não sente mais nada [...] talvez houvesse outras soluções além dos remédios”. Corte sofria de pânico ao estar em lugares públicos e estava esgotada de viver com o medo constante de acreditar que a qualquer momento outro ataque poderia ocorrer.

A idade de Corte é a primeira coisa a saltar aos olhos, ela usava medicamentos e poderia continuar o tratamento e quem sabe superar o medo, pois era jovem e teria tempo para vencer

<sup>52</sup> Informação obtida em [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/31/internacional/1504197638\\_959922.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/31/internacional/1504197638_959922.html) Acesso 10/05/2023 às 15h

<sup>53</sup> Informação obtida em <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/apos-depressao-so-brevivente-de-atentado-terrorista-decide-por-eutanasia.phtml> Acesso em 14/04/2023 às 15h

o trauma. Mas, considerar exclusivamente o uso da medicação para dar conta dessa situação seria reduzir a relação organismo e ambiente a uma condição puramente farmacológica, não considerando a interação social. Se Corte sobreviveu e ainda era jovem, por qual razão ela desejaria morrer? A resposta para tal questão se encontra no contexto. O medo, o pânico e a vida dopada de medicamentos tornavam a manutenção da vida uma situação problemática. A solução encontrada para lidar com a problemática cotidiana já não se sustentava e os quadros de sentidos presentes, não suportavam de forma satisfatória a percepção da situação vivenciada. A experiência de viver com insegurança e não saber mais como lidar com isso tornavam a vida um fardo.

#### Grade analítica – caso Shanti

<b>Investigação do pensamento sobre a manutenção da vida</b>	Incapacidade de produzir encontros, pânico ao estar em lugares públicos e estava esgotada de viver com o medo constante de acreditar que a qualquer momento outro ataque poderia ocorrer.
<b>A experiência do sofrimento escapa de uma representação patológica do viver</b>	O excesso de medicação, e a sensação de não estar vivendo.
<b>O pensamento como ferramenta de mudança no comportamento</b>	A opção pela morte assistida para lidar com a situação que os remédios não conseguiam curar, o medo, pavor, insegurança e a incapacidade de estar em lugares públicos em razão do medo.

Fonte: Autor (2023)

Entre os casos apresentados, há elementos que atravessam os sujeitos: a) se colocar em um estado de dúvida e iniciar o processo de investigação sobre a manutenção da vida como está, b) fazer do pensamento reflexivo um instrumento para findar o estado de dúvida. Dessa forma, para chegarmos a grade analítica se fez necessário seguir um conjunto de etapas. À vista disso, para observarmos aplicabilidade da morte pensada, explicaremos os passos adotados na investigação.

As etapas para tal são: 1) investigar a definição da vida como um problema: o movimento aqui consistente em compreender como os indivíduos vão compreendendo e atribuindo uma problemática para vida. Mark, Godard e Shanti atribuíram à vida uma problemática, seja o alcoolismo, o cansaço de viver ou o fardo de viver a base de antidepressivos. É preciso observar como os indivíduos vão materializar e partilhar essa problemática na forma de discurso, para se fazer inteligível. Essa problemática não é natural da vida, ela emerge no próprio ato de viver e se relacionar;

2) Definir quais elementos presentes no cotidiano corroboram para que o indivíduo compreenda a vida como um problema: nessa etapa é preciso observar como cada um dos sujeitos vai apontar o que provoca na vida uma questão. No caso de Mark, observamos que as

internações compulsórias e a incapacidade de lidar com o alcoolismo, constituíam um fardo; para Godard, a incapacidade de voltar a trabalhar e o cansaço de viver, tornavam a vida uma problemática; e, no caso de Shanti, vimos que o medo provocado pelo trauma do atentado e a vida sustentada a base de antidepressivos, tornavam a vida da jovem um dilema. Em cada caso, o pensamento reflexivo, foi fundamental para compreender a situação;

3) Seleção dos critérios utilizados e descartados sobre a problemática: é necessário apontar no conjunto de elementos dentro de cada contexto, o que os indivíduos dispõem como ferramentas para lidarem com a problemáticas; quais dados são úteis ou não; quais elementos servem como hipóteses. Em cada um dos casos que mostramos, os indivíduos tiveram que fazer o exercício de calcular os limites e as possibilidades de alcance das suas ações. Ou seja, dentro de cada contexto quais elementos (ideacionais ou factuais) poderiam ser utilizados ou descartados. Uma vez que a utilização desses elementos tem como finalidade provocar uma alteração no comportamento reverberando na resolução da problemática;

4) última etapa, consiste em apontar de forma clara, qual a razão da vida se constituir um problema, esse passo é fundamental para compreender e dizer qual a razão da escolha de uma determinada solução, adotada pelo indivíduo. É a partir de toda a investigação feita anteriormente, que podemos observar a enunciação da problemática e como está vai conduzir a ação do sujeito em certo horizonte. No caso de Mark, ele observou que a experiência da dependência está associada a uma vida de remédios e internações, Godard identificou que a incapacidade de ser ativo e produtivo levaria a uma vida sem projeções e Shanti percebeu que a vida a base de antidepressivos era igual a sobreviver. Ao optar pela morte assistida, cada um dos sujeitos estabeleceu uma ação com um fim, sendo o caminho escolhido diante da bifurcação entre manter ou não tal existência, fruto da investigação.

Por fim, a morte assistida não resulta de uma experiência fechada em estados internos do indivíduo, mais na dimensão do processo de constituição e posicionamento do sujeito diante de uma determinada realidade. A morte pensada é esse olhar para o cotidiano, observando como na interação social a morte assistida passa a ser uma possibilidade para solucionar as intempéries. Dessa forma, não se trata de uma universalidade que conduz a morte assistida a uma certeza entre: organismo e meio, juízo e mundo. A morte pensada mostra que a morte assistida enquanto um juízo final da conta de solucionar uma problemática específica, diferente de qualquer outro juízo que necessita ser testado para ver o seu caráter de verdadeiro ou falso, a morte assistida é sempre verdadeira, ao menos para quem prática.

#### 4. ÚLTIMOS APONTAMENTOS

“Disse a ele (médico) que minha vida tinha sido maravilhosa e, que por mim tomava o ‘chazinho da meia-noite’ para ir desta para melhor. Que me deixassem fazer uma passagem digna, sem dor, rápida e consciente. Queria estar atenta para logo recomeçar meu caminho em outra dimensão”

Rita Lee em sua biografia

Essa pesquisa se constituiu como um exercício de significar uma prática, em sua dimensão comunicativa, de apontar as suas possibilidades e as potencialidades dentro de uma experiência mais geral de findar a vida. Ao propormos essas categorias do conhecimento buscou-se primeiramente estabelecer uma abordagem comportamental dos agentes e secundariamente dar uma especificidade para a prática. Ao descrevermos a morte assistida alargamos a sua dimensão tanto prática quanto investigativa. Quando observada enquanto um objeto comunicacional em uma perspectiva relacional e praxiológica passamos a considerar a interação dos indivíduos como fonte de ação e de mudança nos sentidos sobre a prática. As subtipologias jogam luz na importância de considerar o contexto, a experiência e a ação como elementos para se pensar a morte assistida. Deste modo, acreditamos que contribuimos para o campo da comunicação a medida que utilizamos o saber comunicacional para constituir ferramentas metodológicas para definir, explicar e descrever uma prática social. Esse movimento evidencia como a comunicação enquanto área do conhecimento da conta de explicar a vida e suas nuances.

Especificamente, buscou-se pensar novos objetos de conhecimento para compreender o fenômeno sociocultural contemporâneo da morte assistida em uma perspectiva comunicacional. Entretanto, reconhecemos as limitações deste trabalho, uma vez que o problema de pesquisa aqui apresentado não é fechado em si. A morte assistida pode gerar diversas pesquisas no campo comunicacional, numa relação interdisciplinar: abordando a prática em termos sociológicos, antropológicos ou até mesmo em termos históricos. Afinal, outras dimensões desse problema ainda merecem respostas, tal como: a morte assistida vista por uma outra perspectiva comunicacional levaria a quais análises? A morte assistida vista à luz da perspectiva pragmatista da comunicação deixa quais pontos sem resposta? As subtipologias tem a possibilidade de dialogar com outros campos teóricos? Essas e outras questões merecem respostas para uma melhor compreensão do morrer assistido.

A morte é um fenômeno existencial, cultural e social. Dessa forma, nos parece que a morte é muito mais cultural do que fechada em uma relação puramente biológica do sujeito

com as intempéries da vida. A morte, em especial a morte assistida, tem uma dimensão social onde se retira do sujeito a individualidade sobre a prática, ao longo da pesquisa compreendemos que a relação entre os homens e a morte assistida é mediada pela cultura. Esta que escreve no interior dessa relação suas regras, imposições e concepções. A forma que a morte assistida é praticada é a materialização das inscrições realizadas pela cultura, dependendo do contexto cultural do indivíduo às inscrições podem ser as mais diversas.

A dimensão cultural de uma sociedade sobre o que é a vida e a morte, vai pautar a conduta dos indivíduos, como também organizar o conjunto de práticas pertinentes a esses fenômenos. Os tratamentos paliativos, os procedimentos para findar a vida, a burocracia para morrer com apoio do Estado e as regras de cada país representam a materialidade da cultura sobre a prática. Em outros termos, quando um médico ou um juiz, negam o direito a morte assistida para um paciente, não há exclusivamente uma autonomia ou uma neutralidade, mas um atravessamento da cultura nesses sujeitos. Por mais que prezem pela neutralidade, não escapam das inscrições culturais referentes a vida e a morte.

A dimensão simbólica do sofrimento em decorrência do cansaço de viver ou de uma enfermidade são atravessados pela cultura, com a criação de instrumentos e técnicas de prolongamento da vida (não confundir com qualidade de vida), o sofrimento passa a ser compreendido num certo quadro de intempéries suportáveis ou não. É pela cultura que os sofrimentos passam a ser compreendidos como elementos fundamentais para pleitear a morte assistida.

Para encerrar, é necessário prosseguir esta pesquisa a fim de compreender com mais detalhamento a interface comunicação e morte assistida. Além disso, escrever sobre a morte e suas variações é um exercício de pensar a própria existência. Dewey dizia que há experiência quando ressignificamos os nossos encontros com o mundo, à vista disso escrever também é ter uma experiência: é a significação do mundo pelo olhar do pesquisador.

Ao leitor que me acompanhou nessa jornada desejo que quando a morte chegar, que ela o encontre vivo.<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> Adaptação de uma provérbio africano que diz: "Quando a morte chegar, que ela lhe encontre vivo" Vivo quer dizer vivendo a SUA vida, não a vida projetada por terceiros e sim a vida que você escolheu para viver com todas as dores e belezas.

## 5. REFERÊNCIAS

- ABBAGMANO, N. **Dicionário de Filosofia**, São Paulo: Martins Fontes, 2007
- ALVES, A. C. D. **Crenças Ocidentais e Orientais, Sentido de Vida e Visões de Morte**. 2013. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/4230>.
- ALVES, CASTRO. (1847 - 1871), "Balada do desesperado"
- ARIÉS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- ARISTÓTELES. livro V. In: **Metafísica de Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 2002.
- AS INVASÕES BÁRBARAS, Direção Denys Arcand, 2003, 1 filme, (01h 39min)
- ATAULFO ALVES; PAULO GESTA. **Na cadência do samba**. Gravadora Philips. 1963. Disponível em: <https://youtu.be/IypEfjnaSl8>. Acesso em 28/10/2022
- AZEVEDO, M. A. A. de. Solfieri, In: **Noite na taverna**, Porto Alegre: L&PM POCKET, 2016, p. 18-24
- BABO-LANÇA, Isabel. **Dimensões do acontecimento configuração, mediação, tempo e experiência**. Caleidoscópio Revista de comunicação e cultura, 2011.
- BANDEIRA, L. C. C. A MORTE E O CULTO AOS ANCESTRAIS NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS. **Último Andar (19)**, p. 45 – 52, 2010. ISSN 1980-8305.
- BANDEIRA, Manoel. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1974
- BARBOSA, M. **“A morte imaginada”**. XIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2004, UMESP, São Bernardo do Campo, SP. Anais eletrônicos.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara - Nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- BATISTA, R. S. **Às margens do Aqueronte:: finitude, autonomia, proteção e compaixão no debate bioético sobre a eutanásia**. 2006. 124 p. Tese (Programa de Pós-graduação em Ciências/ Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública) — Fiocruz
- BENETTI, M. Apropriação discursiva da morte pelo leitor. In: **Jornalismo e acontecimento: diante da morte**. Florianópolis: Insular, v3, 2012 p. 149-168
- BÍBLIA. Bíblia Sagrada: ave Maria. **Antigo Testamento**. São Paulo: Ave-Maria, 2017.

BRASIL, BRASÍLIA. Código Civil Brasileiro e legislações correlatas. **Código Civil Brasileiro e legislações correlatas**, Subsecretária de edições técnicas, Brasília, p. 1 – 616, 2008.

BRIGHENTI, A. M. **The new politics of visibility: Spaces, actors, practices and technologies in the visible**. Chicago: Intellect, 2022.

CALCATERRA, Rosa M. **Ideias concretas: percursos na filosofia de John Dewey**. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 129

CARROLL, Lewis. Um chá maluco. In: **Alice no País das Maravilhas**. São Paulo: Zahar, 2000.

CASTRO, J. C. de; CASTRO, M. C. de. Dispor-de-si-mesmo: Notas sobre o matar-se e a possibilidade da virtude no suicídio. **Problemata: R. Intern.**, v. 10, n. 5, p. 60 – 76, 2019. ISSN 2236-8612.

CEFAÏ, Daniel. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, 2009. p. 11-48.

CORNELIS DE WALL. In: **Sobrepragmatismo**. São Paulo: Edições Loyola. 2007, p. 250

DELEUZE, G. Vigésima Primeira Parte: Do Acontecimento. In: **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 151 – 157.

DEWEY, J. Cap V. Natureza, comunicação e significado. In: **Experiência e Natureza**. Coleção os pensadores – História das grandes ideias do mundo ocidental. São Paulo: Abril, 1974, p. 187-210.

DEWEY, J. Cómo se tiene una experiencia In: **El arte como experiência**. Barcelona: Paidós Estética 45, 2008, p. 41-68

\_\_\_\_\_. Experiência e pensamento. In: **Democracia e Educação: introdução à filosofia da educação**. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 1979, p. 152-165

\_\_\_\_\_. El patrón de la investigación. In: **La miséria de la epistemologia**. Madri: Biblioteca Nueva. 2000, p.113 – 132

\_\_\_\_\_. El problema de la formación del pensamiento. In: **Cómo pensamos: lá relación entre pensamiento reflexivo y processo educativo**. Barcelona: Paidós Ibérica. 2007, p. 19-69

DURKHEIM, E. O elemento social do suicídio. In: **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fonte, 2000, p. 381 – 413

EUROPA 51, Direção Roberto Rossellini, 1952, 1 filme, (01h 59min)

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta** - Ensaios para uma futurafilosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 1920

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2006. p. 79

FOUCAULT, Michel. Abram alguns cadáveres. In: **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 136-162.

FOUCAULT, Michel. Direito de morte e poder sobre a vida. In: **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017, p. 145 -174.

FOUCAULT, Michel. Aula de 24 de março de 1982. In: **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 429 - 441

FRANÇA, Vera R. V. Discutindo o modelo praxiológico da comunicação: controvérsias e desafios da análise comunicacional. In: **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em comunicação**/organizado por Vera Veiga França e Paula Simões. Porto Alegre: Sulina, 2018, p. 89-119

\_\_\_\_\_. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (organizadoras). **Acontecimento: Reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 39-51

\_\_\_\_\_. Louis Quéré: **dos modelos da comunicação**. Revista Fronteiras, estudos midiáticos, São Leopoldo-RS, v. V, n. 2, p. 37-51, dez. 2003

\_\_\_\_\_. Paradigmas da Comunicação : conhecer o quê? Ciber Legenda, n. 5, p. 1 – 19, jan 2001. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/issue/view/1927>.

FRANCISCO, EL HOMBRE. Campinas: gravadora independente, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/783qJgyQnno>. Acesso em 27/10/2022

FREUD, S. 1980. O estranho. In: S. FREUD, **Obras completas**. Rio de Janeiro, Imago, vol. XVII [1917-1919], p. 275-322.

FREUD, S. **Escritos sobre a Guerra e a Morte**. Covilhã: Universidade da Beira do Interior, 2009. P. 52

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**.

GRADIM, Anabela. O Contributo das Teorias de Framing para o Diálogo Intercultural. In: **Comunicação, cultura e sensibilidade: cadernos multimundos**/Benedito Dielcio Moreira, Pedro Pinto de Oliveira, Aclyse de Mattos (orgs). Bagé, RS, 2021. 186p; v1.

GURGEL, W. B. **DIREITOS SOCIAIS DOS MORIMBUNDOS**: Controle social e expropriação da morte nas sociedades capitalistas. 2008. 312 p. Tese (Programa de PósGraduação em Políticas Públicas) — Universidade Federal do Maranhão.

HEIDEGGER, M. A possibilidade da presença ser-toda e o ser-para-a-morte. **Ser e Tempo parte II**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012. cap. 1, p. 15 – 43.

HOBBS, T. Parte I – Do homem. In: **Leviatã ou Matéria, Palavra e Poder de um Governo Eclesiástico e Civil**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 18 – 131



IKIRU, Direção Akira Kurosawa, 1952, 1 filme, (02h 23min)

JANKÉLÉVITCH, V. **PENSAR LA MUERTE**. Buenos Aires:Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2004, p. 1-131

KARDEC, A. Da ação dos espíritos sobre a matéria. In: KARDEC, A. (Ed.). **O livros dos médiuns**: ou, guia dos médiuns e dos evocadores: espiritismo experimental. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003. cap. 1, p. 83 – 90.

KOVÁCS, M. J. (coord.). **MORTE E DESENVOLVIMENTO HUMANO**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. P. 226.

KOVÁCS, M. J. A caminho da morte com dignidade no século XXI. **Revista bioética**, v. 22, n. 1, p. 94 – 104, 2014.

LAPOUJADE, D. Modos de existência. In: **As existências mínimas**, São Paulo: n-1 edições, 2007, p 27 - 43

MARTINS, J. de S. (org.). **A morte e os mortos**: na sociedade brasileira. São Paulo: Editora Hucitec, 1983. p. 164

MARTINS, M. L. **Os sentidos da morte: na vida da mídia**. Curitiba: Appris, 2017, p. 1-17

MARTON, S. Uma questão de vida ou morte: a filosofia de Nietzsche e o problema da eutanásia. **HYPNOS**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 120 – 134, 2002.

MAUPASSANT, G. de. **Forte como a morte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993, p. 1-223

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 80

MEAD, G. H. Emergencia e Identidad In: **La filosofia del presente**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2008, p.221 – 234

MEAD, G. H. (1934/2010). Pensamento, Comunicação e O Símbolo Significante In: **Mente, Self e sociedade** (M. S. Mourão, trad.). Petrópolis: Editora Vozes, 2010. p. 187-205.

NANA CAYMMI. **Resposta ao tempo**. Rio de Janeiro: EMI, 1999. Disponível em: <https://youtu.be/1sYSsbW44O8>. Acesso em 28/10/2022

NASSER, E. Nietzsche e a morte. **CADERNOS DE FILOSOFIA ALEMÃ**, n. 11, p. 99 – 110, jan-jun 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. Morte Voluntária. In: **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003, p. 91-103

NOIVA CADÁVER, Direção Tin Burton, 2005, 1 filme, (01h 17min)

NOVAES, S. C. Funerais entre os Bororo. Imagens da refiguração do mundo. **Revista Antropologia**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 1 – 33, 2006.

PÊCEGO, A. J. F. de S.; SILVEIRA, S. S. da. Mistanásia: uma questão de direitos coletivos e cidadania. **Anais do Congresso Brasileiro de Processo Coletivo e Cidadania**, [S. l.], n. 1, p. p. 39–42, 2014, Petrópolis, Vozes, 2012.

PHILIP JACKSON. **Jhon Dewey y la tarea de filósofo**. 1. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2004. 192 p.

PIO XII. **Discorsi ai medici**, 1956. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1956.index.2.html>

POGREBINSCHI, T. **Pragmatismo: teoria social e política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005

PLATÃO. Terceiro Livro, In: **República**. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002.

QUÉRÉ, L. **A individualização do acontecimento no quadro da experiência pública**. Lisboa: Caleidoscópio, v. 10, p. 13-37, 2011.

QUÉRÉ, L. TERZI, C. Os fundamentos sensíveis da experiência pública. In: **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. cap. 7, p. 295 – 308.

QUÉRÉ, L. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmático. In: **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. Cap. 1, p. 21-38.

QUÉRÉ, L. De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico In: **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em comunicação**/organizado por Vera Veiga França e Paula Simões. Porto Alegre: Sulina, 2018, p. 15-50

QUÉRÉ, L. **Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento**. 2005 *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

RAUL SEIXAS. **Canto para minha morte**. São Paulo: Philips/Universal Music, 1976. Disponível em: <https://youtu.be/FHZpAnagMkc>. Acesso em 29/10/2022

REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.) **Império: a corte e a modernidade nacional, história da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

ROSÁRIO, N. M. do. FISCHER, M. E. Cadáveres eletrônicos e a ressimbolização da morte em seriados televisivos. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. IX, n. 1, p. 45 – 53, jan/abr.

SANTOS, Maria Celeste Cordeiro Leite, **Transplante de órgãos e eutanásia (liberdade e responsabilidade)**, Saraiva, 1992.

SARAMAGO, JOSÉ. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

SÉTIMO SELO, Direção Igmair Berman, 1957, 1 filme (01h 36min)

SILVA, A. C. da. **A morte e o morrer**: significados e implicações no viver de servidores da UFPE - um olhar integral à luz da formação human-a. 2021. 135 p. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Educação) — Universidade Federal de Pernambuco.

SIMÕES, P. G. **O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo**. 2012. 282 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas) — Universidade Federal de Minas Gerais.

SIMPLÍCIO, C. G. **Um olhar psicanalítico sobre a autonomia para morrer**. *Cultura e Psicanálise*, Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 83 – 90, jun 2016.

SOARES, M. Eutanásia e suicídio na cultura clássica greco-romana. In: **Humanística e Teologia**. 38:1 (2017) 23-17

SOBCHACK, Vivian. Inscrevendo o espaço ético: dez proposições sobre morte, representação e documentário. In. RAMOS, Fernando Pessoa. **Teoria contemporânea do cinema - volume II**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005. pp.127-157.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002

SOUZA, Vinicius. **Criando ícones: a construção da imagem das guerras pelas fotos. Discursos Fotográficos**. *Discursos Fotográficos Londrina*, v.10, n.16, p.85-109, jan./jun. 2014.

SOUZA, F. A. P. D.; GOUVEIA, M. **A HISTÓRIA DA EUTANÁSIA**. *Encontro de Iniciação Científica*, p. 1 – 14, 2012. ISSN 2176-8498. Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/viewFile/3802/3562>.

STURZA, J. M.; CASSIONATO, F. C. L. Viver: um dever ou um direito passível de exercício conforme a autonomia da vontade? **Revista Jurídica Cesumar**, n. 22, p. 291 – 308, 8 2022. ISSN 2176-918.

VERNANT, Jean-Pierre. A bela morte e o cadáver ultrajado. Tradução, Elisa A. Kossovitch e João. A. Hansen. **Discurso**, São Paulo, Editora Ciências Humanas, n. 9, 1978, p. 31-62.

VILLASENOR, R.L. & CONCONE, M.H.V.B. (2012, agosto). A celebração da Morte no imaginário popular mexicano. **Revista Temática Kairós Gerontologia**,15(4), pp. 37-47

VOVELLE, M. Sobre a morte, In: **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 2004

ZIEGLER, J. A morte africana. In: ZIEGLER, J. (Ed.). **Os vivos e a morte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977. cap. 1, p. 23 – 117.

**ANEXOS**

Apresentamos o modo como o produto final foi comunicado na defesa pública. Nos valem dos modos multimodais de comunicar a ciência, utilizando a estética do campo artístico da aquarela para transmitir nossas descobertas.

Vamos todos numa linda passarela  
De uma **quarela**  
Que um dia enfim descolorirá



É TARDE,



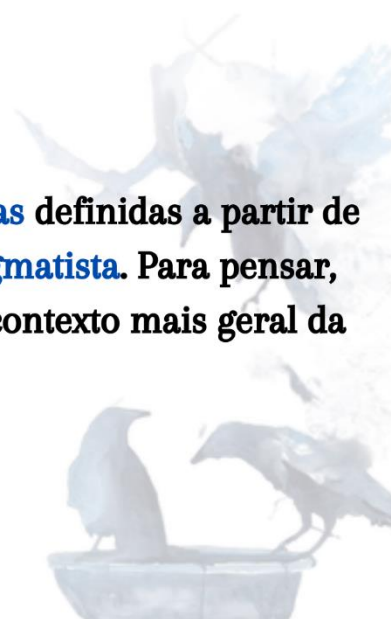
JÁ VOU INDO

ensaio sobre a morte assistida e suas subtipologias  
em uma abordagem comunicacional pragmatista

Aluno: Marcelo Almeida Duarte  
Orientador: Dr. Pedro Pinto de Oliveira  
Linha de Pesquisa: Estéticas e Narrativas

## Objetivo

constituir **categorias teóricas-metodológicas** definidas a partir de  
uma **visada comunicacional de base pragmatista**. Para pensar,  
descrever e definir a morte assistida, no contexto mais geral da  
experiência.



**primeiro**



**capítulo**

**diferentes formas de  
comunicar a morte**

**segundo**



**capítulo**

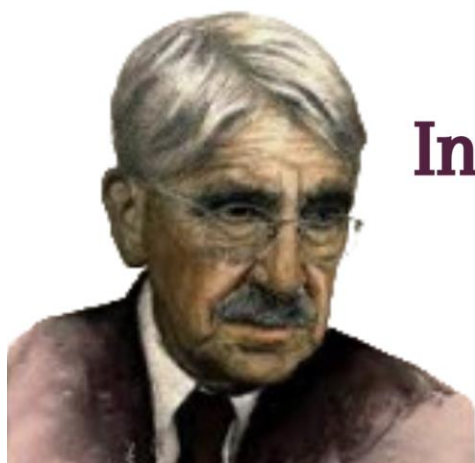
**uma abordagem pragmatista da  
comunicação e da morte assistida**





**Teórico**

**Concepção de comunicação que arquitetou o nosso olhar: Dewey (1974; 1979; 2000; 2007) Mead (2010), Louis Quéré (2005; 2012; 2018) , Vera França (2001; 2003; 2018) e Pedro Pinto de Oliveira (2017).**



**Instrumentalismo**



O primeiro movimento do pensamento foi a **indeterminação da situação**: morte assistida e comunicação. A relação entre ambas se apresenta como incerta, mas essa indeterminação *não parte dos estados mentais de quem escreve a pesquisa*, é a própria situação que a torna inerentemente incerta.

O movimento seguinte: **elaborar uma problemática**

a nossa questão ou problema de pesquisa, deveria movimentar não só as hipóteses, mas também o conjunto de conceitos a serem utilizados.

“ como se configura a prática social da morte assistida no contexto sociocultural contemporâneo, em uma abordagem comunicacional pragmatista? ”



**Se configura como:**



**A**to de antecipar a morte legalmente e amparada pelo dispositivo da medicina como resolução de uma problemática enfrentada pelo indivíduo no seu cotidiano.

**Exemplos de problemáticas:**

**vício em drogas, depressão, alcoolismo, doenças autoimunes, doenças degenerativas, acidentes graves, velhice, a vida sustentada por antidepressivos etc.**





**terceiro**

**capítulo**

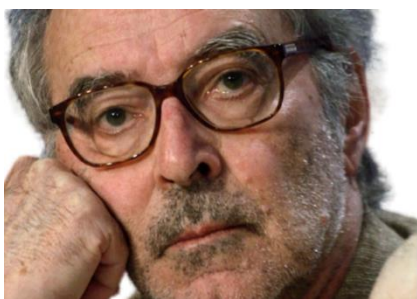
**subtipologias da morte  
assistida**

**S**ociabilidade da morte: permite **observar o processo de colaboração e cooperação** entre os indivíduos que desejam a morte.



Indivíduos acometidos por enfermidades, vícios ou cansados de viver são convocados a tomar a palavra, em um **processo de sociabilidade**, onde passam a usar de **estratégias discursivas e argumentativas para darem visibilidade a sua causa**. Como o caso das manifestações ocorridas em Portugal, em 2018, pela liberação da prática.

**M**orte pensada: visualiza-se como os sujeitos utilizam do **pensamento reflexivo para interpelar a vida e a sua manutenção**, colocando em questão se suportar a existência como se apresenta é uma opção viável



Jean-Luc Godard Imovision / Divulgação

a incapacidade de voltar a trabalhar e o cansaço de viver tornavam a vida uma problemática.



Ele pediu uma morte voluntária para escapar do infortúnio dos dias”



Miéville, esposa do cineasta





**M**orte programada: observa a morte assistida como a solução para escapar de um futuro que se tornou comunicável em forma de diagnóstico clínico, o sujeito é comunicado da existência de uma enfermidade degenerativa e num espaço-tempo mais ou menos calculável será acometido por uma condição de sofrimento, definhamento e morte




Maynard foi diagnosticada em janeiro (2014) com um glioblastoma, um tumor no cérebro, e mais tarde ouviu dos médicos que só teria seis meses de vida.




Brittany Maynard

Depois de meses de pesquisas, minha família e eu chegamos a uma conclusão dolorosa: não existe um tratamento que possa salvar minha vida, e os tratamentos que me foram recomendados destruiriam o tempo que me resta (Maynard)



**A** eficácia da criação das subtipologias como instrumentos metodológicos só é possível, quando, **postas para operarem de maneira a instituir, por intermédio de observação, fatos não observados previamente nos casos de morte assistida, constituindo instrumentos para a organização racional desses com outros fatos, num todo coerente**



A clareza dos passos adotados tem como pretensão mostrar a possibilidade de uma **replicabilidade** das ferramentas em diferentes contextos de morte assistida





<b>SOCIABILIDADE DA MORTE</b>	
<b>Categorização</b>	<b>Experiências + Estado negociação com o Estado para execução da prática da morte assistida</b>
<b>Definição da morte assistida como problema público</b>	<b>Descrição das problemáticas que nascem da morte assistida; condução das ações</b>
<b>Verificação das estratégias</b>	<b>Discursivas, argumentativas, práticas, táticas e operacionais foram adotadas pelos indivíduos</b>

<b>MORTE PROGRAMADA</b>	
<b>Categorização</b>	<b>Definir às experiências que se inscrevem na relação entre antecipação da morte como uma estratégia de gerenciamento da conduta.</b>
<b>Definição da ação consciente</b>	<b>Qual ação foi tomada para provocar uma alteração no presente com o intuito de evitar a materialização da virtualidade clínica</b>
<b>Descrever quais os quadros de sentidos convocados ou instaurados</b>	<b>Quais os quadros de sentidos estão presentes e como eles possibilitaram uma nova interpretação da situação sendo suporte para a ação consciente</b>

<b>MORTE PENSADA</b>	
<b>Investigar a definição da vida como um problema</b>	<b>Como os indivíduos vão compreendendo e atribuindo uma problemática para vida</b>
<b>Elementos problemáticos</b>	<b>Quais elementos presentes no cotidiano corroboram para o indivíduo compreender a vida como um problema</b>
<b>Seleção dos critérios utilizados e descartados sobre a problemática</b>	<b>Conjunto de elementos que os indivíduos dispõem como ferramentas para lidarem com às problemáticas; quais dados são úteis ou não; quais servem como hipóteses.</b>

## REFERÊNCIAS

DEWEY, J. Cap V. Natureza, comunicação e significado. In: **Experiência e Natureza**. Coleção os pensadores – História das grandes ideias do mundo ocidental. São Paulo: Abril, 1974, p. 187-210.

DEWEY, J. Cómo se tiene una experiencia In: **El arte como experiencia**. Barcelona: Paidós Estética 45, 2008, p. 41-68

----- . Experiência e pensamento. In: **Democracia e Educação: introdução à filosofia da educação**. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 1979, p. 152-165

----- . El patrón de la investigación. In: **La miséria de la epistemología**. Madri: Biblioteca Nueva. 2000, p.113 – 132

----- . El problema de la formación del pensamiento. In: **Cómo pensamos: lá relación entre pensamiento reflexivo y processo educativo**. Barcelona: Paidós Ibérica. 2007, p. 19-69

FRANÇA, Vera R. V. Discutindo o modelo praxiológico da comunicação: controvérsias e desafios da análise comunicacional. In: **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em comunicação**/organizado por Vera Veiga França e Paula Simões. Porto Alegre: Sulina, 2018, p. 89-119

----- . O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (organizadoras). **Acontecimento: Reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 39-51

----- Louis Quéré: **dos modelos da comunicação**. Revista Fronteiras, estudos midiáticos, São Leopoldo-RS, v. V, n. 2, p. 37-51, dez. 2003

----- Paradigmas da Comunicação : conhecer o quê? **Ciber Legenda**, n. 5, p. 1 - 19, jan 2001. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/issue/view/1927>.

MEAD, G. H. Emergencia e Identidad In: **La filosofia del presente**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2008, p.221 - 234

MEAD, G. H. (1934/2010). Pensamento, Comunicação e O Símbolo Significante In: **Mente, Self e sociedade** (M. S. Mourão, trad.). Petrópolis: Editora Vozes, 2010. p. 187-205.

OLIVEIRA, P. P. (2017). From Schutz to Dewey: communication and everyday life. **Revista Estudos em Comunicação**, 1(25), 163-175. Doi: 10.20287/ec.n25.v1.a10

QUÉRÉ, L. **A individualização do acontecimento no quadro da experiência pública**. Lisboa: Caleidoscópio, v. 10, p. 13-37, 2011.

QUÉRÉ, L. TERZI, C. Os fundamentos sensíveis da experiência pública. In: **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. cap. 7, p. 295 - 308.

QUÉRÉ, L. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmático. In: **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. Cap. 1, p. 21-38.

QUÉRÉ, L. De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico In: **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em comunicação**/organizado por Vera Veiga França e Paula Simões. Porto Alegre: Sulina, 2018, p. 15-50

QUÉRÉ, L. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. 2005 **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.